A Sociedade Industrial e o Seu Futuro

O MANIFESTO DO UNABOMBER

por

Theodore Kaczynski

Amadora, 2022
www.libertaria.pt

ÍNDICE

—

Prefácio

Escrever sobre Theodore Kaczynski não é de todo fácil, contudo não é inocente que tenhamos optado pelo seu *A Sociedade Industrial e o Seu Futuro* para iniciarmos as hostilidades com o primeiro volume da colecção *Ecologia Libertária*. O processo de edição deste livro foi longo e moroso, foi vergonhosamente iniciado no distante 2007 quando integrei o Colectivo Eco-Anarquista, abandonada ao percebermos que já existia uma edição em língua portuguesa[1] com uma tiragem de 2.000 exemplares, então ainda facilmente encontrada em vários alfarrabistas.

Ao longo dos anos fomos vários os que tentamos traduzir esta obra, sendo que actualmente se encontram pelo menos duas outras traduções disponíveis gratuitamente em formato digital, sinal do fascínio que o Unabomber ainda hoje capta tanto no Brasil como em Portugal. A que aqui vos chega foi traduzida na integra por João Franco e Álvaro Fernandes, revista por mim dada a minha afinidade para com os movimentos eco-anarquistas e anarco-primitivistas.

Tornou-se necessária ao repararmos que já dificilmente se encontram exemplares da edição original e que está mais vivo que nunca o debate em redor do decrescimento, do regresso à terra, do avassalador poder que possuem actualmente as redes sociais, do perigo que tal significa para as democracias e de um número cada vez maior de trabalhadores que irá ficar pelo caminho graças à aplicação industrial de robots e de Inteligência Artificial que os estão a transformar já em mão-de-obra obsoleta.

O mundo que o Unabomber tinha previsto já é de certo modo o mundo em que vivemos e a sua crítica mais incómoda

[1] Tradução de Cândida Paz e Júlio Henriques, editada pela Fenda em 1997 como 6º volume da colecção Fósforo.

—

e com a qual ainda hoje discordamos, embora se tenha tornado generalizada entre algumas correntes eco-libertárias (o pós-esquerdismo) nos continentes americano e europeu, ganha nova vida com o advento da esquerda *woke*, a esquerda identitária tornou-se o reflexo político da esquerda que Kaczynski caricaturara na altura e em muitos dos seus escritos contemporâneos (sim, mesmo atrás das grades o Unabomber já escreveu vários ensaios e um novo livro).

Embora concordemos com algumas das críticas que este e outros intelectuais libertários mais heterodoxos como John Zerzan e Bob Black têm dirigido ao que apodam de "esquerdismo" e tenham surgido movimentos ecologistas e defensores dos direitos dos animais que se assumem como apolíticos com algum sucesso tanto ao nível activista (IRA – Intervenção e Resgate Animal) como eleitoral (PAN – Pessoas, Animais, Natureza), na realidade em pleno século XXI e com uma catástrofe climática cada vez mais flagrante, a ponta-de-lança pela preservação do mundo natural continua ainda a ser a esquerda, mais concretamente a esquerda socialista libertária. Pelo menos quando esta se concentra no combate político essencial: a emancipação dos trabalhadores que tornará obsoleta a figura do Estado.

Dito isto, é inegável que a nossa civilização se encontra num ponto de viragem e tanto os poderes instalados como as forças de oposição pouco mais levam a cabo do que manobras de diversão, dispersando energias com pequenas causas e prometendo mudanças para daqui a décadas, quando já será tarde demais.

Pela nossa parte julgamos ser difícil mudar ou derrubar o sistema, mas ainda é possível tentar viver fora deste ou, pelo menos, da sua lógica. Esperemos que este volume o auxilie a compreender melhor o mundo que o rodeia, nunca uma crítica foi tão pertinente.

Flávio Gonçalves
Amadora, Janeiro de 2022

—

INTRODUÇÃO

1. A Revolução Industrial e as suas sequelas foram um desastre para a espécie humana. Aumentaram em muito a esperança de vida nos países "desenvolvidos", mas desestabilizaram a sociedade, infernizaram-nos a vida, vexaram os seres humanos, universalizaram o sofrimento psicológico, somado ao material no Terceiro Mundo e infligiram severos danos ao meio ambiente. O desenvolvimento incessante da tecnologia irá piorar a situação. Certamente irá sujeitar o ser humano a maiores indignidades e infligirá maiores danos ao mundo natural, verosimilmente conduzirá a uma maior disrupção social e sofrimento psicológico, podendo acarretar um crescente sofrimento físico, mesmo nos países ditos "avançados".

2. O sistema industrial-tecnológico poderá sobreviver ou colapsar. Se perdurar, PODERÁ eventualmente alcançar um baixo nível de sofrimento físico e psicológico, mas somente após passar por um longo e muito doloroso período de ajustamento e só a expensas de reduzir permanentemente os seres humanos e muitos outros organismos vivos a produtos de *design* de engenharia, a meras peças na engrenagem social. Para cúmulo, se o sistema sobreviver, as consequências serão inevitáveis: não existe maneira de reestruturar ou modificar o sistema de forma a impedi-lo de privar as pessoas da sua dignidade e autonomia.

3. Se o sistema cair as consequências serão, não obstante, muito dolorosas. Mas quanto mais o sistema crescer, mais desastrosos serão os resultados do seu colapso, por isso a colapsar quanto mais cedo melhor.

4. Advogamos, por conseguinte, uma revolução contra o sistema industrial. Esta poderá ou não fazer uso de violência; poderá acontecer subitamente ou ser um processo relativamente gradual estendendo-se por algumas décadas. Não o podemos prever de todo. Contudo delineamos de um

—

modo muito geral as medidas a desenvolver por aqueles que odeiam o sistema industrial, de molde a preparar o caminho para uma revolução contra esta forma de sociedade. Esta não será uma revolução POLÍTICA. O seu objectivo não será o de derrubar governos, mas a base económica e tecnológica da sociedade contemporânea.

5. Neste artigo debruçamo-nos apenas sobre alguns dos desenvolvimentos negativos que emergiram do sistema industrial-tecnológico. Outros mencionamos apenas brevemente ou ignoramos de todo. Tal não significa que os consideremos como despiciendos. Por razões práticas temos de confinar a nossa discussão a áreas pouco escrutinadas pelo público ou àquelas em que temos algo de novo a dizer. Por exemplo, uma vez que há movimentos ambientalistas e da vida selvagem bem desenvolvidos, escrevemos muito pouco sobre degradação ambiental ou a destruição da vida selvagem, pese embora considerarmos tais assuntos como sendo de extrema importância.

—

A PSICOLOGIA DO ESQUERDISMO MODERNO

6. Quase toda a gente concordará que vivemos numa sociedade profundamente perturbada. Uma das mais difundidas manifestações de insanidade no nosso mundo é o esquerdismo, como tal uma discussão sobre a psicologia do esquerdismo poderá servir como um intróito para a discussão dos problemas da sociedade moderna em geral.

7. Mas o que é o esquerdismo? Durante a primeira metade do século XX este mimetizava-se com o socialismo. Hoje o movimento está fragmentado e não é claro a quem podemos apodar de esquerdista com propriedade. Quando falamos de esquerdistas neste artigo temos sobretudo em mente: socialistas, colectivistas, espécimes do "politicamente correcto", feministas, activistas gay e dos deficientes, activistas dos direitos dos animais e quejandos. Mas nem toda a gente que faz parte de um destes movimentos é esquerdista. Ao examinarmos o esquerdismo o que queremos caracterizar não é tanto um movimento ou uma ideologia, mas sim um tipo psicológico, ou melhor uma colectânea de tipos relacionados. Assim sendo o que entendemos por "esquerdismo" emergirá mais claramente no decurso da nossa discussão da psicologia esquerdista. (Ver igualmente parágrafos 227-230.)

8. De qualquer das formas a nossa conceptualização do esquerdismo ficará aquém da clareza que pretenderíamos, mas para tal não parece haver qualquer remédio. Tudo o que intentamos é delinear de forma grosseira e aproximativa as duas tendências psicológicas que estamos em crer serem a principal força motriz do esquerdismo moderno. Não pretendemos de forma alguma afirmar que enunciamos aqui, na ÍNTEGRA, a verdade sobre a psicologia esquerdista. Para mais a nossa análise destina-se a ser somente aplicada ao esquerdismo moderno. Deixamos em aberto até que ponto esta

poderia ser aplicada aos esquerdistas do século XIX e inícios do século XX.

9. Às duas tendências psicológicas subjacentes ao esquerdismo moderno chamamos “sentimentos de inferioridade” e “hiper-socialização”. Os sentimentos de inferioridade são característicos do esquerdismo moderno como um todo, enquanto a hiper-socialização é característica apenas de um certo segmento do esquerdismo moderno; mas este segmento é altamente influente.

—

SENTIMENTOS DE INFERIORIDADE

10. Quando nos referimos a "sentimentos de inferioridade" não é apenas no sentido estrito, mas a todo um espectro de características relacionadas; baixa auto-estima, sentimentos de impotência, tendências depressivas, derrotismo, culpa, auto-ódio, etc. Afirmamos que os esquerdistas modernos tendem a ter alguns destes sentimentos (porventura mais ou menos reprimidos) e que tais sentimentos são decisivos para determinar o rumo do esquerdismo moderno.

11. Quando alguém interpreta como sendo derrisório quase tudo o que sobre ele é dito (ou sobre grupos com os quais se identifica) concluímos que tem sentimentos de inferioridade ou baixa auto-estima. Esta tendência predomina entre os activistas dos direitos das minorias, quer pertençam ou não aos grupos minoritários cujos direitos defendem. São hipersensíveis quanto às palavras usadas para designar as minorias e sobre o que quer que seja dito em relação a estas. Os termos: "negro", "oriental", "deficiente" ou "gaja" para um africano, um asiático, uma pessoa com deficiência ou uma mulher originalmente não tinham uma conotação pejorativa. "Tipa" e "gaja" eram meramente os equivalentes femininos de "gajo", "mano" ou "fulano". As conotações negativas foram atribuídas a estes termos pelos próprios activistas. Alguns activistas dos direitos dos animais chegaram mesmo ao ponto de rejeitar o termo "animal de estimação" insistindo em que fosse substituído por "animal de companhia". Os antropólogos esquerdistas envidam grandes esforços para evitar dizer algo sobre os povos primitivos que presumivelmente possa vir a ser interpretado como negativo. Querem substituir o vocábulo "primitivo" por "não literato". Quase roçam a paranóia sobre o que quer que seja que possa sugerir que qualquer cultura primitiva é inferior à nossa. (Não queremos com isto sugerir que as culturas primitivas SÃO inferiores à nossa. Tão-

somente destacamos a hipersensibilidade dos antropólogos esquerdistas.)

12. Os mais susceptíveis à terminologia "politicamente incorrecta" não são o comum habitante negro do gueto, o imigrante asiático, mulheres abusadas ou deficientes, antes uma minoria de activistas, muitos dos quais nem sequer pertencem a qualquer grupo "oprimido", provindo de estratos privilegiados da sociedade. O politicamente correcto tem o seu baluarte entre professores universitários, com empregos seguros e salários confortáveis, na sua maioria homens brancos heterossexuais, de famílias da classe média e média-alta.

13. Muitos esquerdistas identificam-se intensamente com os problemas de grupos cuja imagem transparecida é de fraqueza (mulheres), derrota (índios americanos), repulsa (homossexuais) ou que denote qualquer outra forma de inferioridade. Os próprios esquerdistas sentem que estes grupos são inferiores. Nunca admitiriam no seu íntimo que têm tais sentimentos, mas é precisamente porque vêem estes grupos como inferiores que se identificam com os seus problemas. (Não queremos sugerir que as mulheres, índios, etc. SÃO inferiores; estamos apenas a salientar um ponto acerca da psicologia esquerdista.)

14. As feministas desesperam ansiosamente por provar que as mulheres são tão fortes e capazes quanto os homens. Claramente vexa-as um certo medo de que as mulheres possam NÃO ser tão fortes e capazes quanto os homens.

15. Os esquerdistas tendem a odiar tudo o que aparente ser forte, bom e bem-sucedido. Odeiam a América, odeiam a civilização ocidental, odeiam os homens brancos, odeiam a racionalidade. As razões que os esquerdistas aventam para odiar o Ocidente, etc., claramente não condizem com os seus reais motivos. DIZEM que odeiam o Ocidente porque é belicista, imperialista, sexista, etnocêntrico e assim por diante, mas quando estas mesmas falhas aparecem em países socialistas, ou em culturas primitivas, o esquerdista encontra

—

desculpas para elas, ou na melhor das hipóteses RELUTANTEMENTE admite que existem; enquanto ENTUSIASTICAMENTE destaca (e muitas vezes exagera grandemente) tais falhas quando aparecem na civilização ocidental. Por conseguinte é claro que estas não são o motivo real para o esquerdista odiar a América e o Ocidente. Odeia a América e o Ocidente por serem fortes e bem-sucedidos.

16. Palavras como “auto-estima”, “autossuficiência”, “iniciativa”, “empreendedorismo”, “optimismo”, etc., desempenham um papel muito pequeno no vocabulário liberal e esquerdista. O esquerdista é anti-individualista, pró-colectivista. Quer que a sociedade resolva os problemas de toda a gente, satisfaça as suas necessidades e tome conta delas. Não é o tipo de pessoa que tenha autoconfiança na sua aptidão para resolver os seus próprios problemas e satisfazer as suas próprias necessidades. O esquerdista opõe-se ao conceito de competição porque, lá no fundo, sente que é um falhado.

17. As formas de arte apelativas para os intelectuais esquerdistas modernos tendem a focar-se na sordidez, no derrotismo e no desespero, ou então tomam um tom orgiástico, descartando o exame racional como se fosse inútil acalentar a esperança de alcançar o que quer que seja através do raciocínio lógico e tudo o que restasse fosse imergir-se nas sensações do momento.

18. Os filósofos esquerdistas modernos tendem a descartar a razão, a ciência e a realidade objectiva, insistindo em que tudo é culturalmente relativo. É verdade que nos podemos deveras questionar sobre os fundamentos do conhecimento científico e sobre como, se de todo, poderemos definir o conceito de realidade objectiva. Mas é óbvio que os filósofos esquerdistas modernos não são simplesmente racionalistas de cabeça fria analisando sistematicamente os alicerces do conhecimento. Estão profundamente envolvidos emocionalmente no seu ataque à verdade e à realidade. Atacam estes conceitos por causa das suas próprias necessidades psicológicas. Por um lado, o seu ataque é uma

válvula de escape para a hostilidade, e, na medida em que é bem-sucedido, satisfaz a sua vontade de poder. Mais ainda, o esquerdista odeia a ciência e a racionalidade porque estas classificam certas crenças como verdadeiras (isto é, bem-sucedidas, superiores) e outras como falsas (isto é, falhadas, inferiores). Os sentimentos de inferioridade do esquerdista estão tão enraizados que este não pode tolerar qualquer nomenclatura divisória entre bem-sucedida ou superior e falhada ou inferior. Tal também subjaz à rejeição por muitos esquerdistas do conceito de doença mental e da utilidade dos testes de QI. Os esquerdistas são contrários às explicações genéticas das capacidades ou comportamento humanos porque estas são propensas a que algumas pessoas aparentem ser superiores ou inferiores a outras. Os esquerdistas preferem atribuir à sociedade o crédito ou a culpa pela capacidade de um indivíduo ou pela falta dela. Assim se uma pessoa é "inferior" a culpa não é dela, faltaram-lhe oportunidades, mas da sociedade.

19. O esquerdista não é tipicamente o tipo de indivíduo cujos sentimentos de inferioridade o transformem em fanfarrão, ególatra, tiranete, auto-promotor ou competidor impiedoso, ainda não perdeu totalmente a fé em si próprio. Sofre de um défice no seu senso de poder e auto-estima, mas ainda se poderia conceber como capaz de ser forte, o seu comportamento rebarbativo[2] é produto dos seus esforços nessa direcção. Mas o esquerdista já foi longe demais para tal. Os seus sentimentos de inferioridade estão tão arraigados que não consegue equacionar-se como forte e válido per si. Daí o colectivismo do esquerdista. Apenas enquanto membro de uma grande organização ou de um movimento de massas com que se identifique se pode sentir forte.

20. Reparem nas tendências masoquistas das tácticas esquerdistas. Protestam deitando-se à frente de veículos, provocam intencionalmente a polícia ou elementos racistas

---

2 Afirmamos que TODOS, ou pelo menos a maioria dos tiranetes e competidores impiedosos sofrem de sentimentos de inferioridade.

para que estes os maltratem, etc. Estas tácticas podem ser assaz eficazes, mas muitos esquerdistas usam-nas não como meios para alcançar um fim, mas porque PREFEREM tácticas masoquistas. O auto-ódio é uma característica esquerdista.

21. Os esquerdistas podem afirmar que o seu activismo é motivado por compaixão ou princípios morais, de facto para o esquerdista do tipo hiper-socializado a moral desempenha um papel relevante. Mas a compaixão e a moralidade não podem ser os principais motivos para o activismo esquerdista. A hostilidade é um elemento demasiado proeminente da sua conduta; tal como a vontade de poder. Além do mais, muito do comportamento esquerdista não é racionalmente calculado em benefício das pessoas que estes afirmam estar a tentar ajudar. Por exemplo, se alguém acredita na bondade da discriminação positiva a favor das pessoas negras que sentido fará exigir a discriminação positiva em termos hostis ou dogmáticos? Obviamente seria mais produtivo tomar uma abordagem diplomática e conciliatória que faria pelo menos concessões verbais e simbólicas aos brancos que pensam que a discriminação positiva é discriminatória contra eles. Mas os activistas esquerdistas não tomam tal abordagem porque tal não satisfaria as suas necessidades emocionais. Ajudar as pessoas negras não é o seu verdadeiro objectivo. Em vez disso, os problemas raciais servem como desculpa para expressarem a sua própria hostilidade e vontade de poder malograda. Ao fazê-lo, na verdade prejudicam as pessoas negras, porque a atitude hostil dos activistas para com a maioria branca tende a intensificar o ódio racial.

22. Se a nossa sociedade não tivesse quaisquer problemas, os esquerdistas teriam de os INVENTAR de modo a fornecer-lhes um pretexto para fazerem algazarra.

23. Enfatizamos que o supramencionado não pretende ser o retracto fiel de todo e qualquer que possamos considerar esquerdista. É apenas um esquisso de uma tendência geral do esquerdismo.

—

HIPER-SOCIALIZAÇÃO

24. Os psicólogos usam o termo "socialização" para designar o processo pelo qual as crianças são condicionadas para pensar e agir tal como a sociedade o exige. Diz-se de uma pessoa que está bem socializada quando esta acredita e obedece ao código moral da sua sociedade nela se encaixando funcionalmente. Dizer que muitos esquerdistas são hiper-socializados pode soar algo abstruso, uma vez que o esquerdista é encarado como um rebelde. Não obstante, a postura é atendível. Muitos esquerdistas não são tão rebeldes como podem parecer.

25. O código moral da nossa sociedade é tão exigente que ninguém pode pensar, sentir ou agir de um modo completamente moral. Por exemplo, não é suposto odiarmos alguém, contudo quase toda a gente o faz numa ou noutra circunstância, quer o admita no seu íntimo ou não. Algumas pessoas são tão hiper-socializadas que a tentativa de pensar, sentir e agir moralmente é um duro fardo que se lhes impõe. De molde a evitar sentimentos de culpa auto-iludem-se incessantemente sobre os seus próprios motivos, encontrando explicações morais para sentimentos e acções que na realidade têm uma origem amoral. Usamos o termo "hiper-socializadas" para descrever tais pessoas.[3]

26. A hiper-socialização pode conduzir a baixa auto-estima, a um sentimento de impotência, de derrotismo, de culpa, etc. Um dos meios mais importantes que a nossa sociedade emprega para sociabilizar as crianças consiste em fazê-las sentir-se envergonhadas por comportamentos ou palavras contrárias às expectativas sociais. Se o processo é excessivo, ou se uma dada criança é particularmente susceptível a tais sentimentos, acaba por sentir-se envergonhada de SI

---

3 Durante o período Vitoriano muitas pessoas hiper-socializadas sofriam de sérios problemas psicológicos como resultado de reprimirem ou de tentarem reprimir os seus desejos sexuais. Aparentemente Freud baseou as suas teorias em pessoas deste tipo. Hoje o foco da socialização transferiu-se da sexualidade para a agressão.

—

MESMA. Além do mais o pensamento e o comportamento da pessoa hiper-socializada são mais restringidos pelas expectativas da sociedade do que são aqueles das pessoas levemente socializadas. A maioria das pessoas envolve-se numa quantidade significativa de comportamento impróprio. Mentem, cometem pequenos furtos, violam as leis de trânsito, engonham no trabalho, odeiam alguém, dizem coisas maldosas ou usam truques dissimulados para passar à frente do outro tipo. A pessoa hiper-socializada não pode fazer tais coisas, ou se as faz gera em si mesma uma sensação de vergonha e auto-ódio. Não pode sequer experimentar, sem culpa, pensamentos ou sentimentos que sejam contrários à moral aceite; não pode ter pensamentos "impuros". É que a socialização não é apenas uma questão de moralidade; somos sociabilizados a fim de aderirmos a muitas normas de comportamento que não se enquadram no âmbito da moral. Assim a pessoa hiper-socializada é mantida numa trela psicológica, passando a sua vida a deslocar-se nos carris que a sociedade instalou para ela. Em muitas pessoas hiper-socializadas isto resulta numa sensação de constrangimento e de impotência que pode constituir um grande estorvo. Sugerimos que a hiper-socialização se encontra entre as maiores crueldades que o ser humano inflige ao seu semelhante.

27. Sustentamos que um segmento muito importante e influente da vida moderna está hiper-socializado e que a sua hiper-socialização é de grande importância no determinar da direcção do esquerdismo moderno. Os esquerdistas do tipo hiper-socializado tendem a ser intelectuais ou membros da classe média-alta. Reparem que os intelectuais universitários[4] constituem o segmento mais altamente socializado da nossa sociedade e consequentemente o segmento mais esquerdista.

28. O esquerdista do tipo hiper-socializado tenta libertar-se da sua trela psicológica e afirmar a sua autonomia rebelando-

---

4 Não incluindo necessariamente especialistas em engenharia ou nas ciências "exactas".

—

se. Mas por via de regra não é suficientemente forte para se sublevar contra os valores mais básicos da sociedade. De um modo geral, os objectivos dos esquerdistas de hoje NÃO estão em conflito com a moral vigente. Pelo contrário, a esquerda pega num princípio moral aceite, adopta-o como seu, e depois acusa o grosso da sociedade de violar esse princípio. Exemplos: igualdade racial, igualdade de género, ajuda aos pobres, paz como oposição à guerra, não-violência em geral, liberdade de expressão, bondade para com os animais. Na sua essência, o dever do indivíduo em servir a sociedade e o dever da sociedade em cuidar do indivíduo. Todos estes valores estão profundamente enraizados da nossa sociedade (ou pelo menos nas suas classes média e alta[5] desde há muito tempo. São explicitamente ou implicitamente expressos ou pressupostos na maioria do material que nos é apresentado pelos meios de comunicação social de massas e pelo sistema educacional. Os esquerdistas, especialmente aqueles do tipo hiper-socializado, usualmente não se revoltam contra estes princípios, mas justificam a sua hostilidade para com a sociedade afirmando (com algum grau de verdade) que a actuação desta não lhes corresponde cabalmente.

29. Eis uma ilustração do modo como o esquerdista hiper-socializado demonstra o seu apego às atitudes convencionais

---

5 Há muitos indivíduos de classe média e alta que resistem a alguns destes valores, mas normalmente esta é mais ou menos encapotada. Apenas aparece nos *mass media* muito circunscritamente. O principal esforço de propaganda na nossa sociedade é a favor dos valores estabelecidos. A principal razão pela qual estes se tornaram, por assim dizer, nos valores oficiais da nossa sociedade é porque são úteis para o sistema industrial. A violência é desencorajada porque perturba o funcionamento do sistema. O racismo é desencorajado porque os conflitos étnicos também perturbam o sistema e a discriminação desperdiça os talentos de membros de grupos minoritários que poderiam ser úteis para o sistema. A pobreza tem de ser "curada" porque a classe baixa causa problemas ao sistema e o contacto com a classe desfavorecida baixa o moral das outras classes. As mulheres são encorajadas a ter carreiras porque os seus talentos são úteis para o sistema e, mais importante, porque ao terem empregos regulares as mulheres ficam mais bem integradas no sistema e ligadas directamente a ele ao invés de às suas famílias. Isto ajuda a enfraquecer a solidariedade familiar. (Os líderes do sistema dizem que querem fortalecer a família, mas o que pretendem é que a família sirva como uma ferramenta efectiva para socializar as crianças de acordo com as necessidades do sistema. Afirmamos nos parágrafos 51, 52 que o sistema não se pode permitir que a família ou outros grupos de pequena escala se tornem fortes ou autónomos).

da nossa sociedade enquanto finge que contra elas se rebela. Muitos esquerdistas advogam a discriminação positiva, o incremento do acesso de pessoas negras a empregos de topo, a obtenção de um melhor ensino em escolas negras e mais financiamento para estas; vêem o estilo de vida dos negros "desfavorecidos" como uma desgraça social. Querem integrar o homem negro no sistema, fazendo dele um executivo, um advogado, um cientista tal como os brancos da classe média-alta. Os esquerdistas replicarão que a última coisa que pretendem é fazer do homem negro uma cópia do homem branco; pelo contrário, querem preservar a cultura afro-americana. Mas em que é que consiste esta preservação da cultura afro-americana? Dificilmente poderá consistir noutra coisa que não seja comer comida negra, ouvir música negra, usar roupa negra e frequentar uma igreja ou mesquita afro. Por outras palavras, só pode expressar-se em aspectos superficiais. Em todos os aspectos ESSENCIAIS a maioria dos esquerdistas de tipo hiper-socializado querem que o homem negro se ajuste ao ideário dos brancos de classe média. Querem fazê-lo estudar ciências exactas, torná-lo num executivo ou num cientista, que suba na vida, para provar que os negros são tão bons quanto os brancos. Querem tornar os pais negros "responsáveis", querem tornar os bandos negros não-violentos, etc. Mas estes são exactamente os valores do sistema industrial-tecnológico. O sistema não se pode estar mais nas tintas para o tipo de música que um homem ouve, que roupas usa ou qual a religião em que acredita desde que vá à escola, que tenha um emprego respeitável, suba na hierarquia social, seja um pai "responsável", não-violento e por aí adiante. Com efeito, por muito que o negue, o esquerdista hiper-socializado quer integrar o homem negro no sistema e fazê-lo adoptar os seus valores.

30. Decerto não afiançamos que os esquerdistas, mesmo os do tipo hiper-socializado, NUNCA se revoltam contra os valores fundamentais da nossa sociedade. Claramente fazem-no algumas vezes. Alguns esquerdistas hiper-socializados

foram ao ponto de se rebelar contra um dos mais importantes princípios da sociedade moderna, envolvendo-se em actos violentos. Segundo os seus próprios relatos, a violência é para eles uma forma de “libertação”. Dito de outra forma, perpetrando-a, rompem as amarras psicológicas que lhes foram inculcadas. Porque são hiper-socializados estas limitações foram mais restritivas do que para outros; daí a sua necessidade de se libertarem delas. Contudo a mais das vezes aludem à terminologia dos valores maioritários para justificar a sua revolta. Se se envolvem em violência, afirmam estar a lutar contra o racismo ou coisa que o valha.

31. Compreendemos as muitas objecções que se poderiam levantar ao supramencionado pequeno esboço sobre a psicologia esquerdista. A situação real é complexa, qualquer coisa como uma descrição completa da mesma ocuparia vários volumes, isto dando de barato que os dados necessários estivessem disponíveis. Apenas pretendemos ter delineado, muito toscamente, as duas mais importantes tendências na psicologia do esquerdismo moderno.

32. Os problemas dos esquerdistas são indicativos dos da nossa sociedade como um todo. Baixa auto-estima, tendências depressivas e derrotismo não se circunscrevem à esquerda. Ainda que aí sejam particularmente visíveis, estão muito difundidas na nossa sociedade. Há até especialistas que nos dizem como comer, como fazer exercício, como fazer amor, como criar os nossos filhos e por aí adiante.

—

DO EMPODERAMENTO

33. Os seres humanos têm necessidade, provavelmente biológica, de empoderamento, como doravante o apelidaremos. Está estreitamente relacionado com a vontade de poder (que é amplamente reconhecida) mas não é exactamente a mesma coisa. Possui quatro elementos. Aos três com contornos mais precisos chamamos objectivo, esforço e conquista do objectivo. (Toda a gente tem necessidade de ter objectivos, cuja conquista requer esforço e precisa de conseguir alcançar pelo menos alguns dos seus objectivos.) O quarto elemento é mais difícil de definir e poderá não ser imprescindível para todas as pessoas. Chamamos-lhe autonomia e discuti-la-emos mais tarde (parágrafos 42-44).

34. Considerem o caso hipotético de um homem que possa ter tudo o que quer só porque assim o deseja. Tal homem tem poder, mas desenvolverá sérios problemas psicológicos. A princípio irá divertir-se imenso, mas, aos poucos, ficará profundamente aborrecido e desmoralizado. Eventualmente poderá ficar clinicamente deprimido. A História mostra que as aristocracias ociosas tendem a tornar-se decadentes. Tal não é verdadeiro em relação às aristocracias guerreiras, que têm de lutar para manter o seu poder. Todavia as aristocracias ociosas, escudadas, que não têm necessidade de se empenhar a mais das vezes aborrecem-se, tornam-se hedonistas e desmoralizadas, muito embora tenham poder. Isto mostra que o poder não é suficiente. Há que ter objectivos face aos quais se possa exercer poder.

35. Toda a gente tem objectivos; se nada mais, prover às necessidades materiais da existência: comida, água e quaisquer roupas e guarida que o clima torne necessárias. Ora o aristocrata ocioso obtém tais coisas sem esforço. Daí o seu aborrecimento e desmoralização.

36. A não-satisfação de objectivos primaciais resulta ora em morte, se estes forem da ordem da subsistência, ora em

frustração, se conciliável com esta. O falhanço contínuo no alcançar de objectivos ao longo da vida resulta em derrotismo, baixa auto-estima ou depressão.

37. Assim, de modo a evitar sérios problemas psicológicos, um ser humano necessita de objectivos, cuja realização requeira esforço, devendo ter uma razoável taxa de sucesso no alcance dos seus objectivos.

—

ACTIVIDADES DE SUBSTITUIÇÃO

38. Porém nem todos os aristocratas desocupados se aborrecem e desmoralizam. Por exemplo, o imperador Hirohito, em vez de se afundar num hedonismo decadente, dedicou-se à biologia marítima, campo no qual se distinguiu. Quando as pessoas não têm de se esforçar para prover à sua subsistência muitas vezes estabelecem objectivos artificiais para si mesmas. Em muitos casos empenham-se neles com a mesma energia e envolvimento emocional que, de outro modo, teriam posto na busca da satisfação das primeiras. Como tal os aristocratas do Império Romano tinham as suas pretensões literárias; há alguns séculos atrás muitos aristocratas europeus investiram tempo e energia tremendos na caça, muito embora certamente não necessitassem da carne; outras aristocracias competiram por estatuto por via de elaboradas demonstrações de riqueza; e uns poucos aristocratas, como Hirohito, viraram-se para a ciência.

39. Usamos o termo “actividade de substituição” para designar uma incumbência que tenha por alvo um objectivo artificial, que as pessoas estabelecem para si próprias, meramente para terem algum objectivo pelo qual trabalhar, ou digamos, meramente pela “realização” que obtêm por perseguirem um objectivo. Eis uma regra de ouro para a identificação de actividades de substituição: uma dada pessoa dedica muito tempo e energia à perseguição do objectivo X, perguntem-se: se ela tivesse de dedicar a maior parte do seu tempo e energia a satisfazer as suas necessidades biológicas e se esse esforço requeresse o uso das suas faculdades físicas e mentais de um modo variado e interessante, esta sentir-se-ia deveras carente se não alcançasse o objectivo X? Se a resposta for não, então a perseguição do objectivo X pela pessoa é uma actividade de substituição. Os estudos de Hirohito em biologia marinha constituíam claramente uma actividade de

substituição, dado que é mais do que certo que se Hirohito tivesse de gastar o seu tempo a trabalhar em actividades não-científicas interessantes, de modo a prover às necessidades da vida, não se sentiria falho por não saber tudo sobre a anatomia e os ciclos de vida dos animais marinhos. Por outro lado, a busca de sexo e amor (por exemplo) não é uma actividade de substituição, porque a maioria das pessoas, mesmo que a sua existência seja satisfatória noutros campos, sentir-se-ia carente se passassem as suas vidas sem nunca ter uma relação com um membro do sexo oposto. (Já a busca de uma quantidade excessiva de sexo, mais do que é realmente necessária, pode ser uma actividade de substituição).

40. Na sociedade industrial moderna é suficiente um mínimo de esforço para prover à nossa subsistência. Basta frequentar um programa de treino a fim de adquirir uma qualquer competência técnica corriqueira, ser pontual e esforçar-se minimamente para manter um emprego. Os únicos requisitos são uma quantidade moderada de inteligência e, acima de tudo, simples OBEDIÊNCIA. A sociedade amparará, do berço à cova, todo e qualquer que os possua. (Sim, há uma classe baixa que não tem a subsistência assegurada, mas referirmo-nos à maioria da sociedade). Assim sendo, não é surpreendente que a sociedade moderna esteja repleta de actividades de substituição. A título de exemplo: trabalho científico, proezas atléticas, trabalho humanitário, criação literária e artística, ascensão na hierarquia empresarial, aquisição de dinheiro e de bens materiais muito para além do ponto a partir do qual estes deixam de proporcionar qualquer satisfação física adicional e activismo social quando este aborda assuntos que são estranhos à esfera pessoal do activista, tal como no caso de activistas brancos que trabalham pelos direitos das minorias não-brancas. Estas nem sempre são actividades de substituição PURAS, muitas pessoas podem, em parte, ser motivadas por necessidades outras que não a de ter algum objectivo a alcançar. O trabalho científico pode ser parcialmente motivado por uma vontade de obter prestígio, a

—

criação artística pela necessidade de expressar sentimentos, o activismo social militante pela hostilidade. Contudo para a maioria das pessoas que as levam a cabo, estas traduzem-se, em larga medida, por actividades de substituição. Por exemplo, a maioria dos cientistas provavelmente concordará que a "realização" que obtêm do seu trabalho é mais importante do que o dinheiro ou o prestígio que adquirem.

41. Para muitos, se não para a maioria, as actividades de substituição são menos satisfatórias do que a persecução de objectivos reais (ou seja, aqueles que as pessoas quereriam alcançar ainda que a necessidade de empoderamento já estivesse satisfeita). A título de factor indicativo em muitos, ou mesmo na maioria dos casos, as pessoas profundamente envolvidas em actividades de substituição nunca estão satisfeitas, nunca serenam. Assim, o investidor constantemente luta por mais e mais riqueza. O cientista tão depressa resolve um problema logo procura outro. O corredor de fundo procura correr sempre mais longe e mais rápido.

Muitos dos empenhados em actividades de substituição afirmam realizar-se cabalmente no decurso destas ao invés da satisfação que experimentam ao ocupar-se da rotina banal de prover às suas necessidades biológicas, mas isso é porque na nossa sociedade o esforço necessário para as satisfazer foi reduzido a uma trivialidade. Mais ainda, na nossa sociedade as pessoas não satisfazem as suas necessidades biológicas AUTONOMAMENTE, antes funcionando como peças de uma imensa engrenagem social. Em contraste, as pessoas geralmente têm uma grande autonomia na persecução das suas actividades de substituição.

—

AUTONOMIA

42. A autonomia enquanto componente do empoderamento poderá não ser necessária para todos os indivíduos. Todavia a maioria das pessoas necessita de um maior ou menor grau de autonomia ao trabalhar para os seus objectivos. Os seus esforços devem ser levados a cabo por sua iniciativa, devendo estar sob a sua direcção e controlo. Contudo a maioria das pessoas não têm de exercer esta iniciativa, direcção e controlo isoladamente. Por norma basta actuar como membro de um PEQUENO grupo. Assim se meia dúzia de pessoas discutirem um objectivo entre elas e fizerem um esforço conjunto bem-sucedido para o alcançar, a sua necessidade de empoderamento será satisfeita. Porém se trabalharem sob ordens rígidas, vindas de cima, que não lhes deixem espaço para decisão e iniciativas autónomas, tal já não acontecerá. O mesmo é verdadeiro quando as decisões são tomadas colectivamente, se o grupo que toma a decisão colectiva for tão grande que o papel de cada indivíduo seja exíguo.[6]

43. É verdade que alguns indivíduos parecem necessitar pouco de autonomia. Ou a sua vontade de poder é fraca ou satisfazem-na ao se identificarem com uma qualquer organização poderosa a que pertençam. E depois há os de tipo bestial, irracionais, que aparentam satisfazer-se com um senso de poder puramente físico (o soldado modelo em prontidão que o adquire desenvolvendo as suas capacidades de combate, usando-as a contento e em obediência cega aos seus superiores).

---

6 Poderá argumentar-se que a maioria das pessoas não quer tomar as suas próprias decisões, antes querem que os líderes pensem por elas. Há um elemento de verdade nisto. As pessoas gostam de tomar as suas decisões em pequenos assuntos, mas tomar decisões sobre questões difíceis, fundamentais, requer enfrentar um conflito psicológico, ora a maioria das pessoas detesta-os. Daí que tendam a depender de outros para tomar decisões difíceis. Mas isto não implica que gostem que se lhes imponha decisões sem terem tido qualquer oportunidade de influenciar as mesmas. A maioria das pessoas são seguidores naturais, não líderes, mas gostam de ter acesso pessoal e directo aos seus líderes, querem ser capazes de influenciar os líderes e participar em certa medida até na tomada de decisões difíceis. Pelo menos até esse ponto necessitam de autonomia.

—

44. Mas para a maioria das pessoas é através do empoderamento - ter um objectivo, fazer um esforço AUTÓNOMO e alcançar o objectivo - que a auto-estima, autoconfiança e um senso de poder se adquirem. Quando não se nos apresentam oportunidades adequadas para experienciar o empoderamento as consequências são (dependendo do indivíduo e do modo como o empoderamento é afectado) tédio, desmoralização, baixa auto-estima, sentimentos de inferioridade, derrotismo, depressão, ansiedade, culpa, frustração, hostilidade, abuso do cônjuge ou filhos, hedonismo insaciável, comportamento sexual anormal, distúrbios de sono, distúrbios alimentares, etc.[7]

---

7 Alguns dos sintomas deste rol são análogos aos evidenciados por animais enjaulados. Passamos a explicar como estes sintomas surgem a partir da privação no que diz respeito ao empoderamento: o mero bom senso na compreensão da natureza humana diz-nos que a falta de objectivos cuja realização requeira esforço conduz ao aborrecimento e que o aborrecimento, prolongado, muitas vezes conduz eventualmente à depressão. O fracasso no alcançar de objectivos conduz à frustração e à descida da auto-estima. A frustração conduz à raiva, a raiva à agressão, muitas vezes na forma de abuso conjugal ou infantil. Foi demonstrado que a frustração continuada comummente conduz à depressão e que esta tende a causar culpa, distúrbios do sono e alimentares e auto-depreciação. Os que tendem para a depressão procuram o prazer enquanto antídoto; daí o hedonismo insaciável e o sexo excessivo, usando de perversões como via na obtenção de novos “clímaces”. O aborrecimento também tende a causar uma excessiva busca de prazer dado que, à falta de outros objectivos, as pessoas muitas vezes usam o prazer enquanto objectivo.
O acima mencionado é uma simplificação. A realidade é mais complexa, e claro, a privação com respeito ao empoderamento não é a ÚNICA causa dos sintomas descritos. A propósito, quando mencionamos a depressão não nos queremos referir necessariamente a uma depressão suficientemente grave para ser tratada por um psiquiatra. Muitas vezes apenas se trata de formas suaves de depressão. E quando falamos de objectivos não queremos necessariamente dizer objectivos pensados, de longo-prazo. Durante grande parte da história humana, para muitas senão para a maioria das pessoas, o assegurar dos objectivos de uma existência precária (meramente proporcionar a si e aos seus comida no quotidiano) bastou perfeitamente.

—

FONTES DE PROBLEMAS SOCIAIS

45. Qualquer dos sintomas mencionados acima pode ocorrer em qualquer sociedade, mas na de tipo industrial, moderna, estão presentes numa escala maciça. Não somos os primeiros a mencionar que o mundo de hoje em dia parece estar a endoidecer. Este tipo de coisas não é normal para as sociedades humanas. Existem boas razões para acreditar que o homem primitivo sofria de menos *stress* e frustração e estava mais satisfeito com o seu modo de vida do que o homem moderno. É verdade que nem tudo era leite e mel nas sociedades primitivas. O abuso de mulheres era comum entre os aborígenes australianos, a transsexualidade era relativamente comum entre algumas das tribos de índios americanos. Não obstante, parece que FALANDO DE UM MODO GERAL o tipo de problemas que listámos nos parágrafos precedentes eram muito menos comuns entre os povos primitivos do que são na sociedade moderna.

46. Atribuímos os problemas sociais e psicológicos da sociedade moderna ao facto de esta requerer que as pessoas vivam sob condições radicalmente diferentes daquelas sob as quais a espécie humana evoluiu, comportando-se de modos conflituantes com os padrões de comportamento que desenvolveu enquanto vivia sob as condições anteriores. Transparece do já descrito que consideramos ser a falta de oportunidade para experienciar de forma correcta o empoderamento como sendo a mais importante das condições anormais a que a sociedade moderna sujeita as pessoas. Mas não é a única. Antes de lidarmos com a disrupção do empoderamento enquanto fonte de problemas sociais discutiremos algumas das outras fontes.

47. Entre as condições anormais presentes na sociedade industrial moderna contam-se a excessiva densidade populacional, a alienação do Homem face à Natureza, a

—

rapidez excessiva da mudança social e o colapso das comunidades naturais de pequena-escala tais como a família alargada, a aldeia ou a tribo.

48. Sabemos bem que a aglomeração aumenta o *stress* e a agressão. O grau de aglomeração populacional que existe hoje e a alienação do Homem face à Natureza são consequências do progresso tecnológico. Todas as sociedades pré-industriais eram predominantemente rurais. O tamanho das cidades e a quantidade da população que nelas vive aumentou muitíssimo graças à Revolução Industrial e a tecnologia da agricultura moderna possibilitou à Terra suportar uma maior densidade populacional do que anteriormente. (Além disso, a tecnologia exacerba os efeitos da aglomeração populacional ao colocar poderes cada vez mais disruptivos nas mãos das pessoas. Por exemplo, uma variedade de engenhos produtores de ruído: maquinaria de jardinagem, rádios, motorizadas, etc. O uso irrestrito destes engenhos leva a que as pessoas que querem paz e sossego fiquem frustradas pelo ruído. Se o seu uso for restringido, as pessoas que os utilizam ficarão frustradas pelos regulamentos. Ora se estas máquinas nunca tivessem sido inventadas o conflito e frustração gerados por estas não existiria.)

49. Para as sociedades primitivas o mundo natural (que normalmente apenas muda devagar) fornecia um enquadramento sólido e, portanto, um sentido de segurança. No mundo moderno é ao invés a sociedade humana que domina a Natureza, sendo que a sociedade moderna muda muito rapidamente em virtude da evolução tecnológica. Assim não existe um sistema estável.

50. Os conservadores são idiotas: lamentam a decadência dos valores tradicionais, contudo apoiam entusiasticamente o progresso tecnológico e o crescimento económico. Aparentemente nunca se lhes ocorreu que não se pode fazer mudanças rápidas, drásticas, na economia e na tecnologia de uma sociedade sem causar igualmente mudanças bruscas em todos os outros aspectos da sociedade

—

e que tais mudanças céleres inevitavelmente destroem os valores tradicionais.

51. O colapso dos valores tradicionais até certo ponto implica o dos laços que vinculam os grupos sociais tradicionais de pequena-escala. A desintegração destes últimos é igualmente promovida pelos condicionalismos da modernidade, por exigência ou por persuasão estes frequentemente deslocalizam os indivíduos, separando-os das suas comunidades. Mais, uma sociedade tecnológica TEM DE enfraquecer os laços familiares e as comunidades locais se quiser funcionar eficientemente. Nesta, a lealdade de um indivíduo deve-se primeiro ao sistema e apenas em segundo a uma comunidade de pequena-escala, porque se as lealdades internas das comunidades de pequena-escala fossem mais fortes do que a lealdade ao sistema, tais comunidades agiriam em seu benefício às custas deste.

52. Suponhamos que um funcionário público ou o executivo de uma empresa nomeia um seu primo, amigo ou correligionário para um cargo ao invés de nomear a pessoa mais qualificada para o trabalho. Permitiu que a lealdade pessoal superasse a sua lealdade ao sistema, isso é "nepotismo" ou "discriminação" e ambos são pecados terríveis na sociedade moderna. Sociedades pretensamente industriais com um mau registo na subordinação de lealdades pessoais ou locais à lealdade ao sistema são geralmente muito ineficientes. (Olhem para a América Latina). Como tal uma sociedade industrial avançada só pode tolerar comunidades de pequena-escala emasculadas, domadas e transformadas em ferramentas do sistema. [8]

---

8 Podemos abrir uma excepção parcial em relação a alguns grupos passivos, introspectivos, tais como os amish, com pouco impacto na sociedade em geral. Aparte estes, existem hoje na América algumas comunidades de pequena-escala, genuínas. Por exemplo, bandos juvenis e "seitas". Toda a gente os vê como perigosos e são mesmo, porque os membros destes grupos são leais em primeiro lugar uns aos outros ao invés de para com o sistema, daí que este não possa controlá-los. Ou vejam os ciganos. Muitas vezes safam-se com fraudes e roubos porque a lealdade entre eles é tal que conseguem sempre arranjar outros ciganos para testemunhar da sua "inocência". Obviamente que o sistema estaria em grandes sarilhos se demasiadas pessoas pertencessem a tais grupos.

—

53. A aglomeração populacional, a mudança acelerada e o colapso das comunidades têm sido amplamente reconhecidas como fontes de problemas sociais. Não cremos, porém, que bastem como responsáveis pela extensão dos problemas a que hoje assistimos.

54. Algumas cidades pré-industriais eram muito grandes e sobrepovoadas, contudo os seus habitantes não parecem ter sofrido da mesma amplitude de problemas psicológicos de que sofre o homem moderno. Hoje, na América ainda há áreas rurais pouco habitadas, encontramos aí os mesmos problemas das áreas urbanas, embora tendam a ser menos agudos. Assim a sobrepopulação não parece ser o factor decisivo.

55. Na esteira da expansão da fronteira americana durante o século XIX, a mobilidade populacional provavelmente fez colapsar famílias alargadas e grupos sociais de pequena-escala pelo menos na mesma escala em que estas colapsam hoje em dia. De facto, muitas famílias nucleares optavam por viver isoladas, sem vizinhos num raio de vários quilómetros, não pertencendo a qualquer comunidade, contudo não parecem ter desenvolvido problemas em resultado disso.

56. Além do mais o ritmo da mudança na sociedade americana da fronteira foi muito rápido e profundo. Um homem podia ser nado e criado numa cabana de troncos, fora do alcance da civilização, alimentado a mais das vezes por caça e na sua velhice já poderia ter um emprego normal e viver numa comunidade ordenada regida pelo primado da lei.

Tal foi uma mudança mais profunda do que aquela que tipicamente ocorre na vida de um indivíduo moderno, contudo não parece ter conduzido a problemas

---

Alguns dos pensadores chineses dos princípios do século XX que se preocupavam com a modernização da China reconheceram a necessidade de dissolver os grupos sociais de pequena-escala como a família: " (De acordo com Sun Yatsen) o povo chinês necessitava de uma nova vaga de patriotismo, conducente à transferência da lealdade da família para o Estado... (De acordo com Li Huang) as ligações tradicionais, particularmente à família teriam que ser abandonadas se o nacionalismo quisesse desenvolver-se na China." (Chester C. Tan, "Chinese Political Thought in the Twentieth Century," página 125, página 297).

psicológicos. De facto, a sociedade americana do século XIX tinha um tom optimista e auto-confiante, muito diferente do da sociedade de hoje. [9]

57. A diferença, argumentamos, é que o homem moderno tem a sensação (largamente justificada) de que a mudança lhe é IMPOSTA, enquanto o pioneiro do século XIX tinha a sensação (também largamente justificada) de que criava a mudança, por sua própria escolha. Assim o pioneiro instalava-se num pedaço de terra da sua escolha e transformava-o numa quinta pelo seu próprio esforço. Naqueles tempos um condado inteiro podia ter só uns duzentos habitantes e era uma entidade muito mais isolada e autónoma do que um condado moderno. Por isso era enquanto membro de um grupo relativamente pequeno que o pioneiro lavrador participava na criação de uma comunidade nova, ordenada. Perguntamo-nos se a criação de tal comunidade terá sido uma melhoria, seja como for satisfazia a necessidade de empoderamento deste.

58. Seria possível dar outros exemplos de sociedades nas quais tem havido mudança rápida e/ou escassez de laços comunitários estreitos sem o tipo de aberração comportamental maciça que se vê na sociedade industrial contemporânea. Defendemos que a causa mais importante de problemas sociais e psicológicos na sociedade moderna reside no facto das pessoas terem insuficientes oportunidades de experienciarem o processo de empoderamento de uma forma normal. Não pretendemos afirmar que a sociedade moderna é a única na qual o processo de empoderamento foi perturbado. Provavelmente a maioria das sociedades civilizadas, se não mesmo todas, interferiram com o processo deste em maior ou menor grau. Porém na sociedade industrial moderna o problema agudizou-se particularmente. O esquerdismo, pelo menos na sua forma recente (de meados até finais do século XX), é em parte um sintoma de privação no que ao empoderamento respeita.

---

9 Sim, sabemos que a América do século XIX tinha os seus problemas e sérios, mas em nome da brevidade temos de nos expressar em termos simplificados.

—

A DISRUPTURA DO EMPODERAMENTO NA SOCIEDADE MODERNA

59. Dividimos as pulsões humanas em três grupos: (1) as que podem ser satisfeitas com um mínimo de esforço; (2) aquelas que podem ser satisfeitas, mas apenas envidando sérios esforços; (3) as que não podem ser adequadamente satisfeitas não importa o esforço que se faça. O processo de empoderamento visa satisfazer as pulsões do segundo grupo. Quantas mais pulsões estiverem no terceiro grupo, mais há lugar à frustração, raiva, eventualmente derrotismo, depressão, etc.

60. Na sociedade industrial moderna as pulsões humanas naturais tendem a ser empurradas para o primeiro e terceiro grupos, o segundo grupo tende a ser constituído crescentemente por pulsões criadas artificialmente.

61. Em sociedades primitivas, as necessidades de subsistência geralmente encaixam-se no grupo 2: Podem ser alcançadas, mas apenas com grande esforço. A sociedade moderna, contudo, tende a garantir o sustento de todos[10] em troca de apenas um esforço mínimo, por conseguinte estas são empurradas para o grupo 1. (Pode haver discordância sobre se o esforço necessário para manter um trabalho é "mínimo"; mas geralmente em empregos do nível inferior ao médio, o esforço requerido é meramente o da OBEDIÊNCIA. Sentam-se ou ficam de pé onde vos dizem para se sentarem ou ficarem de pé e fazem o que vos dizem para fazer da forma que vos dizem para fazer. Poucas vezes terão que se esforçar de forma séria e de qualquer das maneiras dificilmente terão qualquer autonomia no trabalho, de forma que a necessidade referente ao empoderamento não é cabalmente satisfeita).

62. Necessidades sociais, tais como sexo, amor e estatuto, na sociedade moderna enquadram-se frequentemente no

10 Deixamos de lado a "classe baixa". Estamos a falar da corrente social principal.

grupo 2, dependendo da situação do indivíduo.[11] Contudo, à excepção das pessoas que têm uma forte apetência por estatuto, o esforço requerido para satisfazer as pulsões sociais é insuficiente para satisfazer adequadamente a necessidade de empoderamento.

63. Daí decorre que tenham sido criadas certas necessidades artificiais, recaindo no grupo 2, postas ao serviço da necessidade de empoderamento. Desenvolveram-se técnicas de marketing e de publicidade que fazem com que muitos almejem coisas que os seus avós nunca desejaram ou com as quais nunca sonharam. É necessário um sério esforço a fim de ganhar dinheiro suficiente para satisfazer estas necessidades artificiais, daí recaírem no grupo 2. (Leiam-se os parágrafos 80-82). O homem moderno tem de satisfazer a sua necessidade de empoderamento largamente através da persecução de necessidades artificiais criadas pela indústria do marketing e da publicidade[12] e através de actividades de substituição.

64. Dá sensação de que para muitas pessoas, talvez a maioria, estas formas artificiais de empoderamento são insuficientes. Um tema que aparece repetidamente nos

---

11 Alguns cientistas sociais, educadores, profissionais de "saúde mental" e quejandos estão a dar o seu melhor para empurrar as pulsões sociais para o grupo 1 tentando fazer com que todos tenham uma vida social satisfatória.

12 Será o impulso aquisitivo de bens materiais sem fim realmente uma criação artificial da indústria do marketing e da publicidade? Certamente não há nenhum impulso humano inato para a aquisição material. Muitas culturas houve nas quais as pessoas almejaram a muito pouca riqueza material, além da que era necessária à satisfação das suas necessidades de subsistência básica (aborígenes australianos, cultura tradicional camponesa do México, algumas culturas africanas). Por outro lado, também houve muitas culturas pré-industriais nas quais a aquisição material desempenhou um papel importante. Por isso não podemos afirmar que a cultura orientada para a aquisição material de hoje é exclusivamente uma criação da indústria do marketing e da publicidade. Todavia é claro que esta teve uma parte importante na criação dessa cultura. As grandes empresas que gastam milhões em publicidade não despenderiam tais quantias sem provas sólidas de que seriam reembolsadas através de um aumento nas vendas. Um membro do FC conheceu, há um par de anos, um gerente de vendas suficientemente franco para lhe dizer, "o nosso trabalho é fazer as pessoas comprar coisas que não querem e de que não necessitam". Descreveu então como um novato não treinado poderia apresentar os factos sobre um produto às pessoas, não fazendo quaisquer vendas, enquanto um experiente e treinado vendedor profissional faria imensas vendas às mesmas pessoas. Isto mostra que as pessoas são manipuladas para comprar coisas de que realmente não necessitam.

—

escritos dos críticos sociais da segunda metade do século XX é a sensação de falta de propósito que aflige muitas pessoas na sociedade moderna. (Esta falta de propósito é muitas vezes apodada de "anomia" ou "vacuidade da classe-média.") Sugerimos que a chamada "crise de identidade" é na verdade uma busca por um desígnio, a mais das vezes consubstanciado numa actividade de substituição adequada. Pode bem ser que o existencialismo seja em grande parte uma resposta à falta de sentido da vida moderna.[13] Muito difundida na sociedade moderna é a busca de "realização". Contudo pensamos que para a maioria das pessoas uma actividade cujo principal objectivo é a realização (ou seja, uma actividade de substituição) não acarreta uma realização completamente satisfatória. Por outras palavras, não satisfaz completamente a necessidade de empoderamento. (Ver o parágrafo 41). Esta apenas pode ser completamente satisfeita através de actividades dotadas de um qualquer móbil externo, tais como, necessidades de subsistência, sexo, amor, estatuto, vingança, etc.

65. Mais ainda, lá onde a persecução de objectivos é ensaiada, através de ganhos financeiros, ascensão na hierarquia social, ou arrolada no sistema de qualquer outra forma, a maioria das pessoas não está numa posição de perseguir os seus objectivos AUTONOMAMENTE. A maioria dos trabalhadores trabalham por conta de outrem, como destacámos no parágrafo 61, têm de passar os seus dias

---

13 O problema da falta de propósito parece ter-se tornado menos sério nos últimos 15 anos ou coisa que o valha, porque as pessoas agora sentem-se menos seguras, física e economicamente, do que dantes e a necessidade de segurança fornece-lhes um objectivo. Mas a falta de propósito foi substituída pela frustração devido à dificuldade em alcançá-la. Enfatizamos o problema da falta de propósito porque os liberais e os esquerdistas gostariam de resolver os nossos problemas sociais fazendo com que a sociedade garantisse a segurança de todos; ora se isso pudesse ser feito apenas traria de volta o problema da falta de propósito. O cerne da questão não reside em saber se a sociedade se ocupa eficaz ou ineficientemente da segurança das pessoas; o problema é que as pessoas estão dependentes do sistema para a sua segurança ao invés de tê-la nas suas próprias mãos. A propósito, esta é em parte a razão que assiste ao finca-pé de algumas pessoas no direito de posse de arma; a posse de uma arma coloca esse aspecto da sua segurança nas suas próprias mãos.

a fazer o que lhes dizem para fazer, da maneira que lhes dizem para fazer. Mesmo às pessoas com o seu próprio negócio apenas é conferida uma autonomia limitada. É uma queixa crónica por parte de pequenos empresários e empreendedores que as suas mãos estão atadas por excessiva regulamentação governamental. Alguns destes regulamentos são sem dúvida desnecessários, mas na sua maioria as normas governamentais são parte essencial e inevitável da nossa sociedade extremamente complexa. Uma grande parte dos pequenos negócios opera hoje em sistema de franquia. Há alguns anos foi relatado no *Wall Street Journal* que muitas das empresas concessoras de franquias exigem um teste de personalidade aos candidatos, desenhado para EXCLUIR os que têm criatividade e iniciativa, porque estes não são dóceis o bastante para se submeterem ao sistema de franquias. Isto exclui dos pequenos negócios muitas das pessoas que mais necessitam de autonomia.

66. Hoje as pessoas vivem mais em virtude do que o sistema faz POR elas ou PARA elas do que em virtude do que fazem por si mesmas. E o que fazem por si próprias é feito cada vez mais segundo canais montados pelo sistema. As oportunidades tendem a ser aquelas que o sistema fornece, têm de ser exploradas de acordo com regras e regulamentos[14] e condição *sine qua non* para o sucesso, há que adoptar as técnicas prescritas por uns quaisquer peritos.

67. Assim o empoderamento é perturbado na nossa sociedade através de um défice de objectivos reais e de uma insuficiência de autonomia na sua persecução. Mas é também

---

14 Os esforços dos conservadores para diminuir a quantidade de regulação governamental de pouco valem para o homem comum. Isto por uma razão, apenas uma fracção dos regulamentos pode ser abolida, a maioria dos regulamentos são necessários. Por outro lado, a maioria da desregulamentação afecta a esfera dos negócios ao invés da dos indivíduos comuns, de modo que o seu principal efeito é tirar poder ao governo e dá-lo a empresas privadas. Para o homem comum tal significa que a interferência na sua vida por parte do governo é substituída pela das grandes empresas, que poderão ter permissão, por exemplo, para descarregar mais químicos no seu abastecimento de água, provocando-lhe cancro. Os conservadores limitam-se a tomar o homem comum por parvo, explorando o seu ressentimento contra o Grande Governo para promover o poder do Grande Negócio.

—

interrompido por causa daquelas pulsões humanas que recaem no grupo 3: as pulsões que não podem ser satisfeitas adequadamente, não importa o esforço que se faça. Uma destas pulsões é a necessidade de segurança. As nossas vidas dependem de decisões feitas por outrem; não temos controlo sobre estas decisões e de modo geral nem sequer conhecemos as pessoas que as tomam. ("Vivemos num mundo no qual relativamente poucas pessoas – talvez 500 ou 1000 – tomam as decisões importantes", Philip B. Heymann da Harvard School of Law, citado por Anthony Lewis, *New York Times*, 21 de Abril, 1995). As nossas vidas dependem da manutenção satisfatória dos padrões de segurança duma central nuclear; de quanto pesticida é permitido que entre na nossa alimentação ou quanta poluição no nosso ar; de quão sabedor (ou incompetente) o nosso médico é; perder ou arranjar um emprego pode depender de decisões tomadas pelos economistas do governo ou executivos empresariais; e por aí adiante. A maioria dos indivíduos não se encontra em posição de se defender contra estas ameaças, a não ser numa escala muito limitada. A procura de segurança por parte do indivíduo é, portanto, frustrada, o que conduz a um sentimento de impotência.

68. Poder-se-ia replicar que o homem primitivo gozava de menos salvaguardas físicas do que o homem moderno, como é demonstrado pela sua esperança de vida mais pequena; daí o homem moderno sofrer menos de insegurança, não mais do que a quantidade de que é normal para os seres humanos. Todavia a segurança psicológica não corresponde rigorosamente à segurança física. O que nos faz sentir seguros não é tanto a segurança objectiva, mas um sentimento de confiança, na nossa capacidade de tomarmos conta de nós próprios. O homem primitivo, ameaçado por um animal feroz ou pela fome, poderia lutar em autodefesa ou viajar em busca de comida. Não teria a certeza de obter sucesso nestes esforços, mas não seria de todo impotente contra as coisas que o ameaçavam. O indivíduo moderno por outro lado é

ameaçado por muitas coisas contra as quais é impotente: acidentes nucleares, cancerígenos na comida, poluição ambiental, guerra, aumento de impostos, invasão da sua privacidade por grandes organizações, acontecimentos à escala nacional, sociais ou económicos, que possam perturbar o seu estilo de vida.

69. É verdade que o homem primitivo era impotente contra algumas das coisas que o ameaçavam; a doença por exemplo. Contudo poderia aceitar o risco de doença estoicamente. Faria parte da natureza das coisas, não seria culpa de ninguém, a menos que assacada a algum demónio impessoal, imaginário. Porém as ameaças ao indivíduo moderno tendem a ser FEITAS PELO HOMEM. Não são o resultado do acaso, mas são-lhe IMPOSTAS por outras pessoas, cujas decisões, ele enquanto indivíduo, é incapaz de influenciar. Consequentemente sente-se frustrado, humilhado e zangado.

70. Assim o homem primitivo teria, na maioria das vezes, a sua segurança nas suas próprias mãos (quer como indivíduo quer como membro de um PEQUENO grupo), enquanto a segurança do homem moderno está nas mãos de pessoas ou organizações demasiado inacessíveis ou demasiado grandes para que este seja pessoalmente capaz de as influenciar. Por isso a pulsão do homem moderno por segurança tende a cair nos grupos 1 e 3; nalgumas áreas (comida, abrigo, etc.) a sua segurança é assegurada meramente à custo de um esforço trivial, enquanto noutras áreas NÃO A PODE obter. (O acima mencionado simplifica em muito a situação real, mas indica de modo genérico, tosco, a diferença de condição do homem moderno face à do homem primitivo).

71. As pessoas têm muitas pulsões ou impulsos transitórios que necessariamente se frustram na vida moderna, daí caírem no grupo 3. Podemos zangar-nos, mas a sociedade moderna não nos permite lutas. Em muitas situações nem sequer agressão verbal. Quando vamos a qualquer lado podemos estar cheios de pressa, ou pode-nos apetecer viajar devagar, mas geralmente não há escolha senão movermo-nos segundo o

fluxo do trânsito e obedecer à sinalética. Podemos querer fazer o nosso trabalho de forma diferente, mas geralmente só podemos trabalhar de acordo com as regras estabelecidas pelo nosso empregador. Muitas outras maneiras concorrem ainda para que o homem moderno esteja amarrado a uma rede de regras e regulamentos (explícitos ou implícitos) que frustram muitos dos seus impulsos e assim interferem com o empoderamento. A maioria destes regulamentos não pode ser dispensada, porque necessários ao funcionamento da sociedade industrial.

72. A sociedade moderna é em certos aspectos extremamente permissiva. Em assuntos irrelevantes para o funcionamento do sistema podemos geralmente fazer o que quisermos. Podemos acreditar em qualquer religião (desde que esta não encoraje comportamentos perigosos para o sistema). Podemos ir para a cama com quem desejarmos (desde que pratiquemos "sexo seguro"). Podemos fazer tudo o que quisermos desde que NÃO SEJA IMPORTANTE. Todavia em qualquer assunto IMPORTANTE o sistema tende progressivamente a regular o nosso comportamento.

73. O comportamento é regulado não só através de regras explícitas e não apenas pelo governo. O controlo é muitas vezes exercido através de coacção indirecta, manipulação ou pressão psicológica, por organizações que não o governo, ou pelo sistema como um todo. A maioria das grandes organizações usam alguma forma de propaganda[15] para manipular atitudes públicas ou comportamento. A propaganda não se limita a "reclames" ou anúncios e muitas vezes não é sequer intencionalmente pensada como tal pelas pessoas que os criam. Por exemplo, o conteúdo dos programas de entretenimento é uma poderosa forma de propaganda. Um exemplo de coacção indirecta: não existe nenhuma lei que diga que temos de ir para o trabalho todos os dias e andar às

---

15 Quando alguém aprova o propósito para o qual a propaganda está a ser usada num dado caso, geralmente chama-lhe "educação" ou aplica-lhe um eufemismo similar. Todavia propaganda é propaganda qualquer que seja o propósito para o qual é usada.

—

ordens do nosso empregador. Legalmente não há nada que nos impeça de ir viver para o mato como os homens primitivos ou abrir o nosso próprio negócio. Mas na prática há muito pouco terreno selvagem, e na economia só há espaço para um número limitado de donos de pequenos negócios. Daí que a maioria de nós apenas possa sobreviver como empregados por conta de outrem.

74. Sugerimos que a obsessão do homem moderno com a longevidade e a manutenção do vigor físico e da atracção sexual até uma idade avançada é um sintoma de insatisfação, resultante da privação no que respeita ao empoderamento. A "crise da meia-idade" é também um desses sintomas. Igualmente a falta de interesse em ter filhos, relativamente comum na sociedade moderna, mas quase inédita nas sociedades primitivas.

75. Nas sociedades primitivas a vida é uma sucessão de estádios. Uma vez satisfeitas as necessidades e propósitos de um estágio não há relutância particular em passar ao próximo. Um jovem passa pelo processo de empoderamento ao tornar-se num caçador, caçando não por desporto ou por realização, mas para obter carne, necessária como alimento. (Nas jovens o processo é mais complexo, com maior ênfase no poder social; não o discutiremos aqui). Ultrapassada esta fase com sucesso, o jovem não tem relutância em consagrar-se às responsabilidades de criar uma família. (Em contraste, algumas pessoas modernas adiam indefinidamente ter filhos porque estão muito ocupadas a procurar qualquer tipo de "realização". Sugerimos que a realização de que necessitam é experienciar adequadamente o processo de empoderamento – com objectivos reais ao invés dos objectivos artificiais das actividades de substituição). Mais uma vez, tendo criado os seus filhos com sucesso, passando pelo processo de empoderamento, ao satisfazer as suas necessidades de subsistência, o homem primitivo sente que o seu trabalho está feito, preparado que está para aceitar a velhice (se sobreviver tanto tempo) e a morte. Muitas pessoas modernas, por outro

—

lado, ficam desnorteadas pela perspectiva da deterioração física e da morte, como se demonstra pela quantidade de esforços que despendem tentando manter a sua condição física, aparência e saúde. Afirmamos que isto é devido à frustração resultante do facto de nunca terem utilizado a sua fisicalidade para qualquer fim prático, nunca experienciaram o processo de empoderamento usando os seus corpos de uma forma séria. Não é o homem primitivo, que usou o seu corpo diariamente para fins práticos, que teme a deterioração da idade, mas o homem moderno, que nunca teve um uso prático para o seu corpo além do de ir do seu carro para a sua casa. O homem cuja necessidade de empoderamento foi satisfeita em vida está mais bem preparado para lhe aceitar o fim.

76. Em resposta aos argumentos desta secção alguém dirá, "a sociedade tem de encontrar um modo de dar às pessoas a oportunidade de ensaiarem o empoderamento" Tal não funcionará para aqueles que necessitam de autonomia processual. Para estes o valor da oportunidade é destruído pelo próprio facto de ser a sociedade a dar-lha. O que precisam é de encontrar ou criar as suas próprias oportunidades. Enquanto o sistema lhes DER as suas oportunidades continua a tê-los presos pela trela. Para alcançarem autonomia têm de libertar-se desta.

—

COMO ALGUMAS PESSOAS SE ADAPTAM

77. Nem toda a gente na sociedade industrial-tecnológica sofre de problemas psicológicos. Algumas pessoas afirmam até estar muito satisfeitas com a sociedade tal como ela é. Vamos agora analisar algumas das razões pelas quais as pessoas diferem tanto na sua resposta à sociedade moderna.

78. Em primeiro lugar, há indubitavelmente diferenças na apetência pelo poder. Indivíduos em que esta é fraca têm relativamente pouca necessidade de experienciar o processo de empoderamento, ou pelo menos escassa demanda de autonomia neste. Estes são os tipos dóceis que teriam sido felizes como negrinhos das plantações no Velho Sul. (Não pretendemos escarnecer dos "negrinhos das plantações" do Velho Sul. A seu crédito, a maioria dos escravos NÃO estava contente com a servidão. Escarnecemos das pessoas que ESTÃO contentes com a sua servidão).

79. Algumas pessoas podem ter uma dada apetência extraordinária, na persecução da qual satisfazem a sua necessidade de empoderamento. Por exemplo, aqueles que têm um desejo invulgarmente forte por estatuto social podem passar toda a vida a subir na hierarquia social sem nunca se aborrecerem com esse jogo.

80. As pessoas variam no seu grau de susceptibilidade às técnicas de publicidade e marketing. Algumas são tão permeáveis que mesmo que ganhem muito dinheiro, não conseguem satisfazer o seu constante desejo pelos novos brinquedos reluzentes que a indústria do marketing lhes acena diante dos olhos. Por isso sentem-se sempre entre a espada e a parede financeiramente mesmo se o seu rendimento é grande e os seus anelos frustram-se.

81. Algumas pessoas têm baixa susceptibilidade às técnicas de publicidade e de marketing. Não estão interessadas em dinheiro. Aquisições materiais não servem a sua necessidade de empoderamento.

—

82. As pessoas com uma susceptibilidade média às técnicas de publicidade e marketing são capazes de ganhar dinheiro suficiente para satisfazer os seus desejos de bens e serviços, mas apenas a expensas de um sério esforço (fazendo horas extra, arranjando um segundo emprego, sendo promovidos, etc.). Assim a aquisição material serve a sua necessidade de empoderamento. Tal não significa que esta esteja completamente satisfeita. Podem ter autonomia insuficiente no decorrer do empoderamento (o seu trabalho pode consistir em seguir ordens) e alguns dos seus anseios podem ser frustrados (ex, segurança, agressão). (Somos culpados de simplificação excessiva nos parágrafos 80-82 ao assumirmos que o desejo de aquisição material é inteiramente uma criação da indústria de marketing e publicidade. Claro que não é assim tão simples). [16]

83. Algumas pessoas satisfazem parcialmente a sua necessidade de empoderamento ao se identificarem com uma organização poderosa ou movimento de massas. Um indivíduo com falta de objectivos ou de poder junta-se a um movimento ou organização, adopta os propósitos destes como seus e posteriormente empenha-se nesses objectivos. Quando alguns destes são alcançados, o indivíduo, mesmo que os seus esforços pessoais aí tenham desempenhado apenas um papel insignificante, sente (através da sua identificação com o movimento ou organização) como se tivesse experienciado o processo de empoderamento. Este fenómeno foi explorado pelos fascistas, nazis e comunistas. A nossa sociedade fá-lo também, embora menos cruamente. Exemplo: Manuel Noriega era um agente irritante para os EUA (objectivo: punir Noriega). Os EUA invadiram o Panamá (esforço) e castigaram Noriega (objectivo alcançado). Assim os EUA viveram o processo de empoderamento e muitos americanos, por causa da sua identificação com os EUA, experimentaram-no de forma indirecta. Daí a alargada aprovação pública da invasão

---

16 Ver a nota 12.

do Panamá; deu às pessoas um sentimento de poder.[17] Vemos o mesmo fenómeno em exércitos, empresas, partidos políticos, organizações humanitárias, movimentos religiosos ou ideológicos. Em particular, os movimentos esquerdistas tendem a atrair pessoas que procuram satisfazer a sua necessidade de empoderamento. Não obstante para a maioria das pessoas a identificação com uma grande organização ou um movimento de massas não a satisfaz completamente.

84. Outro modo pelo qual as pessoas satisfazem a sua necessidade de empoderamento é através das actividades de substituição. Como explicámos nos parágrafos 38-40, uma actividade de substituição consubstancia-se num desígnio artificial que o indivíduo persegue em razão da "realização" que daí obtém, não porque necessite de alcançar o objectivo em si. Por exemplo, não há motivo prático para desenvolver músculos enormes, enfiar uma pequena bola num buraco ou adquirir uma série completa de selos de correio. Contudo muitas pessoas na nossa sociedade devotam-se com paixão ao culturismo, ao golfe ou à colecção de selos. Algumas pessoas "levam mais os outros em conta" do que outras, por conseguinte mais facilmente darão importância a uma actividade de substituição simplesmente porque as pessoas à sua volta a tratam como importante ou porque a sociedade lho diz. É por isso que muita gente atribui tanta importância a actividades essencialmente triviais como desportos, ou *bridge*, ou xadrez, ou a enigmáticos objectivos académicos, enquanto outros, com uma visão mais clara, nunca vêem tais coisas como algo mais do que as actividades de substituição que são e consequentemente nunca lhes dão a importância suficiente para poderem satisfazer a sua necessidade de empoderamento desse modo. Só falta assinalar que em muitos casos o modo de uma pessoa ganhar a vida é também uma actividade de substituição. Não que o seja PURAMENTE, já que parte do motivo para tal actividade é a satisfação das necessidades de

---

17 Não estamos a expressar aprovação ou desaprovação pela invasão do Panamá. Apenas a usamos para ilustrar um ponto.

subsistência e para alguns, o estatuto social e os luxos incutidos pela publicidade. Porém muitas pessoas devotam ao seu trabalho muito mais esforço do que o necessário para obter seja qual for a quantia de dinheiro e estatuto pretendidos e tal esforço extra constitui uma actividade de substituição. Em conjunto com o investimento emocional que o acompanha, é uma das mais potentes forças actuantes em prol do incessante desenvolvimento e aperfeiçoamento do sistema, com consequências negativas para a liberdade individual (ver parágrafo 131). Especialmente, para os cientistas e engenheiros mais criativos, o trabalho tende a ser largamente uma actividade de substituição. Este ponto é tão importante que merece uma discussão separada, o que faremos a breve trecho. (parágrafos 87-92).

85. Nesta secção explicámos como muitas pessoas na sociedade moderna conseguem satisfazer a sua necessidade de empoderamento em maior ou menor escala. Mas pensamos que para a maioria das pessoas a necessidade deste não é satisfeita completamente. Em primeiro lugar, aqueles que têm um desejo insaciável por estatuto, os que ficam firmemente "agarrados" a uma actividade de substituição, ou que se identificam de forma suficientemente forte com um movimento ou organização para satisfazer a sua necessidade de poder desse modo, são personalidades excepcionais. Outros, que não estes, não se dão por completamente satisfeitos com actividades de substituição ou pela identificação com uma organização (ver parágrafos 41, 64). Em segundo lugar, o sistema impõe demasiado controlo através de regulação explícita ou pela socialização, o que resulta numa escassez de autonomia e em frustração devido à impossibilidade de alcançar certos objectivos e à necessidade de restringir demasiados impulsos.

86. Mas mesmo que a maioria das pessoas na sociedade industrial-tecnológica estivesse bem satisfeita, nós (FC) ainda nos oporíamos a essa forma de sociedade, porque (entre outras razões) consideramos degradante satisfazer a necessidade de

—

empoderamento de quem quer que seja através de actividades de substituição ou da identificação com uma organização, ao invés de através da persecução de objectivos reais.

—

OS MOTIVOS DOS CIENTISTAS

87. A ciência e a tecnologia proporcionam os mais relevantes exemplos de actividades de substituição. Alguns cientistas dizem que são motivados pela "curiosidade" ou pelo desejo de beneficiar a humanidade". É fácil de ver que nenhum destes pode ser o motivo principal da maioria dos cientistas. Quanto à "curiosidade" tal noção é simplesmente absurda. Muitos cientistas trabalham em problemas altamente especializados, que não são objecto da curiosidade normal. Por exemplo, um astrónomo, matemático ou entomologista terá curiosidade acerca das propriedades do isopropiltrimetilmetano? Claro que não. Apenas um químico pode estar curioso acerca de tal e apenas o está porque a química é a sua actividade de substituição. Estará o químico curioso acerca da classificação apropriada de uma nova espécie de besouro? Não. Essa questão é apenas de interesse para um entomologista e apenas porque a entomologia é a sua actividade de substituição. Se o químico e o entomologista tivessem de se esforçar seriamente para prover às suas necessidades de subsistência e se esse esforço exercitasse as suas capacidades de um modo interessante, numa área não-científica, então não se importariam de todo com o isopropiltrimetilmetano ou a classificação dos besouros. Suponham que uma falta de fundos para obter uma pós-graduação tivesse levado o químico a tornar-se, em vez disso, num corretor de seguros. Nesse caso estaria muito interessado em questões de seguros, mas não daria qualquer atenção ao isopropiltrimetilmetano. Em qualquer dos casos não é normal que se empenhe na satisfação da mera curiosidade a quantidade de tempo e esforço que os cientistas aplicam no seu trabalho. A explicação da "curiosidade" para a motivação dos cientistas não colhe.

—

88. O "benefício da humanidade" como argumento não funciona melhor. Algum trabalho científico não tem qualquer relação concebível com o bem-estar da espécie humana como a maior parte da arqueologia ou da linguística comparada por exemplo. Outras áreas científicas oferecem possibilidades obviamente perigosas. Contudo, os cientistas nestas áreas são tão entusiastas sobre o seu trabalho como os que desenvolvem vacinas ou estudam a poluição do ar. Considerem o caso do Dr. Edward Teller, envolvido emocionalmente de forma óbvia na promoção das centrais nucleares. Será que este envolvimento brotou de um desejo de beneficiar a humanidade? Se sim, então porque é que o Dr. Teller não se emocionou com outras causas "humanitárias"? Se era assim tão humanitário então porque é que ajudou a desenvolver a bomba-H? Tal como com outras conquistas científicas, permanece a interrogação sobre se as centrais nucleares na verdade beneficiam a humanidade. Será que a electricidade barata compensa o acumular de resíduos e o risco de acidentes? O Dr. Teller olhou apenas para um dos lados da questão. Claramente o seu envolvimento emocional com a energia nuclear emanou não de um desejo de "beneficiar a humanidade", mas da realização pessoal que colhia do seu trabalho, bem como de o ver posto em prática.

89. O mesmo é verdadeiro acerca dos cientistas em geral. Com possíveis raras excepções, a sua motivação não é nem a curiosidade nem o desejo de beneficiar a humanidade, antes a necessidade de experienciar o processo de empoderamento: ter um objectivo (problema científico a resolver), envidar esforços (pesquisa) e alcançar o seu intento (solução do problema). A ciência é uma actividade de substituição porque os cientistas trabalham sobretudo em prol da satisfação que obtêm do trabalho em si.

90. Claro, não é assim tão simples. Para muitos cientistas há outros motivos, que desempenham o seu papel. Dinheiro e estatuto por exemplo. Alguns cientistas podem ser o tipo de pessoa com um desejo insaciável por estatuto (ver parágrafo

—

79) o que pode motivar muito do seu trabalho. Não há dúvida de que a maioria dos cientistas, tal como a maioria da população em geral, são susceptíveis em maior ou menor grau às técnicas de publicidade e marketing, necessitando de dinheiro para satisfazer os seus apetites por bens e serviços. Como tal a ciência não é uma actividade de substituição PURA. Todavia é em grande parte uma actividade de substituição.

91. Mais ainda, a ciência e a tecnologia constituem um poderoso movimento de massas e muitos cientistas satisfazem a sua necessidade de empoderamento identificando-se com este (ver parágrafo 83).

92. Por conseguinte a ciência marcha cegamente, sem se importar com o bem-estar real da espécie humana ou com qualquer outro paradigma, obediente apenas às necessidades psicológicas dos cientistas, funcionários do governo e executivos de empresas que financiam a investigação.

—

A NATUREZA DA LIBERDADE

93. Iremos advogar a impraticabilidade da reestruturação da sociedade industrial-tecnológica de maneira a que pudéssemos cercear o seu gradual constrangimento da esfera da liberdade humana. Ora, porque "liberdade" é uma palavra que pode ser interpretada de muitas formas, temos primeiro de deixar claro com qual dos seus tipos nos preocupamos.

94. Por "liberdade" traduzimos a oportunidade de experienciar o processo de empoderamento com objectivos reais, não os fictícios das actividades de substituição e sem interferência, manipulação ou supervisão de quem quer que seja, especialmente por parte de uma grande organização. Liberdade significa ter controlo (quer como indivíduo quer como membro de um PEQUENO grupo) sobre os aspectos vitais da nossa existência: comida, roupas, abrigo e defesa contra quaisquer ameaças que possa haver no nosso meio envolvente. Liberdade significa ter poder; não o de controlar outras pessoas, mas o poder de controlar as circunstâncias da sua própria vida. Ninguém tem liberdade se outrem (especialmente uma grande organização) tem poder sobre ele, não importa quão benevolente, tolerante e permissivo possa ser o seu exercício. É importante não confundir liberdade com mera permissividade (ver parágrafo 72).

95. Dizem-nos que vivemos numa sociedade livre por termos um certo número de direitos garantidos constitucionalmente. Todavia estes não são tão importantes como parecem. O grau de liberdade pessoal que existe numa sociedade é mais determinado pela sua estrutura económica e tecnológica do que pelas suas leis ou forma de governo.[18] A

---

18 Antes da Constituição americana entrar em vigor, nas colónias americanas sob domínio britânico, as garantias jurídicas de liberdade eram menores em número e menos exequíveis, contudo na América pré-industrial, quer antes quer depois da Guerra da Independência, havia mais liberdade pessoal do que após o estabelecimento da Revolução Industrial no país. Em "Violence in America: Historical and Comparative Perspectives",

—

maioria das nações índias da Nova Inglaterra eram monarquias, e muitas das cidades da Renascença Italiana eram controladas por ditadores. Não obstante, ao ler sobre estas sociedades, ficamos com a impressão de que a liberdade pessoal era muito mais tolerada do que o é na nossa. Isto, em parte, porque tinham falta de mecanismos eficientes para colocar em prática a vontade do governante: não existiam forças policiais modernas, bem organizadas, nem comunicações rápidas de longa distância, nem câmaras de vigilância, nem dossiês de informação sobre as vidas do comum dos cidadãos. Era, pois, relativamente fácil fugir ao controlo.

96. Quanto aos nossos direitos constitucionais, queiram considerar, por exemplo, o da liberdade de imprensa. Certamente que não pretendemos acabar com tal direito; é uma ferramenta muito importante para limitar a concentração

---

editado por Hugh Davis Graham e Ted Robert Gurr, Capítulo 12 por Roger Lane, páginas 476-478, podemos ler: "O progressivo aumento dos padrões de decoro e com ele a dependência crescente das forças da lei oficiais (na América do século XIX)... eram comuns a toda a sociedade... A mudança no comportamento social é tão duradoura e tão difundida que sugere uma conexão com o mais fundamental dos processos sociais contemporâneos; o da própria urbanização industrial... Massachusetts em 1835 tinha uma população de cerca de 660.940, 81 porcento rural, esmagadoramente pré-industrial e autóctone. Os seus cidadãos estavam habituados a considerável liberdade pessoal. Quer fossem carroceiros, fazendeiros ou artesãos, todos estavam acostumados a estabelecer os seus próprios horários e a natureza do seu trabalho tornava-os fisicamente independentes entre si... Problemas individuais, pecados ou até crimes, geralmente não causavam ampla preocupação social... "Todavia o impacto dos movimentos gémeos, para a cidade e para a fábrica, começando ambos a ganhar ímpeto em 1835, tiveram um efeito progressivo no comportamento pessoal durante o século XIX, prolongando-se pelo século XX dentro. A fábrica exigia regularidade de comportamento, uma vida regida pela obediência aos ritmos do relógio e do calendário, às exigências do capataz e do supervisor. Na cidade ou na vila, as necessidades de viver em bairros apinhados inibiu muitas das acções que previamente não sofriam qualquer objecção. Quer o operário quer o escriturário em grandes estabelecimentos estavam mutuamente dependentes dos seus companheiros; a partir do momento em que o trabalho de um homem dependia do de outro assim declinava a sua autonomia pessoal. Os resultados da nova organização da vida e do trabalho tornaram-se notórios em 1900, quando cerca de 76 porcento dos 2.805.346 habitantes de Massachusetts foram classificados como citadinos. Muito do comportamento violento ou irregular que tinha sido tolerável numa sociedade coloquial, independente, já não era aceitável na atmosfera mais formal, cooperativa do período posterior... A mudança para as cidades tinha, em poucas palavras, produzido uma geração mais dócil, mais socializada, mais "civilizada" do que a dos seus predecessores."

do poder político e para manter aqueles que o detêm na linha ao expor publicamente qualquer mau comportamento da sua parte. Porém a liberdade de imprensa de pouco serve ao cidadão comum enquanto indivíduo. Os *mass media* estão na sua maioria sob controlo de grandes organizações, integradas no sistema. Quem tiver algum dinheiro pode mandar imprimir o que quiser, ou ainda distribuir conteúdos na Internet ou qualquer coisa que o valha, mas o que tiver a dizer será submerso pelo vasto volume de material publicado pelos *mass media*, não surtindo qualquer efeito prático. Abalar a sociedade com palavras é, por conseguinte, quase impossível para a maioria dos indivíduos e pequenos grupos. Olhem para nós (FC) por exemplo. Se nunca tivéssemos feito algo violento e tivéssemos submetido os presentes escritos a um editor, provavelmente nunca teriam sido aceites. A terem-no sido e sendo publicados provavelmente não teriam atraído muitos leitores, porque é mais divertido ver o entretenimento produzido pelos *mass media* do que ler um ensaio sóbrio. E mesmo que estes escritos tivessem tido muitos leitores, a sua grande maioria teria em breve olvidado o que tinham lido, já que as suas mentes teriam sido inundadas pelo acervo de material ao qual os *mass media* os expõem. De modo a fazer com que a nossa mensagem chegasse ao público, com alguma hipótese de provocar uma impressão duradoura, tivemos de matar pessoas.

97. Os direitos constitucionais são úteis até certo ponto, mas para mais não servem, salvo para garantir a concepção burguesa da liberdade, tal como a apodamos. De acordo com esta, um homem “livre” é essencialmente um elemento da máquina social, tendo apenas um certo conjunto de liberdades prescritas e limitadas; desenhadas para servir as necessidades da máquina social mais do que as do indivíduo. Assim o “livre” burguês tem liberdade económica porque esta promove o crescimento e o progresso; tem liberdade de imprensa porque a crítica pública restringe o mau comportamento dos líderes políticos e tem direito a um julgamento justo porque o

encarceramento por capricho dos poderosos seria mau para o sistema. Esta foi claramente a atitude de Simon Bolivar. Para este as pessoas só mereceriam a liberdade se a usassem para promover o progresso (tal qual os burgueses o concebiam, entenda-se). Outros pensadores burgueses adoptaram uma visão similar da liberdade enquanto mero meio para fins colectivos. Chester C. Tan, em "Chinese Political Thought in the Twentieth Century", página 202, explica a filosofia do líder do Kuomintang Hu Han-min: "São concedidos direitos a um indivíduo porque é um membro da sociedade e a sua vida comunitária reclama tais direitos. Por comunidade Hu entendia o todo social enquanto Nação". E na página 259 Tan afirma que de acordo com Carsum Chang (Chang Chun-mai, chefe do Partido Socialista Estatal na China) a liberdade teria de ser usada no interesse do Estado e do povo como um todo. Mas que tipo de liberdade pode alguém ter se só pode usá-la como prescrito por outrem? A concepção de liberdade do FC não é a de Bolivar, Hu, Chang ou outros teóricos burgueses. O problema destes teóricos é terem feito do desenvolvimento e aplicação de teorias sociais a sua actividade de substituição. Consequentemente as teorias são desenhadas para servir as necessidades dos teóricos, mais do que as necessidades de quaisquer pessoas desventuradas o suficiente para viver numa sociedade em que tais teorias sejam impostas.

98. Há a salientar mais um ponto nesta secção: não devemos assumir que uma pessoa tem liberdade suficiente só porque ela o DIZ. A liberdade é em parte restringida por controlos psicológicos dos quais as pessoas não se apercebem, além do mais as ideias que muitas pessoas têm do que constitui a liberdade são regidas mais por convenção social do que pelas suas necessidades reais. Por exemplo, é provável que muitos esquerdistas do tipo hiper-socializado digam que a maioria das pessoas, onde se incluem, é pouco socializada ao invés de demasiado, contudo o esquerdista hiper-socializado paga um pesado preço psicológico pelo seu alto nível de socialização.

—

ALGUNS PRINCÍPIOS DE HISTÓRIA

99. Pensem na história como sendo a soma de dois componentes: um, errático, que consiste em eventos imprevisíveis que seguem um padrão não discernível e um regular, consistindo em tendências históricas de longo-prazo. Iremos ocupar-nos destas últimas.

100. PRIMEIRO PRINCÍPIO. Se for feita uma PEQUENA mudança que afecte uma tendência histórica de longo-prazo, então o efeito desta será quase sempre transitório – a tendência reverterá em breve ao seu estado original. (Exemplo: um movimento reformista concebido para limpar a corrupção política numa sociedade raramente tem mais do que um efeito de curto-prazo; mais cedo ou mais tarde os reformistas afrouxam e a corrupção volta a instalar-se. O nível de corrupção política numa dada sociedade tende a permanecer constante, muda apenas de modo lento, com a evolução desta. Geralmente, uma limpeza política apenas se tornará permanente se acompanhada por amplas mudanças sociais; não bastará uma PEQUENA mudança na sociedade). Se uma pequena mudança, numa tendência histórica de longo-prazo, se afigura permanente, é apenas porque esta segue na direcção que a tendência já leva, de modo que a última não sofra alterações, é apenas empurrada um passo para a frente.

101. O primeiro princípio é quase tautológico. Se uma tendência não fosse estável no que concerne a pequenas mudanças, vaguearia aleatoriamente ao invés de seguir numa direcção definida; por outras palavras não seria de todo uma tendência de longo-prazo.

102. SEGUNDO PRINCÍPIO. Uma mudança suficientemente grande para alterar permanentemente uma tendência histórica de longo-prazo alterará a sociedade como um todo. Por outras palavras, a sociedade é um sistema no qual todas as partes estão inter-relacionadas e

não podemos mudar qualquer parte importante sem mudar também todas as outras partes.

103. TERCEIRO PRINCÍPIO. Se é feita uma mudança suficientemente grande em virtude da qual se altere de forma permanente uma tendência de longo-prazo, então as consequências para a sociedade como um todo não podem ser previstas antecipadamente. (A menos que várias outras sociedades tenham passado pela mesma mudança, tendo experimentado as mesmas consequências no seu todo, nesse caso podemos prever empiricamente que outra sociedade que passe pela mesma mudança provavelmente experimentará consequências similares).

104. QUARTO PRINCÍPIO. Um novo tipo de sociedade não pode ser delineado no papel. Ou seja, não se pode planear de antemão uma nova forma de sociedade, de seguida edificá-la e ficar depois na expectativa de que esta funcione como planeado.

105. Quanto aos princípios, o terceiro e quarto resultam da complexidade das sociedades humanas. Uma mudança no comportamento humano afectará a economia de uma sociedade e o seu meio físico e natural; a economia afectará o ambiente e vice-versa e as mudanças nestes afectarão o comportamento humano de modos complexos e imprevisíveis; e por aí adiante. A rede de causas e efeitos é de longe demasiado complexa para ser destrinçada e compreendida.

106. QUINTO PRINCÍPIO. As pessoas não elegem a forma da sua sociedade de forma consciente e racional. As sociedades desenvolvem-se através de processos de evolução social que se subtraem ao controlo humano racional.

107. O quinto princípio é consequência dos outros quatro.

108. A título ilustrativo: mediante o primeiro princípio, em termos gerais, uma tentativa de reestruturação social ou bem que segue o rumo que a sociedade, de qualquer das maneiras, já leva (de forma que meramente acelera uma mudança que teria ocorrido de qualquer forma) ou então tem apenas um

efeito transitório, sendo que a sociedade em breve recai nos seus velhos hábitos. Para efectuar uma mudança duradoura que vise o rumo do desenvolvimento de um qualquer aspecto importante de uma dada sociedade, a reforma é insuficiente, é necessária a revolução. (Esta não envolve necessariamente um levantamento armado ou o derrube de um governo). Conforme o segundo princípio, uma revolução nunca muda apenas um aspecto da sociedade, muda-a no seu todo; atendo-nos ao terceiro princípio ocorrem mudanças nunca esperadas ou desejadas pelos revolucionários. Segundo o quarto princípio, quando os revolucionários ou utópicos edificam um novo tipo de sociedade, esta nunca funciona como planeado.

109. A Revolução Americana não constitui um exemplo antitético. A "Revolução" Americana não o foi no sentido que damos à palavra, tratou-se antes de uma guerra de independência seguida por uma reforma política de largo alcance. Os *Founding Fathers* não mudaram o rumo do desenvolvimento da sociedade americana, nem tão pouco a isso aspiravam. Apenas libertaram o desenvolvimento da sociedade americana do efeito retardante do domínio britânico. A sua reforma política não mudou nenhuma tendência básica, limitou-se a impulsionar a cultura política americana no decorrer do seu rumo natural de desenvolvimento. A sociedade britânica, da qual a sociedade americana era um ramo, há muito que se movia em direcção à democracia representativa. Antes mesmo da Guerra de Independência já os americanos praticavam largamente a democracia representativa nas assembleias coloniais. O sistema político estabelecido pela Constituição foi modelado a partir do britânico e das assembleias coloniais. Certamente que com grandes alterações – não há dúvida de que os *Founding Fathers* deram um passo muito importante. Todavia foi um passo ao longo da estrada que já estava a ser percorrida pelo mundo anglófono. A prova é que a Grã-Bretanha e todas as suas colónias maioritariamente povoadas por pessoas de ascendência britânica acabaram por ter sistemas de

democracia representativa essencialmente similares ao dos Estados Unidos. Se os *Founding Fathers* tivessem perdido a coragem, escusando-se assinar a Declaração de Independência, o nosso estilo de vida hoje não seria significativamente diferente. Talvez tivéssemos, de algum modo, vínculos mais estreitos com a Grã-Bretanha, com um Parlamento e um Primeiro-Ministro ao invés de um Congresso e um Presidente. Nada de especial. Assim a Revolução Americana fornece não um exemplo antitético dos nossos princípios, mas uma boa ilustração dos mesmos.

110. Contudo, temos de usar de senso comum ao aplicar os princípios. Estes são expressos em linguagem imprecisa, dando margem para interpretação, podendo ser encontradas excepções aos mesmos. Por isso apresentamo-los não como leis invioláveis, mas antes como regras de ouro, ou guias de pensamento que podem providenciar um antídoto parcial para ideias ingénuas sobre o futuro da sociedade. Os princípios devem ser tidos constantemente em mente, sempre que cheguemos a um desfecho conflituante deveremos examinar cuidadosamente o nosso pensamento e reter a conclusão apenas se tivermos boas e sólidas razões para o fazer.

—

A SOCIEDADE INDUSTRIAL-TECNOLÓGICA NÃO PODE SER REESTRUTURADA

111. Os princípios acima mencionados ajudam a elucidar a dificuldade irremediável que teríamos na tentativa de reestruturar o sistema industrial, de modo a impedi-lo de progressivamente constranger a nossa esfera de liberdade. Tem havido uma tendência consistente, recuando pelo menos à Revolução Industrial, na qual a tecnologia robustece o sistema a grandes expensas da liberdade individual e da autonomia local. Daí que qualquer mudança concebida para proteger a liberdade da tecnologia seria contrária a uma tendência crucial no desenvolvimento da nossa sociedade. Consequentemente, tal mudança ou seria transitória, rapidamente submersa pela maré da história, ou, se suficientemente grande para se tornar permanente, mudaria a natureza de toda a nossa sociedade. Isto aplicando o primeiro e segundo princípios. Além do mais, uma vez que a sociedade seria alterada de um modo que não poderia ser previsto antecipadamente (terceiro princípio) correr-se-iam grandes riscos. Não seriam desencadeadas mudanças grandes o suficiente para fazerem uma diferença duradoura a favor da liberdade, porque seria perceptível que estas abalariam gravemente o sistema. Por isso quaisquer tentativas de reforma seriam demasiado tímidas para serem eficazes. E mesmo que se iniciassem mudanças suficientemente grandes para fazerem uma diferença duradoura estas seriam revogadas quando os seus efeitos perturbadores se tornassem notórios. Assim, mudanças permanentes a favor da liberdade só podem ser levadas a cabo por pessoas preparadas para aceitar uma alteração radical, perigosa e imprevisível de todo o sistema. Por outras palavras, por revolucionários e não por reformistas.

—

112. Indivíduos ansiosos por salvar a liberdade sem sacrificar os supostos benefícios da tecnologia sugerirão planos ingénuos para algum novo tipo de sociedade que as reconciliaria. Descontando, logo à partida, o facto de que os que fazem tais sugestões raramente proporem quaisquer meios práticos para a sua edificação, decorre do quarto princípio que, mesmo que a nova forma de sociedade pudesse ser criada, uma vez estabelecida, ou colapsaria ou daria resultados muito diferentes dos esperados.

113. Assim, mesmo em linhas muito gerais, parece altamente improvável que possa ser encontrada qualquer forma de mudar a sociedade que viesse a reconciliar a liberdade com a tecnologia moderna. Nas próximas secções e razões mais específicas para concluir que a liberdade e o progresso tecnológico são incompatíveis.

—

A RESTRIÇÃO DA LIBERDADE É INEVITÁVEL NA SOCIEDADE INDUSTRIAL

114. Como já explicámos nos parágrafos 65-67, 70-73, o homem moderno está amarrado por uma rede de regras e regulamentos e o seu destino depende das acções de pessoas inacessíveis cujas decisões não pode influenciar. Isto não é acidental nem o resultado do capricho de burocratas arrogantes. É necessário e inevitável em qualquer sociedade tecnologicamente avançada. O sistema TEM DE regular o comportamento humano à risca, de modo a funcionar. No trabalho as pessoas têm de fazer o que lhes dizem para fazer, ou de outro modo a produção seria lançada no caos. Os processos burocráticos TÊM DE ser geridos de acordo com regras rígidas. Permitir qualquer poder discricionário substantivo aos burocratas de baixo nível, a título pessoal, perturbaria o sistema e conduziria a acusações de injustiça, devido às diferenças na forma do seu exercício por cada um destes, individualmente. É verdade que algumas limitações à nossa liberdade poderiam ser eliminadas, mas DE FORMA GERAL a regulação das nossas vidas por grandes organizações é necessária ao funcionamento da sociedade industrial-tecnológica. O resultado é um sentimento de impotência por parte do homem comum. Contudo, poderá bem vir a acontecer que as regulações formais tendam a ser crescentemente substituídas por ferramentas psicológicas que nos façam querer fazer aquilo que o sistema requer de nós. (Propaganda[19], técnicas educativas, programas de "saúde mental", etc.).

115. O sistema TEM DE forçar as pessoas a comportarem-se de maneiras cada vez mais afastadas do padrão natural de comportamento humano. Por exemplo, o sistema necessita de

19 Ver nota 15.

cientistas, matemáticos e engenheiros. Não pode funcionar sem eles. Como tal as crianças são fortemente pressionadas para se destacarem nestes campos. Não é natural para um adolescente passar a maioria do seu tempo a uma secretária absorto em estudos. Um adolescente normal quer passar o seu tempo a interagir com o mundo real. Entre os povos primitivos as coisas que as crianças são treinadas para fazer tendem a estar em razoável harmonia com os impulsos humanos naturais. Entre os índios americanos, por exemplo, os rapazes eram adestrados através de actividades físicas ao ar livre, mesmo o tipo de coisa de que os rapazes gostam. Na nossa sociedade, ao invés, impinge-se às crianças o estudo de assuntos técnicos, o que a maioria faz contrariada.

116. Por causa da pressão constante exercida pelo sistema para modificar o comportamento humano, há um aumento gradual do número de pessoas que não conseguem ou não querem ajustar-se às exigências da sociedade: chupistas da Segurança Social, membros de bandos juvenis, de seitas, rebeldes anti-governo, sabotadores ambientalistas radicais, abdicantes de vária ordem e resistentes de diversos tipos.

117. Em qualquer sociedade tecnologicamente avançada o destino do indivíduo TEM de depender de decisões que não pode de sobremaneira influenciar. Uma sociedade tecnológica não pode ser partida em comunidades pequenas, autónomas, porque a produção depende da cooperação de um grande número de pessoas e de maquinaria. Tal sociedade TEM de ser altamente organizada, TENDO QUE ser tomadas decisões que vão afectar um grande número de pessoas. Quando uma decisão afecta, digamos, um milhão de pessoas, cada um dos indivíduos afectados tem, em média, apenas uma quota-parte milionésima na tomada de decisão. O que habitualmente acontece na prática é que as decisões são tomadas por detentores de cargos públicos, executivos empresariais, ou especialistas técnicos, mas mesmo quando o público vota numa decisão o número de votos é geralmente grande demais

—

para o voto de qualquer indivíduo ter significado. [20] Assim, a maioria dos indivíduos são incapazes de influenciar as principais decisões que afectam as suas vidas, de modo mensurável. Não há maneira plausível de o remediar numa sociedade tecnologicamente avançada. O sistema tenta "resolver" este problema servindo-se da propaganda para fazer com que as pessoas COMPACTUEM com as decisões que foram tomadas a seu respeito, mas mesmo que esta "solução" fosse completamente bem-sucedida em fazer as pessoas sentirem-se melhor, seria degradante.

118. Os conservadores e outros mais pleiteiam por mais "autonomia local". As comunidades locais realmente tiveram, em tempos, autonomia, mas esta torna-se cada vez menos viável à medida que as comunidades locais mais se enredam e inscrevem em sistemas de larga escala como os serviços públicos, as redes de computadores, os sistemas de auto-estradas, os *mass media* ou o moderno sistema de saúde. Também opera contra a autonomia o facto de a tecnologia aplicada numa localização muitas vezes afectar pessoas noutras localizações muito remotas. Assim o pesticida ou químico usado perto de um ribeiro pode contaminar o fornecimento de água centenas de quilómetros a jusante, e o efeito de estufa afecta o mundo inteiro.

119. O sistema não foi criado nem pode existir para satisfazer necessidades humanas. Em vez disso é o comportamento humano que tem de ser modificado para prover às necessidades do sistema. Tal nada tem a ver com a ideologia política ou social que é suposto encabeçar o sistema tecnológico. Não é culpa do capitalismo, nem do socialismo. É culpa da tecnologia, porque o sistema não é guiado pela ideologia, mas por necessidade técnica. [21] Claro que o sistema

---

20 Há apologistas do sistema que gostam de citar casos nos quais as eleições foram decididas por um ou dois votos, mas tais casos são raros.

21 "Hoje, nos países tecnologicamente avançados, os homens levam vidas muito similares apesar das diferenças geográficas, religiosas e políticas. As vidas diárias de um caixa de banco, cristão em Chicago, budista em Tóquio e comunista em Moscovo são muito mais parecidas entre si do que qualquer uma delas com a de um qualquer homem

satisfaz muitas necessidades humanas, mas de um modo geral fá-lo apenas até ao ponto em que tal é vantajoso para si. As necessidades do sistema são primordiais, as do ser humano não. Por exemplo, o sistema fornece comida às pessoas porque não poderia funcionar se estas passassem fome; dá assistência às suas necessidades psicológicas sempre e quando seja da sua CONVENIÊNCIA, porque não poderia funcionar se demasiadas pessoas ficassem deprimidas ou revoltadas. Ora o sistema, por boas e sólidas razões de ordem prática tem de exercer pressão constante sobre o comportamento das pessoas para o moldar às suas necessidades. Acumulam-se demasiados resíduos? O governo, os *mass media*, o sistema educativo, os ambientalistas, toda a gente nos inunda com um acervo de propaganda sobre reciclagem. É necessário mais pessoal técnico? Um coro de vozes exorta os miúdos a estudar ciências. Ninguém pára para perguntar se não será desumano forçar adolescentes a passar muito do seu tempo a estudar temas que a maioria deles odeia. Quando trabalhadores qualificados são despedidos de um emprego devido a avanços técnicos, tendo de passar por uma "requalificação", ninguém se questiona sobre a humilhação deste confrangimento. É simplesmente assumido que toda a gente tem de se vergar à demanda da técnica e por boa razão: se as necessidades humanas fossem postas à frente das necessidades técnicas haveria problemas económicos, desemprego, escassez ou pior. O conceito de "saúde mental" na nossa sociedade é largamente definido pela medida em que um indivíduo se comporta de acordo com as necessidades do sistema e o faz sem mostrar sinais de *stress*.

120. Os esforços para dar azo ao sentido de missão e à autonomia dentro do sistema não são mais do que uma anedota. Por exemplo, uma empresa, ao invés de ter cada

---

que tenha vivido há mil anos. Estas similitudes são o resultado de uma tecnologia comum..." L. Sprague de Camp, "The Ancient Engineers", Ballantine edition, página 17. As vidas dos três caixas de banco não são IGUAIS. A ideologia produz ALGUM efeito. Contudo todas as sociedades tecnológicas, de modo a sobreviverem, têm de evoluir ao longo da mesma trajectória, em termos APROXIMATIVOS.

—

empregado a montar apenas uma secção de um catálogo, pô-los a compor um completo, individualmente e isto era suposto dar-lhes um sentimento de propósito e de realização. Algumas empresas tentaram dar aos seus empregados mais autonomia no seu trabalho, mas por razões práticas isto geralmente só pode ser feito em pequena escala, em qualquer dos casos aos empregados nunca é dada autonomia em relação aos objectivos finais. Os seus esforços "autónomos" nunca podem ser dirigidos para objectivos que estes seleccionem pessoalmente, apenas para os dos seus empregadores, tais como a sobrevivência e o crescimento da empresa. Esta em breve faliria se permitisse que os seus empregados agissem de outro modo. Similarmente, em qualquer empresa parte de um sistema socialista, os trabalhadores devem dirigir os seus esforços para os objectivos da empresa, de outra maneira esta não serviria o seu propósito como parte do sistema. Reiteramos a impossibilidade, por razões puramente técnicas, de uma maioria de indivíduos, ou de pequenos grupos, ter muita autonomia na sociedade industrial. Mesmo o dono de um pequeno negócio, a mais das vezes, tem apenas uma autonomia limitada. À parte a necessidade de regulamentação governamental, constrange-o o facto de ter de se encaixar no sistema económico, conformando-se com os seus requisitos. Por exemplo, quando uma nova tecnologia é desenvolvida o pequeno negociante muitas vezes tem de usar essa tecnologia, quer queira quer não, de modo a continuar competitivo.

—

AS PARTES “MÁS” DA TECNOLOGIA NÃO PODEM SER SEPARADAS DAS “BOAS”

121. Razão adicional pela qual a sociedade industrial não pode ser reestruturada em favor da liberdade é que a tecnologia moderna é um sistema unificado no qual todas as partes são interdependentes. Não podemos ver-nos livres das suas partes “más”, retendo apenas as “boas”. Considerem a medicina moderna, por exemplo. O progresso da ciência médica depende do da química, física, biologia, ciência informática e doutros campos. Os tratamentos médicos avançados requerem equipamento caro, de alta tecnologia, que apenas podem ser disponibilizados por uma sociedade tecnologicamente progressiva, economicamente rica. Está visto que a medicina não progredirá muito sem o conjunto do sistema tecnológico e tudo o que este acarreta.

122. Mesmo que os avanços na medicina pudessem ser mantidos descartando o resto do sistema tecnológico, estes trariam por si mesmo alguns males. Suponham por exemplo que se descobre uma cura para a diabetes. As pessoas com uma tendência genética para esta serão, a partir daí, capazes de sobreviver e de se reproduzir como qualquer outra pessoa. A selecção natural contra os genes da diabetes extinguir-se-á e estes espalhar-se-ão pela população. (Isto pode já estar a ocorrer, até um certo ponto, uma vez que a diabetes, embora incurável, pode ser controlada através do uso de insulina). Quanto à vulnerabilidade às doenças, agravadas pela degradação genética da população, o mesmo acontecerá com muitas outras. A única solução residirá num qualquer tipo de programa eugénico ou numa vasta manipulação genética dos seres humanos, de modo que o homem no futuro já não será uma criação da natureza, ou da sorte, ou de Deus (dependendo das opiniões religiosas ou filosóficas de cada um), mas um produto industrializado.

—

123. Se acham que este espécime de governo hipertrofiado se intromete demasiado na vossa vida AGORA, esperem até que ele comece a regular a constituição genética dos vossos filhos. Tal irá inevitavelmente suceder após o começo da manipulação genética em seres humanos, porque uma engenharia genética não regulamentada traria consequências desastrosas.[22]

124. A resposta rotineira a tais preocupações é falar de "ética médica". Mas um código de ética em nada serviria para proteger a liberdade face aos avanços da medicina; apenas tornaria as coisas piores. Um código de ética aplicável à engenharia genética seria na verdade um meio de regular a constituição genética dos seres humanos. Alguém (provavelmente a classe média-alta, sobretudo) decidiria que algumas aplicações da engenharia genética seriam "éticas" e outras não, de modo que estariam a impor os seus próprios valores sobre a constituição genética à população em geral. Mesmo que fosse escolhido um código de ética numa base completamente democrática, a maioria estaria a impor os seus valores a quaisquer minorias que pudessem ter uma ideia diferente do que vem a ser um uso "ético" da engenharia genética. O único código de ética que protegeria verdadeiramente a liberdade seria um que proibisse QUALQUER manipulação genética de seres humanos e podem ter a certeza de que nunca um tal código será aplicado numa sociedade tecnológica. Nenhum código que reduzisse a engenharia genética a um papel menor poderia resistir muito tempo, a tentação ostentada pelo imenso poder da biotecnologia seria irresistível, sobretudo porque para a maioria das pessoas muitas das suas aplicações pareceriam óbvia e inequivocamente boas (eliminando as doenças físicas e mentais, dando às pessoas as capacidades necessárias para se desenvencilharem no mundo de hoje). Inevitavelmente a engenharia genética será usada em larga escala, mas só de formas em tudo condizentes com as necessidades do sistema industrial-tecnológico.[23]

---

22 Basta pensar que um só engenheiro genético irresponsável poderia criar montes de terroristas.

23 Um exemplo mais das consequências indesejáveis dos avanços na medicina, suponham que é descoberta uma cura fiável para o cancro. Mesmo que o tratamento seja

—

A TECNOLOGIA É UMA FORÇA SOCIAL MAIS PODEROSA DO QUE A ASPIRAÇÃO PELA LIBERDADE

125. É impossível um compromisso DURADOURO entre a tecnologia e a liberdade, porque a primeira é de longe a força social mais poderosa e continuamente cerceia a segunda através de compromissos REDOBRADOS. Imaginem o caso de dois vizinhos, um dos quais é mais poderoso que o outro, sendo que cada qual no início tem a mesma quantidade de terras. O poderoso exige um pedaço das terras do outro. O fraco recusa. O poderoso diz, "Está bem, cheguemos a um compromisso. Dá-me metade do que eu pedi". O fraco tem pouca escolha senão ceder. Passado algum tempo o vizinho poderoso exige outro pedaço de terra, há lugar a um novo compromisso e por aí adiante. Ao forçar o homem mais fraco a uma série de compromissos, o poderoso eventualmente apodera-se de todas as terras deste. O mesmo se aplica no conflito entre a tecnologia e a liberdade.

126. Permitam que expliquemos porque é que a tecnologia é uma força social mais poderosa do que a aspiração à liberdade.

127. Um avanço tecnológico que, à primeira vista, não ameaça a liberdade acaba muitas vezes por colocá-la seriamente em risco, mais tarde. Considerem o transporte motorizado. Dantes um peão podia ir para onde lhe apetecesse, ao seu ritmo, sem observar quaisquer regras de trânsito e sem estar dependente de sistemas de apoio tecnológico. Quando apareceram os veículos motorizados parecia que aumentavam a liberdade do homem. Não tiravam qualquer liberdade ao peão, ninguém tinha de ter um automóvel, se não quisesse e

---

demasiado caro para ser disponibilizado a outros que não a elite, irá reduzir grandemente a sua motivação para acabarem com a libertação de carcinogéneos no meio-ambiente.

quem escolhesse comprar um automóvel poderia viajar muito mais velozmente e cobrir maiores distâncias do que um pedestre. Mas a introdução do transporte motorizado em breve mudou a sociedade, restringindo grandemente a liberdade de locomoção do homem. Quando os automóveis se tornaram numerosos, foi necessário regular o seu uso ao pormenor. Num carro, especialmente em áreas densamente povoadas, não podemos ir onde queremos ao nosso próprio ritmo; a nossa deslocação é governada pelo fluxo viário e por inúmeras regras de trânsito. Somos reféns de obrigações várias, do processo burocrático para a obtenção da carta ao exame de condução, da renovação do registo ao seguro, passando pela manutenção obrigatória por razões de segurança, às prestações mensais sobre a compra a crédito da viatura. Além do mais, o uso de transporte motorizado já não é opcional. Desde a sua introdução o ordenamento das nossas cidades mudou de tal maneira que a maioria das pessoas já não vive a uma distância caminhável do seu local de trabalho, nem das áreas comerciais e de lazer, por conseguinte são OBRIGADAS a depender do automóvel para o transporte. Ou então têm de usar transportes públicos e nesse caso têm ainda menos controlo sobre a sua própria mobilidade do que quando conduzem um carro. Hoje em dia até a liberdade do peão sofre fortes constrangimentos. Na cidade tem de parar continuamente para esperar por semáforos que são desenhados maioritariamente para servir o tráfego automóvel. No campo, este torna perigoso e desagradável andar ao longo da rodovia. (Atentem neste ponto importante que ainda agora ilustrámos com o caso do transporte automóvel: quando um novo item de tecnologia é introduzido como uma opção que um indivíduo pode ou não aceitar, fica ao seu arbítrio, este não PERMANECE necessariamente como opcional. Em muitos casos a nova tecnologia muda a sociedade de tal modo que as pessoas eventualmente se vêem forçadas a usá-la).

128. Enquanto o progresso tecnológico ENQUANTO UM TODO continuamente cerceia a nossa esfera de liberdade,

cada novo avanço tecnológico CONSIDERADO POR SI MESMO parece apetecível. Electricidade, canalização interior, comunicações rápidas de longa distância... como é que alguém pode argumentar contra qualquer destas coisas, ou contra qualquer outro dos inúmeros avanços tecnológicos, apanágios da sociedade moderna? Teria sido absurdo resistir à introdução do telefone, por exemplo. Ofereceu muitas vantagens e nenhuma desvantagem. Contudo, como explicámos nos parágrafos 59-76, todos estes avanços tecnológicos em conjunto criaram um mundo no qual o destino do homem comum já não está nas suas mãos nem nas dos seus vizinhos ou amigos, antes nas dos políticos e executivos empresariais e nas dos técnicos e burocratas anónimos e inacessíveis, que enquanto indivíduo é impotente para influenciar.[24] O mesmo processo continuará no futuro. Olhem para a engenharia genética, por exemplo. Pouca gente se oporá à implementação de uma técnica genética que elimine uma dada doença hereditária. À primeira vista esta será tida como benfazeja, evitando muito sofrimento. Contudo, no seu conjunto, uns vastos números de melhorias genéticas farão do ser humano um produto de *design* de engenharia ao invés de uma criação livre do acaso (ou de Deus, ou do que quer que seja, dependendo das vossas crenças religiosas).

129. Outra razão pela qual a tecnologia é uma força social tão poderosa é que, no contexto de uma dada sociedade, o progresso tecnológico marcha numa só direcção; nunca pode ser revertido. Uma vez introduzida uma inovação técnica, as

---

24 Uma vez que muitas pessoas poderão achar absurda a noção segundo a qual um grande número de coisas boas, quando somadas, possa vir a redundar numa coisa má, vamos ilustrá-la com uma analogia. Suponhamos que o Sr. A está a jogar xadrez com o Sr. B. O Sr. C, um Grande Mestre, está a olhar por cima do ombro do Sr. A. Este, é claro, quer ganhar o jogo, por isso se o Sr. C lhe indicar um bom movimento para executar, estar-lhe-á a fazer um favor. Agora suponham que o Sr. C diz ao Sr. A como executar TODOS os seus movimentos. Em cada circunstância particular este faz um favor ao Sr. A, ao mostrar-lhe a sua melhor jogada, mas ao fazer TODOS os seus movimentos por ele estraga-lhe o jogo, uma vez que não há sentido em o Sr. A jogar de todo se outra pessoa leva a cabo todos os seus movimentos. A situação do homem moderno é análoga àquela do Sr. A. O sistema torna a vida de um indivíduo mais fácil de inúmeras maneiras, mas ao fazê-lo priva-o do controlo sobre o seu próprio destino.

pessoas geralmente tornam-se dependentes desta, de modo que nunca mais podem passar sem ela, a menos que seja substituída por alguma inovação ainda mais avançada. Não são só as pessoas, a título individual, que se tornam dependentes de um qualquer novo item tecnológico, acontece o mesmo ao sistema como um todo. (Imaginem o que lhe aconteceria, aos dias de hoje, se por exemplo os computadores fossem eliminados). Como tal o sistema tem apenas uma linha de rumo, a caminho de uma maior tecnologização. Reiteradamente a tecnologia força a liberdade a perder margem de manobra, mas a primeira nunca pode dar um passo atrás, ou acabaria por provocar a derrocada de todo o sistema tecnológico.

130. A tecnologia avança com grande rapidez, ameaçando simultaneamente a liberdade por vários ângulos (sobrepopulação, regras e regulamentos, dependência crescente dos indivíduos em relação a grandes organizações, propaganda e outras técnicas psicológicas, engenharia genética, invasão da privacidade através de aparelhos de vigilância e computadores, etc.). Seria necessário travar uma longa e difícil luta social para acabar com qualquer UMA destas ameaças à liberdade. Os que a querem proteger estão assoberbados pelo número espantoso de novos ataques e pela rapidez com que estes se desenvolvem, daí tornarem-se apáticos e já não resistirem. Lutar contra cada uma das ameaças separadamente seria fútil. Só poderemos triunfar se lutarmos contra o sistema tecnológico como um todo; mas isso chama-se revolução e não reforma.

131. Os técnicos, (usamos este termo no seu sentido lato para descrever todos os que desempenham uma tarefa especializada que requeira treino), tendem a empenhar-se de tal modo na sua carreira (na sua actividade de substituição) que quando surge um conflito entre o seu trabalho e a liberdade quase sempre decidem a favor do primeiro. Isto é óbvio no caso dos cientistas, mas também aflora noutros lados: educadores, grupos humanitários, organizações

—

conservacionistas não hesitam em fazer uso da propaganda[25] ou de outras técnicas psicológicas para ajudá-los a alcançar os seus louváveis objectivos. Empresas e agências governamentais, quando lhes é útil, não hesitam em recolher informações sobre quaisquer indivíduos sem atender ao seu direito à privacidade. Os direitos constitucionais dos suspeitos e muitas vezes os de pessoas completamente inocentes, frequentemente são vistos como inoportunos pelas agências policiais, que tudo fazem, legal ou às vezes ilegalmente, para os restringir ou contornar.

Muitos destes educadores, funcionários públicos e agentes da lei acreditam na liberdade, na privacidade e nos direitos constitucionais, mas quando estes entram em conflito com o seu trabalho, geralmente acham que o seu trabalho é mais importante.

132. Sabemos bem que as pessoas geralmente trabalham melhor e mais obstinadamente quando lutam por uma recompensa do que quando tentam evitar um castigo ou um desfecho negativo. Os cientistas e outros técnicos são motivados principalmente pelas recompensas obtidas através do seu trabalho. Todavia os que se opõem às incursões tecnológicas na esfera da liberdade trabalham para evitar um desenlace nocivo, consequentemente poucos há que laborem persistente e adequadamente em tão desencorajadora tarefa. Se os reformistas alguma vez alcançassem uma vitória assinalável que à primeira vista estabelecesse uma sólida barreira contra uma maior erosão da liberdade através do progresso tecnológico, a maioria tenderia a afrouxar, virando a sua atenção para interesses mais agradáveis. Mas os cientistas permaneceriam ocupados nos seus laboratórios e a tecnologia à medida que fosse progredindo, encontraria modos, mau grado quaisquer barreiras, para exercer cada vez mais e mais controlo sobre os indivíduos, tornando-os cada vez mais dependentes do sistema.

---

25 Ver nota 15.

—

133. Nenhuns arranjos sociais, quer sejam leis, instituições, costumes ou códigos de ética, conseguem fornecer protecção permanente contra a tecnologia. A História mostra que todos os arranjos sociais são transitórios; todos mudam ou colapsam eventualmente. Porém os avanços tecnológicos são permanentes dentro do contexto de uma dada civilização. Suponhamos por exemplo que fosse possível firmar alguns pactos sociais que impedissem a engenharia genética de ser aplicada aos seres humanos, ou de ser aplicada de tal modo que pudesse ameaçar a liberdade e a dignidade de cada um. Apesar disso, a tecnologia continuaria à espera. Mais tarde ou mais cedo o consenso social colapsaria. Provavelmente mais cedo, dado o ritmo a que muda a nossa sociedade. A partir daí a tecnologia começaria a invasão da nossa esfera de liberdade de forma irreversível (à excepção de um colapso da própria civilização tecnológica). Quaisquer ilusões sobre a conquista do que quer que seja de permanente, através de pactos sociais, são dissipadas por aquilo que está actualmente a acontecer com a legislação ambiental. Há alguns anos parecia que existiam barreiras legais seguras para impedir pelo menos ALGUMAS das piores formas de degradação do meio-ambiente. Uma mudança nos ventos políticos e estas começaram a desabar.

134. Por todas as razões mencionadas acima, a tecnologia é uma força social mais poderosa do que a aspiração à liberdade. Esta afirmação comporta, todavia, uma importante ressalva. É de acreditar que durante as próximas décadas o sistema industrial-tecnológico venha a sofrer severas tensões atribuíveis a problemas económicos e ambientais e especialmente devido a problemas no comportamento humano (alienação, revolta, hostilidade e uma panóplia de problemas sociais e psicológicos). Esperamos que as tensões pelas quais é provável que o sistema passe o façam colapsar, ou que pelo menos o enfraqueçam de tal modo que uma revolução se torne possível. Se tal ocorrer e for bem-sucedida, então nesse momento particular a aspiração à liberdade terá provado ser mais poderosa do que a tecnologia.

—

135. No parágrafo 125 usámos a analogia de um vizinho fraco que é espoliado por um vizinho forte que lhe toma toda a suas terras, ao forçá-lo a uma série de compromissos. Suponham agora que o vizinho forte fica doente, de modo que é incapaz de defender-se. O vizinho fraco pode forçá-lo a dar-lhe as suas terras de volta, ou pode matá-lo. Se o deixar sobreviver, forçando-o apenas a devolver-lhe as terras, é um tonto, porque quando este melhorar novamente tomará as terras para si. A única alternativa viável para o homem mais fraco é matar o forte enquanto tem a oportunidade. Do mesmo modo, teremos de destruir o sistema industrial enquanto este estiver doente. Se pactuarmos com ele e o deixarmos recuperar da sua doença, eventualmente eliminará toda a nossa liberdade.

—

PROBLEMAS SOCIAIS MAIS SIMPLES PROVARAM SER INTRATÁVEIS

136. Se alguém ainda equaciona a possibilidade de reformar o sistema de modo a proteger a liberdade da tecnologia seria bom que se lembrasse da maneira como a nossa sociedade lidou com outros problemas sociais que são de longe mais simples e evidentes; desastradamente e na maioria das vezes sem sucesso. Entre outras coisas, o sistema falhou em acabar com a degradação ambiental, a corrupção política, o tráfico de droga ou com a violência doméstica.

137. Considerem os nossos problemas ambientais, por exemplo. O conflito de valores é claro: proveito económico imediato versus a preservação de alguns dos nossos recursos naturais a favor dos nossos netos.[26] Todavia, sobre este assunto, a oligarquia não nos brinda senão balelas e cortinas de fumo, não há uma clara linha de acção consistente e continuamos a amontoar problemas ambientais com os quais os nossos netos terão de viver. Os esforços para resolver a questão ambiental resumem-se a lutas e compromissos entre diferentes facções, cujo ascendente varia conforme o momento. O que é reivindicado muda ao sabor das inconstantes correntes da opinião pública. Este não é um processo racional, nem um que possa conduzir a uma solução atempada e bem-sucedida para o problema em questão. Os principais problemas sociais, se é que são "resolvidos" de todo, raramente, ou mesmo nunca, o são através de um plano racional, inteligível. Resolvem-se a si mesmos, através de um processo no qual vários grupos concorrentes prosseguindo os seus interesses próprios[27] (geralmente de curto-prazo) chegam

26 Aqui apenas levamos em conta o conflito de valores dentro da corrente social predominante. Em nome da simplicidade descartamos valores "bizarros" como a ideia de a Natureza selvagem ser mais importante do que o bem-estar económico.

27 O interesse próprio não é necessariamente MATERIAL. Pode consistir no

(principalmente por sorte) a um *modus vivendi* mais ou menos estável. De facto, segundo os princípios formulados nos parágrafos 100 a 106, é duvidoso que o planeamento social racional de longo-prazo possa ALGUMA VEZ ser bem-sucedido.

138. Como tal, fica claro que a espécie humana tem uma capacidade muito limitada, na melhor das hipóteses, para a resolução de problemas sociais, mesmo os relativamente simples. Como poderá, pois, resolver o problema, de longe mais difícil e subtil, da reconciliação entre a liberdade e a tecnologia? Esta apresenta nítidas vantagens materiais, enquanto a liberdade é uma abstracção cujo significado é diverso de pessoa para pessoa, sendo que a sua perda é facilmente mascarada pela propaganda e pelo discurso politicamente correcto.

139. Há uma importante disparidade a ter em conta: é concebível que os nossos problemas ambientais (por exemplo) venham um dia a ser resolvidos através de um plano racional e abrangente, mas se tal acontecer será apenas porque é do interesse de longo-prazo do sistema resolvê-los. Ora NÃO interessa ao sistema a preservação da liberdade ou da autonomia dos pequenos grupos. Pelo contrário, interessa-lhe controlar o comportamento humano[28], o mais que possa. Considerações de ordem prática talvez venham eventualmente a forçar o sistema a uma abordagem prudente, racional dos problemas ambientais, mas a mesma lógica compeli-lo-á a regular o comportamento humano, cada vez de forma mais invasiva (preferivelmente por meios indirectos que disfarçarão os atropelos à liberdade). Esta não é apenas a nossa

---

preenchimento de alguma necessidade psicológica, por exemplo, ao promover a nossa própria ideologia ou religião.

28 Uma ressalva: é do interesse do sistema permitir um certo grau de liberdade regulamentada nalgumas áreas. Por exemplo, a liberdade económica (com as adequadas limitações e restrições) provou ser eficaz na promoção do crescimento económico. Mas só a liberdade planeada, circunscrita, limitada é do interesse do sistema. O indivíduo é para ser sempre mantido preso à trela, mesmo que esta às vezes seja comprida (ver parágrafos 94,97).

—

opinião. Eminentes cientistas sociais (por exemplo, James Q. Wilson) salientaram a importância de “socializar” as pessoas mais eficientemente.

—

A REVOLUÇÃO É MAIS FÁCIL DO QUE A REFORMA

140. Esperamos ter convencido o leitor de que o sistema não pode ser reformado de modo a reconciliar a liberdade com a tecnologia. A única saída é descartar o sistema industrial-tecnológico na sua totalidade. Tal implica uma revolução, não forçosamente um levantamento armado, mas decerto uma mudança de fundamentos, radical, na natureza da sociedade.

141. As pessoas tendem a presumir que uma revolução, porque envolve uma mudança muito maior do que uma reforma, é mais difícil de levar a cabo do que esta última. Na verdade, em certas circunstâncias a revolução é muito mais praticável do que a reforma. Tudo porque um movimento revolucionário pode inspirar uma intensidade de empenhamento que um movimento de reforma não alcança. Este apenas procura resolver um problema social particular. Um movimento revolucionário busca resolver todos os problemas de um só golpe, criando todo um mundo novo; fomenta nas pessoas o tipo de ideal que anima a grandes riscos e sacrifícios. Em tese o derrube do sistema tecnológico como um todo seria muito mais viável do que intentar, de forma sustentada e eficaz, exercer o controlo, metodológico e prático, sobre um só campo da tecnologia, por exemplo a engenharia genética. Quanto a esta não haverá muitas pessoas que se empenhem devotadamente em prol do seu cerceamento, mas sob condições favoráveis um vasto número de pessoas poderá lançar-se apaixonadamente numa revolução contra o sistema industrial-tecnológico. Como assinalámos no parágrafo 132, os reformistas ao procurarem limitar certos aspectos da tecnologia estão a trabalhar para evitar um desfecho negativo. Os revolucionários, porém, trabalham para auferir uma poderosa recompensa – a realização da sua visão

revolucionária – e portanto, trabalham mais e mais persistentemente do que os primeiros.

142. A reforma é sempre circunscrita pelo receio das penosas consequências das mudanças desmesuradas. Ora uma vez que a febre revolucionária se aposse de uma sociedade, as pessoas estarão dispostas a submeter-se a inúmeras provações por amor à sua revolução. As revoluções francesa e russa mostram-no à saciedade. Pode muito bem ser que em tais casos apenas uma minoria da população esteja realmente empenhada no processo revolucionário, mas se esta for proactiva e grande o suficiente tornar-se-á na força social dominante. Teremos mais a dizer sobre a revolução nos parágrafos 180-205.

—

CONTROLO DO COMPORTAMENTO HUMANO

143. Desde o início da civilização, as sociedades organizadas tiveram de constranger os seres humanos a bem do funcionamento do organismo social. Os tipos de pressões variam grandemente conforme o tipo de sociedade. Algumas das pressões são físicas (dieta pobre, trabalho excessivo, poluição ambiental), outras são psicológicas (ruído, sobrepopulação, modelação do comportamento humano adaptado às exigências sociais). No passado a natureza humana revelou-se quase imutável, ou de qualquer modo apenas variou dentro de certos limites. Por consequência, as sociedades apenas conseguiram pressionar as pessoas até um certo ponto. Quando se ultrapassa o limite da resistência humana as coisas começam a correr mal: rebelião, crime, corrupção, absentismo laboral, depressão e outros problemas mentais, taxa de mortalidade elevada, de natalidade em declínio ou qualquer outro factor permutável, de modo que a sociedade ou colapsa ou o seu funcionamento se torna demasiado ineficaz sendo (rapidamente ou de forma gradativa, através de conquista, desgaste ou evolução) substituído por uma forma de sociedade mais eficiente.[29]

144. A natureza humana colocou no passado certas limitações ao desenvolvimento das sociedades. As pessoas só podiam ser pressionadas até um certo ponto limite. Hoje em dia a situação poderá vir a transformar-se, porque a tecnologia moderna está a ensaiar formas de modificar os seres humanos.

---

29 Não alegamos que a eficácia ou o potencial de sobrevivência de uma sociedade tenha sido sempre inversamente proporcional à quantidade de pressão ou desconforto a que submeteria as pessoas. Não é certamente o caso. Há boas razões para acreditar que muitas sociedades primitivas sujeitaram as pessoas a menos pressão do que a sociedade europeia, mas esta provou ser muito mais eficiente do que qualquer sociedade primitiva e sempre triunfou nos conflitos com tais sociedades por causa das vantagens conferidas pela tecnologia.

—

145. Imaginem uma sociedade que sujeita as pessoas a condições que as tornam profundamente infelizes, sendo que depois lhes fornece drogas para as aliviar. Ficção científica? Já acontece, em certa medida, na nossa própria sociedade. É notório que a taxa de depressão clínica tem vindo gradualmente a aumentar nas últimas décadas. Estamos em crer que tal se deve à disrupção no processo de empoderamento, como explicámos nos parágrafos 59 a 76. E mesmo que nos equivoquemos, a crescente taxa de depressão decerto que resulta de VÁRIAS circunstâncias da sociedade contemporânea. Ao invés de suprimir as condições que deprimem as pessoas, a sociedade moderna dá-lhes antidepressivos. Com efeito, estes são um meio de modificar o estado mental de um individuo de modo a que este tolere condições sociais que de outra forma teria por inadmissíveis. (Sim, sabemos que a depressão é muitas vezes de origem puramente genética. Referimo-nos aqui àqueles casos nos quais o entorno desempenha um papel predominante).

146. As drogas psicoterapêuticas são apenas um exemplo dos novos métodos de controlo do comportamento humano que a sociedade moderna está a desenvolver. Debrucemo-nos agora sobre alguns dos outros métodos.

147. Para começar, temos as técnicas de vigilância: há hoje em dia câmaras de vídeo ocultas, na maioria das lojas e em muitos outros sítios e os computadores são usados na recolha e processamento de vastas quantidades de informação sobre os indivíduos. A informação assim obtida aumenta grandemente a eficácia da coerção física (isto é, das forças policiais).[30] De seguida passaremos aos métodos de

---

30 Se acham que um policiamento mais eficaz é de todo desejável porque elimina a criminalidade, então fariam bem em lembrar-se que um delito, tal como o sistema o define, não é necessariamente aquilo a que VOCÊS chamariam crime. Hoje, fumar marijuana é um “crime” e, nalguns lugares dos EUA, também o é a posse de uma arma não registada. Amanhã, a posse de QUALQUER arma, registada ou não, pode ser tornada num crime e o mesmo poderá ocorrer aos métodos de educação parental tidos como reprováveis, como uns açoites. Nalguns países, exprimir opiniões políticas dissidentes é crime e não há certezas de que tal nunca acontecerá nos EUA, uma vez que nenhuma Constituição ou sistema político dura para sempre. Se a sociedade necessita de um grande

propaganda, veiculados eficazmente pelos *mass media*. Desenvolveram-se técnicas eficientes para ganhar eleições, vender produtos, influenciar a opinião pública… Com toda a verosimilhança, indústria do entretenimento é uma importante ferramenta psicológica do sistema, mesmo quando mais não faz do que difundir sexo e violência por atacado. Esta fornece ao homem moderno uma válvula de escape essencial. Absorto pelo televisor, em vídeos, etc., evade-se do *stress*, da ansiedade, da frustração e da insatisfação. Muitos povos primitivos, quando não têm trabalho para fazer, ficam bastante satisfeitas por poderem sentar-se horas a fio sem fazerem coisa alguma, porque estão em paz consigo mesmos e com o seu mundo. Todavia, a maioria da gente do nosso tempo tem de estar constantemente ocupada ou entretida, de outra forma fica "aborrecida", isto é, inquieta, desconfortável, irritável.

148. Outras técnicas vão mais fundo do que as já mencionadas. A educação já não é uma simples questão de dar uns açoites no traseiro de um miúdo quando não sabe as suas lições e dar-lhe palmadinhas na cabeça quando as recita. Está a tornar-se numa técnica científica para controlar o desenvolvimento da criança. Os Sylvan Learning Centers, por exemplo, tiveram um grande êxito na motivação das crianças para o estudo e em muitas escolas convencionais são igualmente administradas técnicas psicológicas, com mais ou menos sucesso. Ensinam-se aos pais técnicas de "parentalidade" desenhadas para fazer as crianças aceitar os valores fundamentais do sistema, vindo a assumir comportamentos que este acha desejáveis. Programas de "saúde mental", técnicas de "intervenção", psicoterapia e por aí adiante são à primeira vista gizados para o bem dos indivíduos, mas na prática geralmente são métodos para os induzir a pensar e agir de acordo com as prescrições do

---

e poderoso aparelho policial, então algo está muito errado nela; deve estar a submeter as pessoas a enormes pressões se tantas se recusam a seguir as regras, ou apenas o fazem porque forçadas. No passado, muitas foram as sociedades que se bastaram com poucas ou nenhumas forças policiais formais.

sistema. (Não há aqui contradição; um indivíduo cujas atitudes ou comportamento o conduzam a um conflito com o sistema defronta uma força demasiado poderosa, sem possibilidades de vitória ou escape, daí ser provável que sofra de *stress*, frustração, derrotismo. O seu caminho será mais fácil se pensar e se comportar como o sistema requer. Nesse sentido o sistema está a agir em benefício do indivíduo quando lhe faz uma lavagem ao cérebro para o reconfigurar). O abuso infantil nas suas formas mais óbvias e repugnantes é condenado na maioria, senão mesmo em todas as culturas. Maltratar uma criança por uma bagatela, ou sem razão alguma, é algo que a quase todos choca. Mas muitos psicólogos interpretam o conceito de abuso muito mais amplamente. Serão as palmadas, usadas como parte de um sistema de disciplina racional e consistente, uma forma de abuso? Em última análise, saber se estas tendem a propiciar, ou não, no indivíduo uma conduta que se enquadre com o sistema social existente, decidirá a contenda. Na prática, a palavra "abuso" acaba por abarcar qualquer método de educação infantil que produza comportamento incómodo para o sistema. Assim, quando vão para além da prevenção de crueldade óbvia, sem sentido, os programas de prevenção do "abuso infantil" visam o controlo do comportamento humano a favor deste.

149. Presumivelmente, a pesquisa continuará a aumentar a eficácia das técnicas psicológicas de controlo do comportamento humano. Pensamos, todavia, ser pouco provável que as técnicas psicológicas, por si só, cheguem para moldar os seres humanos ao tipo de sociedade que a tecnologia está a criar. Provavelmente terão de ser utilizados métodos biológicos. Já mencionámos o uso de drogas a este propósito. A neurologia poderá fornecer outras vias para modificar a mente humana. A engenharia genética em seres humanos já começa a ser aplicada, sob a forma de "geneterapia" e não há razão para pensar que tais métodos não serão eventualmente usados para modificar os aspectos somáticos correlacionados com as funções mentais.

—

150. Como mencionámos no parágrafo 134, parece provável que a sociedade industrial venha a entrar num período de grandes tensões, devido a um conjunto de problemas comportamentais económicos e ambientais. Ora, para o sistema, uma proporção considerável destes dois últimos, resulta do primeiro. Alienação, baixa auto-estima, depressão, hostilidade, revolta; crianças que se recusam a estudar, quadrilhas juvenis, uso de drogas ilegais, violação, abuso de crianças, outros crimes, sexo sem protecção, gravidezes infantis, crescimento populacional, corrupção política, ódio racial, rivalidade étnica, fortes conflitos ideológicos (exemplo, pró-escolha vs. pró-vida), extremismo político, terrorismo, sabotagem, grupos anti-governo, grupos de ódio. Todos ameaçam a própria sobrevivência do sistema. Este será, portanto, FORÇADO a usar todos os meios ao seu alcance para controlar o comportamento humano.

151. A perturbação social a que hoje assistimos não é certamente o resultado de um mero acaso. É meramente a sequela das condições de existência que o sistema impõe às pessoas. (Reiteramos, a mais importante destas consiste na disrupção do processo de empoderamento). Se o sistema assegurar a sua própria sobrevivência, ao controlar o nosso comportamento de forma adequada, terá sido ultrapassado um novo marco na história humana. Anteriormente as fronteiras da resistência humana impuseram limites ao desenvolvimento das sociedades (como explicámos nos parágrafos 143,144), agora a sociedade industrial-tecnológica ultrapassá-los-á ao modificar os seres humanos, através de métodos psicológicos, biológicos ou ambos. No futuro, os sistemas sociais não serão adaptados para atender às necessidades dos seres humanos. Ao invés, estes serão modificados para se adequarem às necessidades do sistema.[31]

---

31 Sem dúvida, as sociedades pré-industriais influenciaram o comportamento humano, mas de forma primitiva e com pouca eficácia, quando comparados com os meios tecnológicos que estão a ser desenvolvidos agora.

—

152. Em linhas gerais, o controlo tecnológico sobre o comportamento humano provavelmente não terá, à partida, qualquer intento totalitário ou sequer um desejo consciente de restringir a liberdade humana.[32] Cada novo passo na sua implementação será tomado como uma resposta racional a um problema que a sociedade enfrenta, tal como curar o alcoolismo, reduzir a taxa de crime ou induzir os jovens a estudar ciência e engenharia. Em muitos casos haverá mesmo uma justificação humanitária. Por exemplo, quando um psiquiatra receita um anti-depressivo a um paciente deprimido, claramente está a fazer-lhe um favor. Seria desumano sonegar a medicação a quem dela precisa. Quando os pais enviam a sua prole para os Sylvan Learning Centers, a fim de serem formatados em alunos brilhantes, a sua preocupação é o seu bem-estar. Alguns destes decerto gostariam que não fosse preciso ter treino especializado para arranjar um emprego e que o seu filho não tivesse de sofrer uma lavagem cerebral para se tornar num marrão dos computadores. Mas o que é que hão-de fazer? Não podem mudar a sociedade e o seu filho pode não conseguir arranjar emprego se não tiver certas qualificações. Por isso enviam-no para o Sylvan.

153. Assim o controlo sobre a mente humana será introduzido não por uma decisão calculada das autoridades, mas através de um processo de evolução social (evolução RÁPIDA, contudo). O processo será irresistível, cada avanço, por si só, será visto como vantajoso, até os seus estragos revestirão uma aparência benéfica, ou no mínimo, a quota-parte de danos perceptíveis parecerá ser inferior àquela que resultaria da inércia (ver parágrafo 127). A propaganda por exemplo é usada para muitos bons fins, tais como desencorajar o abuso infantil ou o ódio racial. [33] A educação sexual é

---

32 Contudo, alguns psicólogos expressaram publicamente opiniões onde mostram o seu desprezo pela liberdade humana. E o matemático Claude Shannon, citado na *Omni* (Agosto de 1987) disse: “Antevejo um tempo em que seremos para os robôs o que os cães são para os humanos, estou a torcer pelas máquinas”.
33 Ver nota 15.

obviamente útil, contudo, se bem-sucedida, afasta a modelagem das atitudes sexuais da esfera familiar e coloca-a nas mãos do Estado representado pelo sistema de escolas públicas.

154. Suponhamos que é descoberto um traço biológico que aumenta a probabilidade de uma criança, ao crescer, se tornar numa criminosa e que há uma terapia genética que pode remover esta peculiaridade.[34] Claro que a maioria dos pais cujos filhos possuíssem tal traço os submeteriam à terapia. Seria desumano fazer de outro modo, uma vez que a criança teria provavelmente uma vida miserável se crescesse para se tornar numa criminosa. Não obstante, muitas ou a maioria das sociedades primitivas tem uma baixa taxa de crime em comparação com a da nossa sociedade, muito embora não tenham nem métodos de alta-tecnologia para educar as crianças nem sistemas de punição severa. Uma vez que não há razão para supor que os homens modernos tenham mais tendências predatórias inatas do que os homens primitivos, a alta taxa de crime da nossa sociedade ficar-se-á a dever às pressões exercidas sobre as pessoas pelos condicionalismos da modernidade, a que muitas não conseguem ou não querem ajustar-se. Por conseguinte um tratamento desenhado para remover potenciais tendências criminosas é pelo menos, em parte, um modo de redesenhar as pessoas de modo a que satisfaçam os requerimentos do sistema.

---

34 Isto não é ficção científica! Depois de escrevermos o parágrafo 154 deparámo-nos com um artigo na *Scientific American* segundo o qual os cientistas estarão empenhados no desenvolvimento de técnicas para a identificação e tratamento de possíveis futuros criminosos através de uma combinação de meios biológicos e psicológicos. Alguns cientistas advogam a aplicação compulsória do tratamento, o qual poderá estar disponível num futuro próximo. (Ver “Seeking the Criminal Element”, por W. Wayt Gibbs, *Scientific American*, Março 1995). Talvez pensem que isto está certo porque o tratamento seria aplicado aos que se poderiam tornar em criminosos violentos. Mas é claro que não parará por aí. Seguir-se-ão os que possam vir a conduzir sobre o efeito do álcool, também colocam em perigo a vida humana, depois talvez venham a expurgar os que batem nos filhos, os ambientalistas que sabotam equipamento de exploração madeireira, ou eventualmente quaisquer outras pessoas cujo comportamento seja incómodo para o sistema.

—

155. A nossa sociedade tende plausivelmente a encarar como “doença” qualquer modo de pensamento ou conduta socialmente incómodos e isto porque quando um indivíduo sofre de inadaptação causa dor a si mesmo, bem como problemas ao sistema. Como tal a formatação de um indivíduo para o readaptar a este último é visto como a “cura” para uma “doença” e, portanto, como boa.

156. No parágrafo 127 salientámos que o uso, INICIALMENTE opcional, de um item de tecnologia recente, não PERMANECE necessariamente assim, porque a nova tecnologia tende a mudar a sociedade de tal modo que torna o desempenho de um indivíduo difícil ou impossível sem o seu uso. O mesmo vale para a tecnologia do comportamento humano. Num mundo no qual a maioria das crianças viesse a ser colocada num programa que as tornasse em alunos de excelência, um pai seria praticamente forçado a colocar o seu filho numa tal instituição, porque se não o fizesse, então a criança tornar-se-ia, comparativamente, num adulto ignorante e, portanto, não empregável. Ou suponham que se descobria um tratamento biológico que, sem efeitos secundários indesejáveis, reduzisse grandemente o *stress* psicológico do qual tantos sofrem na nossa sociedade. Se um grande número de pessoas se submetesse voluntariamente ao tratamento, o nível de *stress* geral na sociedade reduzir-se-ia, de modo que o sistema poderia incrementar os constrangimentos produtores de *stress*. Como resultado mais pessoas iriam necessitar de medicação; e por aí adiante, eventualmente as pressões tornar-se-iam de tal forma intensas que poucas pessoas conseguiriam sobreviver sem recorrerem à terapia de redução de *stress*. De facto, algo similar parece já ter ocorrido com uma das ferramentas psicológicas mais relevantes da nossa sociedade, a que permite às pessoas reduzir ou pelo menos dissimular, transitoriamente, o *stress*, nomeadamente, o entretenimento de massas (ver parágrafo 147). Utilizá-lo é “opcional”. Nenhuma lei requer que vejamos televisão, oiçamos rádio, leiamos revistas. Contudo é uma válvula de escape para o *stress* da

—

qual a maioria de nós se tornou dependente. Toda a gente se queixa do lixo televisivo, mas quase todos o vêem. Uns poucos conseguiram livrar-se do vício da televisão, mas hoje dificilmente se encontrará uma pessoa que possa prescindir de TODAS as formas de entretenimento de massas. (Todavia até muito recentemente na história humana a maioria das pessoas contentou-se simplesmente com o entretenimento que cada comunidade local criava para si própria). Sem esta indústria o sistema provavelmente não teria saído ileso, tal a sobrecarga de constrangimentos produtores de *stress* com que nos vexa.

157. Assumindo que a sociedade industrial perdura, é provável que a tecnologia eventualmente venha a adquirir o controlo quase absoluto sobre o comportamento humano. A base, em grande parte biológica, do pensamento e comportamento humanos, Já foi inquestionavelmente estipulada. Como o demonstraram os pesquisadores, sensações como fome, prazer, raiva e medo podem ser ligadas ou desligadas por estimulação eléctrica das áreas pertinentes do cérebro. Podem destruir-se memórias, ou fazê-las vir à tona, danificando partes do cérebro ou estimulando-o electricamente. Usando drogas podem induzir-se alucinações ou alterar estados de espírito. Haverá, ou não, uma alma humana imaterial, mas a existir, é claramente menos poderosa do que os mecanismos biológicos do comportamento humano. A não ser esse o caso, então os investigadores não seriam capazes de tão facilmente manipular as emoções e o comportamento humanos, com drogas e correntes eléctricas.

158. Não seria de todo prático que todas as pessoas tivessem eléctrodos inseridos nas suas cabeças de modo a puderem ser controladas pelas autoridades. Ocorre que o facto de os pensamentos e emoções humanas estarem tão vulneráveis a uma intervenção biológica, demonstra que o problema do controlo comportamental é principalmente de ordem técnica; um enigma na forma de neurónios, hormonas e moléculas complexas; o tipo de problema que é passível de uma ofensiva científica. Dado o notável cadastro da nossa

sociedade na resolução de problemas técnicos, é esmagadoramente provável que grandes avanços sejam feitos no controlo do comportamento humano.

159. A resistência da população poderá impedir o estabelecimento do controlo tecnológico sobre o comportamento humano? Certamente que o faria, se tal tentativa fosse feita de roldão. Todavia, uma vez que este será introduzido através de uma longa sequência de pequenos avanços, não haverá resistência pública racional e eficaz. (Ver parágrafos 127, 132, 153).

160. A todos aqueles que pensam que tudo isto soa a ficção científica dizemos; a ficção científica de ontem é o facto de hoje. A Revolução Industrial modificou, de forma radical, o meio ambiente e o modo de vida humanos, é por demais evidente que a crescente aplicação da tecnologia ao nosso corpo e mente, alterará o homem de forma igualmente decisiva.

—

A ESPÉCIE HUMANA NUMA ENCRUZILHADA

161. Ainda assim, não ponhamos o carro à frente dos bois. Uma coisa é o desenvolvimento laboratorial de um conjunto de técnicas psicológicas ou biológicas para manipular o comportamento humano e outra bem diferente é integrá-las num sistema social funcional. Das duas, a segunda questão é a mais delicada. Por exemplo, decerto que as técnicas de psicologia educacional funcionam muito bem nas "escolas laboratório" onde são desenvolvidas, mas não é necessariamente fácil propagá-las eficazmente a todo o nosso sistema educativo. Todos sabemos como muitas das nossas escolas são. Os professores estão demasiado ocupados a tirar facas e armas aos miúdos, não há forma de lhes impingir as mais recentes técnicas destinadas a transformá-los em marrões dos computadores. Por consequência, apesar de todos os seus avanços técnicos na área comportamental, o sistema, até à data, não registou um sucesso assinalável no controlo dos seres humanos. Este tem a conduta do espécime "burguês", como o apodamos, razoavelmente bem assegurada. Há, no entanto, um número crescente de pessoas que de um modo ou de outro se rebela contra o sistema: chupistas da Segurança Social, membros de bandos juvenis, de seitas, de milícias, satânicos, nazis, ambientalistas radicais, etc.

162. O sistema está actualmente engajado numa luta desesperada para ultrapassar determinados problemas que ameaçam a sua sobrevivência, de entre estes os mais importantes são os comportamentais. Se for bem-sucedido na obtenção de controlo suficiente sobre o comportamento humano, com rapidez suficiente, irá provavelmente sobreviver. De outro modo colapsará. Pensamos que a questão irá presumivelmente dirimir-se nas próximas décadas, digamos 40 a 100 anos.

—

163. Presumamos que o sistema sobrevive à crise das próximas décadas. Por essa altura terá de ter resolvido, ou pelo menos dominado, os principais problemas com que se confronta, em particular a "socialização" dos seres humanos; ou seja, tornar as pessoas suficientemente dóceis a fim que o seu comportamento já não ameace o sistema. Alcançado isto, não parece que venha a haver qualquer obstáculo adicional ao desenvolvimento da tecnologia, esta provavelmente avançará em direcção à sua conclusão lógica, um controlo absoluto sobre tudo na Terra, incluindo os seres humanos e todos os outros organismos importantes. O sistema poderá assumir a forma de uma organização unitária, monolítica, ou mais ou menos fragmentada, baseando-se num agregado de organizações coexistentes, numa relação que incluirá, à vez, elementos cooperativos e conflituais, tal como hoje acontece com o governo, as empresas e outras grandes organizações. O grosso da liberdade humana desaparecerá, porque os indivíduos e os pequenos grupos serão impotentes face às grandes organizações armadas com super-tecnologia e um arsenal de instrumentos sofisticados, psicológicos e biológicos, de manipulação comportamental, além de meios de vigilância e de coerção física. Somente um pequeno número de pessoas conservará algum poder real e mesmo estas provavelmente terão apenas uma liberdade muito limitada, porque o seu comportamento também será regulado; tal qual acontece hoje com os nossos políticos e executivos empresariais, cuja conservação nos cargos depende da inscrição do seu comportamento dentro de certos limites bastante restritivos.

164. Não se vos afigure que o sistema deixará de incrementar técnicas adicionais para controlar os seres humanos e a Natureza uma vez passada a crise das próximas décadas, quando um controlo crescente já não for necessário para a sua sobrevivência. Pelo contrário, uma vez findos os tempos difíceis o sistema mais rapidamente aumentará o seu controlo sobre as pessoas e a Natureza, porque já não estará

cerceado pelos entraves que experimenta actualmente. A sobrevivência não é o motivo principal para alargar o controlo. Como explicámos nos parágrafos 87 a 90, grande parte do trabalho de especialistas e cientistas é prosseguido enquanto actividade de substituição; ou seja, satisfazem a sua necessidade de empoderamento solucionando problemas técnicos. Continuarão a fazê-lo com inabalável entusiasmo e entre as problemáticas mais interessantes e exigentes a resolver incluir-se-á a compreensão do corpo e da mente humanos, para intervir no seu desenvolvimento. A "bem da humanidade", entenda-se.

165. Em contrapartida, suponhamos agora que as tensões das décadas vindouras se revelam demasiadas para o sistema. Se este colapsar poderá haver um período de caos, um "tempo de tribulações" como os que a história registou em várias épocas do passado. É impossível prever o que daí emergirá, mas de qualquer maneira a espécie humana teria uma nova oportunidade. O maior perigo reside na probabilidade do início da reconstituição da sociedade industrial, logo nos primeiros anos após a queda. Certamente que haverá muitas pessoas (especialmente tipos sedentos de poder) que estarão ansiosas por pôr as fábricas a trabalhar de novo.

166. Por conseguinte duas tarefas aguardam os que odeiam a servidão a que o sistema industrial reduz a espécie humana. Em primeiro lugar, há que trabalhar em prol do incremento das tensões sociais no seu interior, ampliando as probabilidades de este colapsar ou definhar o bastante para que seja possível uma revolução. Em segundo, será necessário desenvolver e propagar uma teoria que se oponha à tecnologia e ao sistema industrial. Se e quando se der a indispensável degradação do sistema, esta ideologia poderá tornar-se na base para uma revolução contra a sociedade industrial. Uma vez que esta colapse, tal doutrina ajudará a assegurar a total aniquilação dos seus remanescentes, para que o sistema não possa ser reconstituído. As fábricas deverão ser destruídas, os livros técnicos queimados, etc.

—

O SOFRIMENTO HUMANO

167. O sistema industrial não colapsará exclusivamente em virtude da acção revolucionária. Não será vulnerável a um ataque revolucionário a menos que os próprios problemas internos do seu desenvolvimento o ponham em sérias dificuldades. Por isso se este colapsar fá-lo-á ou espontaneamente, ou através de um processo, em parte espontâneo, mas secundado por revolucionários. Se o colapso for súbito, muitas pessoas morrerão, uma vez que a população mundial cresceu de tal maneira que já nem sequer consegue alimentar-se a si própria sem tecnologia avançada. Mesmo que o colapso seja gradual o suficiente para que o decrescimento populacional se fique a dever mais à redução da taxa de natalidade do que ao aumento do rácio de mortalidade, o processo de desindustrialização será provavelmente assaz caótico e envolverá muito sofrimento. É preciso ser crédulo para achar que a tecnologia pode ser descontinuada de um modo ordeiro, serenamente gerido, sobretudo porque os tecnófilos se oporão encarniçadamente a cada nova etapa. Será, portanto, cruel trabalhar para o colapso do sistema? Talvez sim, talvez não. Em primeiro lugar, os revolucionários não serão capazes de o fazer colapsar a menos que este já esteja em sarilhos tais que haja boas hipóteses de se autodestruir, seja lá como for; desde logo, quanto maior se tornar o sistema, mais desastrosas serão as consequências da sua ruína; por isso é possível que os revolucionários, ao precipitarem a eclosão do colapso, estejam a reduzir a amplitude do desastre.

168. Em segundo, temos que sopesar a luta e a morte versus a perda de liberdade e de dignidade. Para muitos de nós, estas últimas são mais importantes do que a longevidade ou a escusa à dor física. Além disso, todos temos de morrer algum dia e será decerto melhor morrer a

lutar pela sobrevivência, ou por uma causa, do que viver uma vida longa, mas vazia e sem sentido.

169. Em terceiro, não é de todo certo que a continuidade do sistema conduza a menos sofrimento do que o seu colapso. Este já causou e continua a causar, imenso sofrimento em todo o mundo. Culturas ancestrais, que durante centenas de anos viveram em harmonia consigo mesmas e com o seu entorno, foram esmagadas pelo contacto com a sociedade industrial, tendo como desfecho todo um rol de problemas económicos, ambientais, sociais e psicológicos. Um dos efeitos da intrusão da sociedade industrial, em grande parte do mundo, traduziu-se por um desequilíbrio nas formas tradicionais de controlo da população. Daí o seu aumento exponencial, com tudo o que isso implica. Segue-se o sofrimento psicológico, disseminado nos países ocidentais, supostamente bafejados pela sorte (vejam os parágrafos 44 a 45). Ninguém sabe o que resultará da destruição do ozono, do efeito de estufa e de outros problemas ambientais ainda não prognosticados. Como demonstrou a proliferação nuclear, uma nova tecnologia não consegue permanecer a salvo das mãos de ditadores e nações irresponsáveis do Terceiro Mundo. O que é que o Iraque ou a Coreia do Norte farão com a engenharia genética? Pensem lá nisso.

170. “Oh!” Dizem os tecnófilos, “a ciência vai resolver isso tudo! Vamos acabar com a fome e com o sofrimento psicológico, toda a gente será saudável e feliz!” Pois claro. Isso foi o que disseram há 200 anos. Supostamente a Revolução Industrial iria eliminar a pobreza, fazer toda a gente feliz, etc. Na verdade, o resultado foi bastante diferente. Os tecnófilos são ingénuos irremediáveis, ou auto-iludem-se, no que toca à análise dos problemas sociais. Desconhecem, ou escolhem ignorar, que a implantação de grandes mudanças sociais, mesmo que aparentemente benéficas, leva a uma longa sequência de outras mutações, a maioria das quais impossíveis de prever (parágrafo 103). O resultado é a disrupção da sociedade. Por isso é muito provável que nas suas

tentativas de acabar com a pobreza e a doença, de engendrar personalidades felizes e dóceis e por aí adiante, os tecnófilos venham a criar sistemas sociais terrivelmente problemáticos, ainda mais do que o actual. Por exemplo, os cientistas apregoam que vão acabar com a fome criando novas plantas comestíveis, geneticamente modificadas. Ora isto permitirá à população humana continuar a expandir-se indefinidamente e é bem sabido que o sobrepovoamento leva ao aumento da tensão e da agressividade. Isto é tão-só um exemplo dos problemas PREVISÍVEIS que se levantarão. Salientamos que, como a experiência passada demonstrou, o progresso tecnológico conduzirá a novos problemas, distintos, que NÃO PODEM ser previstos antecipadamente (parágrafo 103). De facto, desde a Revolução Industrial que a tecnologia gera novos problemas à sociedade muito mais rapidamente do que resolve os antigos. Como tal os tecnófilos amargarão um longo e difícil período de tentativa e erro para conseguir eliminar as falhas no seu Admirável Mundo Novo, se alguma vez lá chegarem. Enquanto isso, haverá grande sofrimento. Por isso não é de todo líquido que a sobrevivência da sociedade industrial compreenda menos sofrimento do que o acarretado pelo seu colapso. A tecnologia meteu a espécie humana numa tal embrulhada que não parece haver escapatória.

—

O FUTURO

171. Todavia, suponham agora que a sociedade industrial sobrevive às próximas décadas e que as falhas eventualmente acabam por ser expurgadas do sistema, passando este a funcionar sem sobressaltos. Que tipo de sistema será? Examinaremos várias possibilidades.

172. Em primeiro lugar vamos postular que os cientistas informáticos são bem-sucedidos no desenvolvimento de máquinas inteligentes, mais eficazes que os humanos em tudo. Nesse caso presumivelmente todo o trabalho será efectuado por vastos conglomerados de maquinaria, altamente organizados, não sendo necessário qualquer esforço humano. Poderá ocorrer um de dois casos. Ou bem que se permitirá às máquinas tomar as suas próprias decisões, sem supervisão humana, ou bem que o controlo humano sobre estas será mantido.

173. Se for permitida às máquinas total liberdade no processo decisório não podemos fazer quaisquer conjecturas sobre os resultados, porque é impossível prever o seu comportamento. Frisamos apenas que o destino da espécie humana estará à sua mercê. Poder-se-á argumentar que a espécie humana nunca seria tão insensata ao ponto de outorgar todo o poder às máquinas. Ora nós não estamos a sugerir nem que a espécie humana entregaria voluntariamente o poder às máquinas nem que estas tomariam intencionalmente o poder. Alvitramos sim, é que a espécie humana facilmente se poderá vir a encontrar numa posição de tal dependência das máquinas que não lhe restará outra escolha senão a de aceitar todas as decisões destas. À medida que a sociedade e os problemas com que esta se defronta se complexificarem e as máquinas com eles, as pessoas, pouco a pouco e em crescendo, deixá-las-ão decidir por elas, simplesmente porque as deliberações tomadas pelas máquinas trarão melhores resultados do que as

feitas pelo Homem. Eventualmente poderá vir a ser alcançado um estágio em que as decisões necessárias para manter o sistema a funcionar serão tão complexas que os seres humanos serão incapazes de tomá-las com acerto. Nesse estágio as máquinas terão o controlo efectivo. As pessoas simplesmente não conseguirão desligar a maquinaria, porque estarão tão dependentes dela que fazê-lo equivaleria ao suicídio.

174. Por outro lado é possível que as máquinas continuem a ser controladas por humanos. Nesse caso o homem comum poderá controlar algumas das suas máquinas privadas, tais como o seu carro, ou o seu computador pessoal, mas o controlo sobre grandes conglomerados de maquinaria estará nas mãos de uma minúscula elite – tal como hoje, mas com duas diferenças. Por um lado, devido às melhorias técnicas, esta terá um maior controlo sobre as massas, por outro, uma vez que o trabalho humano já não será necessário as massas serão supérfluas, um fardo sem utilidade para o sistema. Se a elite for impiedosa pode simplesmente decidir-se pelo seu extermínio. Caso tenham uma réstia de humanidade poderão usar de propaganda ou outras técnicas, biológicas ou psicológicas, para reduzir a taxa de natalidade até as massas se extinguirem, deixando o mundo para a elite. Ou, se esta vier a ser constituída por liberais de coração mole, poderão decidir desempenhar o papel de bons pastores do resto da espécie humana. Velarão pela subsistência de todos, todas as crianças serão educadas segundo as normas de higiene mental, toda a gente terá um passatempo sadio para o manter ocupado e qualquer que possa sofrer de insatisfação será submetido a um "tratamento" para curar o seu "problema". Claro, a vida será tão absurda que as pessoas terão de ser modificadas biológica ou psicologicamente, seja para remover a sua necessidade de empoderamento, seja para "sublimar" a sua vontade de poder nalgum passatempo inofensivo. Estes seres humanos modificados poderão ser felizes em tal sociedade, mas certamente não serão livres. Terão sido reduzidos ao estatuto de animais domésticos.

—

175. Vamos agora presumir que o trabalho humano continuará a ser necessário, uma vez que os cientistas informáticos não consigam desenvolver a inteligência artificial. Mesmo assim, as máquinas chamarão a si mais e mais tarefas simples, com o concomitante excesso crescente de trabalhadores humanos nos escalões menos habilitados. (Já estamos a assistir a isto. Há muitas pessoas para quem é difícil, ou mesmo impossível arranjar trabalho, porque por razões intelectuais ou psicológicas não conseguem adquirir o nível de competências necessário para se tornarem úteis no sistema actual). Aos que estão empregados serão colocadas exigências cada vez maiores: precisarão de treino e habilitações acrescidas e terão de ser ainda mais fiáveis, conformistas e dóceis, à imagem das células de um organismo gigante. As suas tarefas serão crescentemente especializadas, por conseguinte o seu trabalho estará, em certo sentido, desligado do mundo real, imerso num minúsculo quinhão da realidade. Todos os meios ao alcance do sistema, psicológicos ou biológicos, serão usados para manipular as pessoas rumo à docilidade, à aquisição das capacidades que este requer e à "sublimação" da vontade de poder destas nalguma tarefa especializada. Contudo, dizer que as pessoas de uma tal sociedade terão de ser dóceis é uma afirmação a ressalvar. A sociedade poderá achar a competitividade útil, desde que sejam encontradas maneiras de a dirigir para canais que sirvam as necessidades do sistema. Podemos imaginar uma sociedade futura na qual há uma competição sem fim por posições de prestígio e de poder. Todavia, não mais do que umas poucas pessoas alcançarão alguma vez o topo, onde reside o único poder real (atente-se no final do parágrafo 163). Quão asquerosa terá de ser uma sociedade para que nela alguém só possa satisfazer a sua necessidade de empoderamento desembaraçando-se de uns quantos semelhantes, privando-os da SUA oportunidade de poder.

176. Podemos imaginar cenários que incorporem aspectos vários das possibilidades que acabámos de discutir. Por

exemplo, é possível que as máquinas assumam a maioria do trabalho significativo, sendo que os seres humanos serão mantidos ocupados ao ser-lhes dado trabalho relativamente não importante. Já se alvitrou, por exemplo, que um grande desenvolvimento do sector terciário poderia proporcionar novas oportunidades de emprego. Desse modo, as pessoas passariam o tempo a engraxar sapatos, a guiar táxis de um lado para o outro, a fazer artesanato, a servir às mesas etc., reciprocamente. Parece-nos ser absolutamente desprezível que a humanidade venha a dar nisto e duvidamos que tarefas tão fúteis pudessem vir a proporcionar vidas satisfatórias a muito boa gente. Procurariam outras, na forma de válvulas de escape perigosas (drogas, crime, "seitas", grupos de ódio) a menos que, para os adaptar a tal estilo de vida, fossem manipulados, biológica ou psicologicamente.

177. É desnecessário dizer que os cenários delineados acima não exaurem todas as possibilidades. Apenas indicam os tipos de desfecho que nos parecem mais prováveis. Não conseguimos, todavia, vislumbrar cenários plausíveis mais aceitáveis do que os que acabámos de descrever. É esmagadoramente provável que se a sociedade industrial-tecnológica sobreviver aos próximos 40 a 100 anos, já terá desenvolvido, por essa altura, certas características gerais: os indivíduos (pelo menos os do tipo "burguês", que por conseguinte têm todo o poder, integrados no sistema que estão e sendo responsáveis pela sua subsistência) serão mais dependentes do que nunca de grandes organizações; e mais "socializados" do que alguma vez o foram, as suas qualidades físicas e mentais serão em larga medida, possivelmente na sua grande maioria, as que lhes forem implantadas ao invés de serem o resultado do acaso (ou da vontade de Deus, ou o que o valha); e o que quer que reste da Natureza selvagem não passará de vestígios preservados para estudo científico, mantidos sob a supervisão e gestão científica (daí que não será verdadeiramente selvagem). A longo prazo (digamos daqui a alguns séculos) é provável que nem a espécie humana nem

quaisquer outros organismos significativos existam como os conhecemos hoje, porque uma vez que se comece a modificar organismos através da engenharia genética não há razão para que a marcha se detenha a dado ponto, de modo que as modificações provavelmente continuarão até o Homem e outros organismos terem sido inteiramente transformados.

178.Seja lá o que for que possa vir a acontecer, o certo é que a tecnologia está a criar um novo ecossistema físico e societário para os seres humanos, radicalmente discrepante da gama de meios-ambientes a que a selecção natural adaptou a espécie humana, física e psicologicamente. Se o homem não se ajustar a este novo ambiente através de um redesenho artificial, então adaptar-se-á a este através de um longo e doloroso processo de selecção natural. O primeiro é mais provável do que o segundo.

179. Seria melhor descartar de todo este sistema asqueroso e assumir as consequências.

—

ESTRATÉGIA

180. Os tecnófilos estão a embarcar-nos a todos numa viagem absolutamente irresponsável para o desconhecido. Muita gente consegue aperceber-se de parte das consequências que o progresso tecnológico nos traz, contudo toma uma atitude passiva em relação a isso porque pensa que é inevitável. Mas nós (FC) não pensamos assim. Achamos que pode ser travado e daremos aqui algumas indicações de como proceder para o efeito.

181. Como afirmámos no parágrafo 166, hoje em dia as duas tarefas principais são o incremento da tensão social e da instabilidade na sociedade industrial e o desenvolvimento e propagação de uma doutrina que se oponha à tecnologia e ao sistema industrial. Quando este, mercê das tensões, se tornar suficientemente instável, poderá eclodir uma revolução contra a tecnologia. O padrão será similar ao das revoluções francesa e russa. Durante várias décadas, antes das suas respectivas revoluções, a sociedade francesa e a russa mostraram sinais crescentes de tensão e fraqueza. Entrementes, estavam a ser desenvolvidas ideologias portadoras de uma nova mundivisão, bastante diferente da antiga. No caso russo, os revolucionários trabalhavam activamente para minar a velha ordem. Por conseguinte, ao ser sobrecarregado com tensão adicional suficiente (pela crise financeira em França, pela derrota militar na Rússia) o velho sistema foi varrido pela revolução. O que propomos é algo similar.

182. Objectar-se-á que as revoluções, francesa e russa, se malograram. Porém a maioria destas têm dois objectivos. O primeiro consiste em destruir um modelo social já desgastado e o segundo em implantar o novo tipo de sociedade idealizado pelos revolucionários. Dentre estes, franceses e russos falharam (felizmente!) na criação do novo tipo de sociedade com o qual sonhavam, mas foram bastante bem-sucedidos na

destruição da antiga. Não temos ilusões quanto à exequibilidade da edificação de uma forma ideal de nova sociedade. O nosso objectivo resume-se à destruição do modelo existente.

183. Contudo uma ideologia, por forma a suscitar um apoio entusiástico, tem de ter um ideal positivo, bem como um negativo; deve ser POR algo tanto quanto é CONTRA algo. O ideal positivo que propomos é a Natureza. Ou seja, a Natureza SELVAGEM: aqueles aspectos do funcionamento da Terra e das suas criaturas vivas que independem da gestão humana, livres da sua interferência e controlo. E nesta incluímos a humana, referimo-nos àqueles aspectos da actividade do ser humano não sujeitos a regulação por parte da sociedade organizada, mas antes produto do acaso, da vontade, ou de Deus (dependendo das opiniões religiosas e filosóficas de cada um).

184. A Natureza constitui o ideal antitético perfeito face à tecnologia por várias razões. A Natureza, o que é exterior ao poder do sistema, é o oposto da tecnologia, a qual procura expandir indefinidamente o poder deste. Muitas pessoas concordarão que a Natureza é bela; decididamente tem um tremendo apelo popular. Os ambientalistas radicais JÁ têm uma doutrina que a exalta e se opõe à tecnologia.[35] Não é

---

35 Outra vantagem da Natureza enquanto ideal antitético face à tecnologia: em muitas pessoas esta inspira o tipo de reverência associado à religião, de modo que a Natureza talvez possa vir a ser idealizada numa base religiosa. É verdade que em muitas sociedades a religião serviu como um apoio e justificação para a ordem estabelecida, mas também é certo que muitas vezes forneceu uma base para a revolta. Como tal a introdução de um elemento religioso na rebelião contra a tecnologia poderá revelar-se de utilidade, até porque a sociedade Ocidental contemporânea não tem um forte substrato dessa ordem. Hoje a religião é usada para respaldar, de forma reles e escancarada, o egoísmo redutor e de vistas curtas de alguns conservadores. Muitos evangelistas chegaram ao ponto de a explorar cinicamente para fazer dinheiro fácil e seitas protestantes fundamentalistas ou "cultos", por vezes fizeram-na degenerar em cru irracionalismo. Quanto ao catolicismo e ao protestantismo convencional estão simplesmente estagnados. A coisa mais próxima de uma religião forte, disseminada, dinâmica a que o Ocidente assistiu nos últimos tempos tem sido a quase-religião do esquerdismo, mas este está hoje fragmentado e não tem um objectivo claro, unificado e inspirador. Assim há um vácuo religioso na nossa sociedade que quiçá pudesse ser preenchido por uma religião focada na Natureza em oposição à tecnologia. Todavia seria um erro tentar engendrá-la artificialmente para preencher este papel. Uma tal religião inventada seria provavelmente um fracasso. Vejam a de "Gaia"

—

necessário criar uma qualquer utopia quimérica ou novo tipo de ordem social, em nome do bem da Natureza. Esta sabe tomar conta de si própria: foi uma criação espontânea, que já existia muito antes de qualquer sociedade humana e durante incontáveis séculos muitos tipos diferentes de sociedades humanas com ela coexistiram sem lhe causar uma quantidade excessiva de danos. Só com a Revolução Industrial é que o efeito da sociedade humana sobre a Natureza se tornou realmente devastador. Para aliviar a pressão sobre esta não é necessário criar um tipo peculiar de sistema social, basta que nos livremos da sociedade industrial. Como é óbvio, tal não vai resolver todos os problemas. Esta já causou tremendos danos à Natureza e levará muito tempo até as cicatrizes sararem. Além disto, até mesmo as sociedades pré-industriais não estão livres de lhe causar danos significativos. Não obstante, livrarmo-nos da sociedade industrial já será uma grande coisa. O pior da pressão sobre a Natureza será aliviado, a fim de que as cicatrizes possam começar a sarar. A capacidade da sociedade organizada para aumentar continuamente o seu controlo sobre a Natureza, incluindo a humana, será liquidada. Qualquer que seja o tipo de sociedade que venha a existir após o fim do sistema industrial, certo é que a maioria das pessoas viverá próximo da Natureza, porque na ausência de tecnologia avançada não existe outro MODO de vida. Para se alimentarem a si próprias terão de transformar-se em camponeses, pastores, pescadores, caçadores, etc. Em linhas gerais, a autonomia local tenderá a aumentar, porque a falta de tecnologia avançada e de comunicações rápidas limitará a capacidade de controlo dos governos ou de outras grandes organizações sobre as comunidades locais.

---

por exemplo. Será que os seus aderentes REALMENTE acreditam nela ou estão apenas a fingir? Se estão apenas a fazer de conta a sua religião malograr-se-á no final das contas. Será provavelmente melhor que não tentemos incorporar a religião no conflito da Natureza vs. Tecnologia a menos que REALMENTE creiam nela e achem que possa vir a suscitar uma resposta profunda, forte e genuína em muito mais gente.

—

185. Quanto às consequências negativas de eliminar a sociedade industrial – bem, não se pode ter a cabra e a couve. Para ganhar uma coisa terão de sacrificar a outra.

186. A maioria das pessoas odeia conflitos psicológicos. Por esta razão evitam debruçar-se seriamente sobre questões sociais difíceis e preferem que tais assuntos lhes sejam apresentados em termos simples, a preto e branco: ISTO é tudo bom e AQUILO é tudo mau. Logo a ideologia revolucionária deverá ser desenvolvida em dois níveis.

187. No seu patamar mais sofisticado a ideologia deverá ter como alvo pessoas inteligentes, cogitativas e racionais. O objectivo passará por criar um núcleo duro, que se oporá ao sistema industrial numa base ponderada, racional, possuidor de uma compreensão abrangente dos problemas e das ambiguidades envolvidas e do preço que tem de ser pago para nos vermos livres do sistema. É particularmente importante atrair gente deste tipo, dado que são pessoas capacitadas e serão instrumentais em influenciar outras. Estas deverão ser abordadas num nível tão racional quanto possível. Os factos nunca deverão ser distorcidos intencionalmente e será de evitar a linguagem destemperada. Não significa isto que não possamos apelar às emoções, mas ao fazê-lo deveremos coibir-nos de deturpar a verdade ou de agir de tal forma que possa vir a pôr em causa a respeitabilidade intelectual da ideologia.

188. Num segundo nível, a ideologia deverá ser propagada na sua forma mais simples, permitindo à maioria irreflectida enxergar o conflito da tecnologia vs. Natureza em termos inequívocos. Contudo, mesmo neste segundo nível a ideologia não deverá ser expressa em linguagem que seja tão reles, destemperada ou irracional que aliene as pessoas do tipo cogitativo e racional. A propaganda barata, destemperada, traz por vezes ganhos impressionantes a curto-prazo, mas manter a lealdade de um pequeno número de pessoas inteligentes e empenhadas em vez de acirrar as paixões da multidão inconstante e impulsiva, que mudará de opinião mal apareça

—

alguém com um melhor truque de propaganda, revelar-se-á mais vantajoso no longo-prazo. Todavia, poderá haver lugar para a propaganda do tipo demagógico à medida que o sistema se for aproximando do ponto de colapso e houver uma luta final entre as ideologias rivais para determinar qual delas se tornará dominante quando a velha mundivisão se afundar.

189. Antes dessa luta final, os revolucionários não deverão contar com uma maioria de pessoas a seu lado. A História é feita por minorias determinadas, proactivas, não pela maioria, a qual raras vezes tem uma ideia consistente e clara do que realmente quer. Até chegar o momento de assestar o golpe definitivo para instaurar a revolução[36], a tarefa dos revolucionários será menos a de ganhar o apoio superficial da maioria do que a de construir um pequeno núcleo duro de pessoas profundamente empenhadas. Quanto à maioria, será suficiente consciencializá-los da existência da nova ideologia e relembrar-lho frequentemente; embora, claro está, seja desejável conseguir o apoio da maioria na medida em que tal possa ser realizado sem enfraquecer o núcleo duro das pessoas seriamente empenhadas.

190. Qualquer tipo de conflito social ajuda à desestabilização do sistema, mas devemos ser cautelosos acerca do tipo de conflitos que encorajamos. A linha de conflito deverá ser traçada entre as massas e a elite, que detém o poder da sociedade industrial (políticos, cientistas, executivos de topo, funcionários públicos, etc.). NÃO deverá ser traçada entre os revolucionários e as massas. Por exemplo, seria uma má estratégia para os revolucionários condenar os americanos pelos seus hábitos de consumo. Ao invés, o americano médio deveria ser retratado como uma vítima da indústria do marketing e publicidade, que tem andado a enrolá-lo para que este compre uma data de tralha de que não precisa, fraca contrapartida para a perda da sua liberdade.

---

36 Assumindo que tal golpe ocorre. Teoricamente o sistema industrial poderá ser destruído de uma maneira algo gradual ou fragmentada (ver parágrafos 4, 167 e a nota seguinte).

Qualquer das abordagens é consistente com os factos. É tão-só uma questão de postura, ou culpam a indústria da publicidade por manipular o público ou culpam este por se deixar enrolar. Por questões de estratégia, em geral, deveremos abster-nos de culpar o público.

191. Deveremos pensar duas vezes antes de encorajar quaisquer outros conflitos que não aquele entre a elite todo-poderosa (detentora da tecnologia) e o público em geral (sobre o qual é exercido o poder tecnológico). Por um lado, estes tenderão a desviar a atenção dos conflitos importantes (entre a elite empoderada e as pessoas comuns, entre a tecnologia e a Natureza); por outro, podem na verdade levar a um encorajamento da tecnologização, uma vez que qualquer dos lados num conflito quererá usar o poder tecnológico para ganhar vantagem sobre o adversário. Isto vê-se claramente nas rivalidades entre as nações e também aparece nos conflitos étnicos dentro destas. Por exemplo, na América muitos líderes negros andam num desassossego para colocarem negros na elite tecnológica do poder, como forma de empoderamento dos afro-americanos. Querem que haja muitos funcionários públicos negros, cientistas, executivos e por aí adiante. Deste modo estão a ajudar a absorver a subcultura afro-americana no sistema tecnológico. Em linhas gerais somente devemos encorajar os conflitos societários que possam caber na moldura dos conflitos entre a elite do poder e as pessoas comuns e entre a tecnologia e a Natureza.

192. NÃO se desencoraja o conflito étnico advogando militantemente em prol dos direitos das minorias (vejam os parágrafos 21 e 29). Em vez disso, os revolucionários deverão enfatizar que embora estas possam sofrer de discriminação em grau variável, a mesma reveste uma importância periférica. O nosso inimigo real é o sistema industrial-tecnológico e na luta contra o sistema as distinções étnicas não são importantes.

193. O tipo de revolução que temos em mente não envolverá necessariamente um levantamento armado contra um qualquer governo. Poderá ou não incluir o recurso à

—

violência física, mas não será uma revolução POLÍTICA. Incidirá sobre a tecnologia e a economia, não sobre a política.[37]

194. Provavelmente os revolucionários deverão até EVITAR assumir o poder político, por meios legais ou ilegais, até o sistema industrial se degradar ao ponto da quase ruptura, provando ser um falhanço aos olhos da maioria das pessoas. Suponham por exemplo que um partido dito "verde" ganhava o controlo do Congresso dos Estados Unidos numa eleição. De modo a não trair ou adulterar a sua ideologia teriam de tomar medidas vigorosas para transformar o crescimento económico em decrescimento. Para o homem comum os resultados pareceriam desastrosos: haveria desemprego maciço, falta de bens, etc. Mesmo que os efeitos negativos mais brutais pudessem ser evitados através de uma gestão híper-competente, ainda assim as pessoas teriam de começar a abdicar dos luxos nos quais se viciaram. A insatisfação cresceria, o partido "verde" perderia as eleições e os revolucionários sofreriam um severo revés. Por tal razão estes não deverão ensaiar a tomada do poder político até o sistema se ter metido em sarilhos tais que quaisquer dificuldades sejam tidas como resultantes dos fracassos deste e não das políticas dos revolucionários. A revolução contra a tecnologia provavelmente terá de ser feita pelos descartados, a partir da base e não do topo.

195. A revolução terá de ser internacional e global. Não pode ser levada a cabo numa nação de cada vez. Sempre que é sugerido que os Estados Unidos, por exemplo, devem cortar nos progressos tecnológicos ou no crescimento económico, as pessoas ficam histéricas e começam a gritar que se ficarmos para trás em tecnologia os japoneses passar-nos-ão à frente. Com a breca! O mundo sairá da sua órbita se os japoneses

---

37 Podemos mesmo conceber a remota hipótese de a revolução poder vir a consistir tão-somente numa massiva mudança de atitudes face à tecnologia, resultando numa desagregação relativamente gradual e indolor do sistema industrial. Se isto acontecer estaremos cheios de sorte. É muito mais provável que a transição para uma sociedade não-tecnológica seja muito difícil, cheia de conflitos e de desastres.

algum dia venderem mais carros do que nós! (O nacionalismo é um grande promotor da tecnologia). Num registo mais razoável, afirma-se que se as nações relativamente democráticas do mundo ficarem para trás em tecnologia, enquanto sórdidas ditaduras em países como a China, o Vietname e a Coreia do Norte continuam a progredir, eventualmente os ditadores poderão vir a dominar o mundo. É por isto que o sistema industrial deverá ser atacado em todas as nações simultaneamente, na medida em que tal seja possível. É verdade, não há nenhuma garantia de que o sistema industrial possa ser destruído aproximadamente em simultâneo por todo o mundo e é mesmo concebível que a tentativa de o derrubar possa conduzir, em vez disso, a um domínio do sistema por parte de ditadores. Este é um risco que tem de se correr. E vale a pena fazê-lo, uma vez que a diferença entre um sistema industrial "democrático" e um controlado por ditadores é pequena comparada com a diferença entre um sistema industrial e um não-industrial.[38] Pode até ser afirmado que um sistema industrial controlado por ditadores seria preferível, geralmente os sistemas controlados por estes provam ser ineficazes, daí que em tese a sua probabilidade de colapsar seria maior. Olhem para Cuba.

196. Os revolucionários poderão equacionar o favorecimento de medidas tendentes a associar a economia mundial num todo unificado. Acordos de comércio livre como o NAFTA e o GATT são provavelmente nocivos para o ambiente no curto-prazo, mas a longo-prazo poderão talvez ser vantajosos, porque promovem a interdependência económica entre as nações. A destruição do sistema industrial à escala planetária afigura-se tão mais fácil quanto maior for a unificação da economia mundial, o seu colapso em qualquer uma das principais nações conduziria à derrocada de todos os países industrializados.

---

38 Tanto a estrutura económica como a tecnológica de uma sociedade são muito mais importantes do que a sua estrutura política, na determinação do modo de vida do homem comum (ver parágrafos 95, 119 e as notas 17 e 20).

—

197. Algumas pessoas opinam que o homem moderno tem demasiado poder, demasiado controlo sobre a Natureza; argumentam a favor de uma atitude mais passiva por parte da espécie humana. Na melhor das hipóteses não se expressam de forma clara, porque não fazem distinção sobre qual é a natureza do poder a que se referem, conforme se trate de GRANDES ORGANIZAÇÕES ou de INDIVÍDUOS e PEQUENOS GRUPOS. É um erro argumentar a favor da impotência e da passividade, porque as pessoas NECESSITAM de poder. O homem moderno enquanto entidade colectiva, ou seja, o sistema industrial, tem imenso poder sobre a Natureza e nós (FC) vemos isto como sendo perverso. Ora os INDIVÍDUOS modernos e os PEQUENOS GRUPOS DE INDIVÍDUOS têm muito menos poder do que aquele que alguma vez coube ao homem primitivo. De um modo geral, o vasto poder do "homem moderno" sobre a Natureza é exercido não por indivíduos ou pequenos grupos, mas por grandes organizações. O comum dos INDIVÍDUOS modernos apenas pode fazer uso do poder da tecnologia dentro de limites estreitos e tão-só sob a supervisão e o controlo do sistema. (Necessita de uma licença para tudo e com esta vêm regras e regulamentos). Tem apenas os poderes tecnológicos que o sistema lhe outorga por seu livre alvedrio. O seu poder PESSOAL sobre a Natureza é pequeno.

198. Os INDIVÍDUOS primitivos e os PEQUENOS GRUPOS tinham na verdade um considerável poder sobre a Natureza; ou talvez seja melhor dizer no ÂMBITO da Natureza. Quando o homem primitivo necessitava de comida sabia como encontrar e preparar raízes comestíveis, como seguir a caça e abatê-la com armas artesanais. Sabia como proteger-se do calor, do frio, da chuva, dos animais perigosos, etc. Mas o homem primitivo causava relativamente pouco dano à Natureza porque o poder COLECTIVO da sociedade primitiva era negligenciável comparado com o poder COLECTIVO da sociedade industrial.

—

199. Ao invés de arguir a favor da impotência e da passividade, devíamos argumentar em prol da destruição do poder do SISTEMA INDUSTRIAL, tal AUMENTARIA de sobremaneira o poder e a liberdade dos INDIVÍDUOS e dos PEQUENOS GRUPOS.

200. Até ao completo desbaratamento do sistema industrial, a sua aniquilação tem de ser o ÚNICO objectivo dos revolucionários. Outros propósitos desviariam a atenção e a energia do objectivo principal. Para além do mais, se os revolucionários se permitirem ter qualquer outro objectivo para além da destruição da tecnologia, serão tentados a usá-la como uma ferramenta para o alcançar. Se cederem a esse apetite, cairão de novo na armadilha tecnológica, porque a tecnologia moderna é um sistema unificado e altamente organizado, de modo que, de molde a conservar ALGUMA da tecnologia, seremos obrigados a preservar a sua MAIOR PARTE, como tal apenas acabará por ser descartada uma quantidade simbólica de tecnologia.

201. Pressuponham, por exemplo, que os revolucionários erigiam a “justiça social” como objectivo. Sendo a natureza humana o que é, esta não ocorreria espontaneamente; teria de ser implementada. De modo a fazê-lo os revolucionários teriam de manter a organização e o controlo centrais. Para isso necessitariam de transportes e comunicações velozes e de longa distância e, portanto, de toda a tecnologia necessária para apoiar estes sistemas. Para alimentar e vestir os pobres teriam de usar tecnologia agrícola e industrial. E por aí adiante. De maneira que a tentativa de assegurar a justiça social forçá-los-ia a preservar a maioria dos componentes do sistema tecnológico. Não que tenhamos algo contra a justiça social, mas a esta não deve ser permitido interferir com o intuito de nos livrarmos do sistema tecnológico.

202. Seria inútil para os revolucionários tentar atacar o sistema sem usar ALGUMA da tecnologia moderna. No

—

mínimo têm de utilizar os meios de comunicação para espalhar a sua mensagem. Todavia, o seu uso deve ter UM só propósito: atacar o sistema tecnológico.

203. Imaginem um alcoólico sentado com um barril de vinho em frente dele. Imaginem que começa a dizer de si para si, "o vinho não é mau, se usado com moderação. Ora, há mesmo quem diga que pequenas quantidades de vinho só fazem é bem! Não me fará mal nenhum se eu tomar só um copito..." Bom, vocês já sabem o que vai acontecer. Nunca se esqueçam, a espécie humana está para a tecnologia como um alcoólico para um barril de vinho.

204. Os revolucionários deverão ter tantas crianças quantas puderem. Existem fortes evidências científicas em como as atitudes sociais são em larga medida herdadas. Ninguém está a sugerir que a constituição genética de uma pessoa seja directamente responsável por uma dada atitude social, mas aparentemente os traços de personalidade são parcialmente herdados e alguns destes tendem, dentro do contexto da nossa sociedade, a aumentar a probabilidade de um indivíduo ter esta ou aquela de tais atitudes. Foram levantadas objecções a estas descobertas, mas são frouxas e parecem ser ideologicamente motivadas. Em qualquer dos casos, ninguém nega que as crianças tendem em média a possuir atitudes sociais similares às dos seus pais. Do nosso ponto de vista não importa assim tanto se estas são transmitidas geneticamente, ou através da educação, na infância. Em qualquer dos casos SÃO transmitidas.

205. O problema é que muitas das pessoas que estão inclinadas a revoltar-se contra o sistema também estão preocupadas com os problemas populacionais, daí que sejam propensas a ter poucos ou nenhuns filhos. Donde, poderão estar a entregar o mundo ao tipo de pessoas que apoiam ou pelo menos aceitam o sistema industrial. Para assegurar a força da próxima geração de revolucionários a presente deverá reproduzir-se em abundância. Ao fazê-lo apenas piorarão o problema populacional ligeiramente. É que a questão candente

consiste em nos livrarmos do sistema industrial, uma vez este desaparecido a população mundial irá necessariamente decrescer (vejam o parágrafo 167); ao passo que se este sobreviver o desenvolvimento de novas técnicas de produção alimentar continuará e estas poderão permitir que a população mundial continue a aumentar quase indefinidamente.

206. No que concerne à estratégia revolucionária, os únicos pontos nos quais insistimos absolutamente são os seguintes; o único objectivo primordial tem de ser o da eliminação da tecnologia moderna e mais nenhum intuito pode ter permissão para competir com este. Quanto ao resto, os revolucionários devem fazer uma abordagem empírica. Se a experiência vier a indicar que algumas das recomendações indicadas nos parágrafos acima não irão dar bons resultados, então deverão ser descartadas.

—

DOIS TIPOS DE TECNOLOGIA

207. Um argumento que é provável que seja levantado contra a revolução que propomos é que esta está condenada a falhar, porque, afirmam, ao longo da História a tecnologia progrediu sempre, nunca regrediu, daí que a regressão tecnológica seja impossível. Mas tal alegação é falsa.

208. Distinguimos entre dois tipos de tecnologia, a que chamaremos tecnologia de pequena escala e tecnologia sistémica. A primeira pode ser usada por comunidades de pequena escala sem assistência exterior. A segunda depende de uma organização social de larga escala. Não conhecemos casos significativos de regressão no primeiro caso. Porém a tecnologia sistémica REGRIDE quando a organização social da qual depende colapsa. Exemplo: quando o Império Romano se desfez a tecnologia de pequena escala dos romanos sobreviveu porque qualquer sagaz artesão de aldeia podia construir, por exemplo, uma roda hidráulica, qualquer ferreiro abalizado podia fazer aço pelos métodos romanos e por aí adiante. Ora a tecnologia sistémica dos romanos, essa REGREDIU. Os seus aquedutos caíram em ruína e nunca foram reconstruídos. As suas técnicas de construção de estradas foram perdidas. O sistema romano de saneamento urbano foi esquecido e só em tempos bastante recentes é que o saneamento das cidades europeias se pôde igualar ao da Roma Antiga.

209. O motivo para a aparente progressão contínua da tecnologia reside no seguinte: até há, talvez, um ou dois séculos antes da Revolução Industrial, a maioria da tecnologia era de pequena escala. A partir daí a maioria da tecnologia desenvolvida é sistémica. Reparem nos frigoríficos por exemplo. Sem as peças feitas em fábrica ou as instalações de uma oficina mecânica pós-industrial, seria praticamente impossível a um punhado de artesãos locais construir um

frigorífico. Se por milagre fossem bem-sucedidos em construí-lo, ser-lhes-ia inútil sem uma fonte fiável de energia eléctrica. Teriam então de construir uma represa num riacho e construir um gerador. Os geradores requerem largas quantidades de fios de cobre. Imaginem tentar fazer esses fios sem maquinaria moderna. E onde conseguiriam eles um gás adequado para a refrigeração? Seria muito mais fácil construir um depósito de gelo ou conservar a comida por secagem ou salmoura, como era feito antes da invenção do frigorífico.

210. Por isso é claro que se alguma vez o sistema industrial fosse completamente desmantelado, a tecnologia da refrigeração seria rapidamente perdida. O mesmo é verdade em relação a outras tecnologias sistémicas. E uma vez que assistamos ao seu desaparecimento, durante uma geração, ou mais, a sua reconstrução levará séculos, tal como levou para a construir da primeira vez. Os livros sobre tecnologia sobreviventes serão poucos e dispersos. Uma sociedade industrial, se construída do zero, sem ajuda exterior, só pode ser edificada numa série de estágios: vão necessitar de ferramentas para fazer ferramentas, para fazer ferramentas para fazer ferramentas... A organização social terá que passar por um longo processo de desenvolvimento económico e de progresso. E, mesmo na ausência de uma ideologia que se oponha à tecnologia, não há razão para acreditar que alguém viesse a estar interessado na reconstrução da sociedade industrial. O entusiasmo pelo “progresso” é uma formulação peculiar da sociedade moderna e parece não ter existido antes do século XVII ou à volta disso.

211. Na Alta Idade Média havia quatro civilizações principais, com uma “progressão” mais ou menos paralela: a Europa, o mundo Islâmico, a Índia e o Extremo-Oriente (China, Japão, Coreia). Três destas civilizações permaneceram mais ou menos estáveis, só a Europa se tornou dinâmica. Ninguém sabe o porquê, os historiadores têm as suas teorias, mas são apenas especulação. De qualquer das maneiras, é evidente que são necessárias condições especiais para o rápido

—

desenvolvimento de um tipo tecnológico de sociedade. Por isso não há razão para concluir a favor da impossibilidade de ocasionar uma regressão tecnológica duradoura.

212. Será que EVENTUALMENTE a sociedade voltará a assumir uma forma industrial-tecnológica? Talvez, mas não vale a pena preocuparmo-nos com isso, uma vez que não podemos prever ou controlar eventos que venham a ocorrer daqui a 500 ou 1000 anos. Esses problemas deverão ser tratados pelas pessoas da altura.

—

O PERIGO DO ESQUERDISMO

213. Na sua busca por rebeldia e militância, os esquerdistas, ou tipos psicológicos similares, raras vezes se deixam atrair por um movimento insurreccional ou activista cujos objectivos e militância não sejam, à partida, de esquerda. Um afluxo desta laia pode facilmente transformar a natureza de um movimento, de tal maneira que os intuitos esquerdistas acabam por substituir ou distorcer os seus objectivos originais.

214. Para evitar isto, um movimento que exalte a Natureza e se oponha à tecnologia tem de tomar uma posição resolutamente anti-esquerdista, evitando qualquer cooperação com os seus apaniguados. O esquerdismo é, a longo-prazo, incompatível com a Natureza selvagem, a liberdade humana e a eliminação da tecnologia moderna. É colectivista; procura juntar o mundo inteiro, Natureza e espécie humana, num todo unificado. Ora isto implica a gestão da Natureza e da vida humana pela sociedade organizada e requer tecnologia de ponta. Não podemos ter um mundo unido sem transportes e comunicações rápidos, não podemos fazer com que todas as pessoas se amem umas às outras sem sofisticadas técnicas psicológicas, nem podemos ter uma "sociedade planificada" sem a necessária base tecnológica. Acima de tudo, o esquerdismo é impulsionado pela necessidade de empoderamento, os esquerdistas buscam o poder numa base colectiva, através da identificação com um movimento de massas ou uma organização. É pouco provável que o esquerdismo alguma vez descarte a tecnologia, porque esta é uma fonte demasiado valiosa de poder colectivo.

—

215. O anarquista[39] também procura o empoderamento, mas fá-lo numa base individual, ou no seio de um pequeno grupo; quer que os indivíduos e os pequenos grupos possam ter a capacidade de controlar as circunstâncias das suas próprias vidas. Opõe-se à tecnologia porque esta fomenta a dependência dos pequenos grupos face às grandes organizações.

216. À primeira vista alguns esquerdistas parecem opor-se à tecnologia, mas apenas o fazem enquanto opositores do controlo não-esquerdista do sistema tecnológico. Se o esquerdismo alguma vez se tornar dominante na sociedade, usá-la-á entusiasticamente e promoverá o seu crescimento como uma ferramenta ao seu dispor. Ao fazê-lo estarão a repetir um padrão que o esquerdismo já exibiu várias vezes no passado. Quando os bolcheviques, na Rússia, estavam na oposição, opunham-se vigorosamente à censura e à polícia secreta, advogavam a autodeterminação para as minorias étnicas e por aí adiante; mas mal chegaram ao poder impuseram uma censura ainda mais apertada e criaram uma polícia secreta ainda mais impiedosa do que qualquer uma que tivesse existido sob o regime czarista, oprimindo as minorias étnicas pelo menos tanto quanto os czares o tinham feito. Nos Estados Unidos, há um par de décadas, quando os esquerdistas eram uma minoria na universidade, os professores dessa área eram vigorosos proponentes da liberdade académica, mas hoje, nas faculdades onde os esquerdistas se tornaram dominantes, não têm peias em retirá-la a todos os outros. "Politicamente correcto *oblige*". O mesmo acontecerá com a tecnologia: Usá-la-ão para oprimir todos os outros, se alguma vez a tiverem sob o seu controlo.

---

39 Referimo-nos ao nosso tipo particular de anarquismo. Um vasto conjunto de atitudes sociais tem merecido o apodo de "anarquistas" e muitos dos que assim se consideram, eventualmente não aceitarão as nossas afirmações no parágrafo 215. Salientamos, a propósito, a existência de um movimento anarquista não-violento, cujos membros provavelmente não aceitariam o FC como anarquista e certamente não aprovariam os seus métodos violentos.

—

217. Em revoluções anteriores os esquerdistas, do tipo mais sedento de poder, reiteradamente começaram por cooperar com revolucionários não-esquerdistas e com esquerdistas de inclinação mais libertária, atraiçoando-os em seguida no fito de tomarem o poder para si próprios. Robespierre fê-lo na Revolução Francesa, os bolcheviques fizeram-no na Revolução Russa, os comunistas na Espanha de 1938 e Castro e os seus seguidores em Cuba. Dada a história passada do esquerdismo, os modernos revolucionários não-esquerdistas seriam absolutamente tolos se pensassem sequer em colaborar com os esquerdistas.

218. Vários pensadores salientaram que o esquerdismo é um tipo de religião. Não o é em sentido estrito porque a doutrina esquerdista não postula a existência de qualquer ser sobrenatural. Contudo, para o esquerdista, esta tem um papel psicológico muito similar àquele que a religião desempenha para algumas pessoas. O esquerdista NECESSITA de acreditar no esquerdismo; este possui um papel vital na sua economia psicológica. A lógica ou os factos não modificam facilmente as suas crenças. Tem a convicção profunda de que o esquerdismo está moralmente Certo, com um C maiúsculo e que ele tem não só o direito, mas o dever de impor a moralidade esquerdista a toda a gente. Contudo, muitas das pessoas a que nos referimos como sendo “esquerdistas” não só não se reconhecem como tal como não denominariam assim o seu sistema de crenças. Usamos o termo “esquerdismo” porque não encontrámos melhor para designar o espectro de credos relacionados com os movimentos feministas, dos direitos dos gays, do politicamente correcto, etc. e porque estes movimentos têm uma forte afinidade com a velha esquerda. (Atentem nos parágrafos 227 a 230).

219. O esquerdismo é uma força totalitária. Onde quer que este esteja numa posição de poder tende a invadir cada recanto privado e a constranger cada pensamento a um molde esquerdista. Em parte, isto é assim por causa do carácter quase-religioso do esquerdismo: tudo o que é contrário às

crenças esquerdistas representa Pecado. Além disso o esquerdismo é uma força totalitária por causa da vontade de poder dos esquerdistas. O esquerdista procura satisfazer a sua necessidade de empoderamento através da identificação com um movimento social e tenta levar a cabo este processo ao ajudar a perseguir e alcançar os objectivos do movimento (vejam o parágrafo 83). Porém não importa quão longe o movimento tenha ido na satisfação dos seus objectivos o esquerdista nunca está satisfeito, porque o seu activismo é uma actividade de substituição (vejam o parágrafo 41). Ou seja, a sua real motivação não consiste em alcançar os objectivos ostensivos do esquerdismo; na verdade é motivado pelo senso de poder que adquire, quer na luta por, quer na consecução de um dado objectivo social.[40] Consequentemente este nunca está satisfeito com os objectivos que já alcançou; a sua necessidade de empoderamento impele-o a perseguir sempre um novo objectivo. Quer oportunidades iguais para as minorias. Quando a alcança passa a exigir a paridade estatística no desempenho destas. Enquanto alguém tiver, nalgum recanto da sua mente, uma atitude negativa face a qualquer minoria, o esquerdista tem por missão reeducá-lo. E as minorias étnicas não são suficientes; não tolerará qualquer atitude negativa para com homossexuais, deficientes, gordos, velhos, feios, etc. Não é suficiente que o público esteja informado dos perigos do tabaco; há que estampar um aviso em cada maço de cigarros. Seguir-se-á a restrição ou mesmo o banimento da sua publicidade. Os activistas nunca estarão satisfeitos até o tabaco ser declarado ilegal e depois disso será o álcool, a comida de plástico, etc. Os activistas combateram as piores formas de abuso infantil, o que é razoável, mas agora querem acabar com todos os castigos físicos. Quando o tiverem feito quererão banir outra coisa qualquer que considerem insalubre, depois outra coisa e depois outra. Nunca estarão satisfeitos até terem o controlo completo

---

40 Muitos esquerdistas são de igual modo motivados pela hostilidade, mas esta provavelmente resulta, em parte, de uma necessidade de empoderamento frustrada.

—

sobre todas as práticas de educação infantil. E então passarão a outra causa.

220. Suponham que pediam a uns esquerdistas uma lista de TODAS as coisas que estavam erradas na sociedade e que, acto contínuo, instituíam todas as mudanças sociais exigidas por estes. É seguro dizer que dentro de um par de anos a maioria deles teria encontrado algo mais de que se queixar, algum novo "mal" social para corrigir; isto porque, mais uma vez, o esquerdista é motivado menos pela inquietação face aos males da sociedade do que pela necessidade de satisfazer a sua vontade de poder ao impor as suas soluções à sociedade.

221. Devido ao seu elevado nível de socialização, muitos esquerdistas do tipo hiper-socializado exibem um condicionamento intelectivo e comportamental que os inibe de perseguir o empoderamento pelas vias utilizadas pelas restantes pessoas. Para estes a vontade de poder tem apenas uma saída moralmente aceitável, a luta para impor a sua moralidade a todos.

222. Os esquerdistas, especialmente aqueles do tipo hiper-socializado, são Verdadeiros Crentes no sentido do livro de Eric Hoffer, *The True Believer*. Mas nem todos os Verdadeiros Crentes são do mesmo tipo psicológico que os esquerdistas. Presumivelmente um verdadeiro crente nazi, por exemplo, será muito diferente psicologicamente de um verdadeiro crente esquerdista. Por causa da sua capacidade de obstinada devoção a uma causa, os Verdadeiros Crentes são um útil, talvez mesmo necessário, ingrediente para qualquer movimento revolucionário. Isto apresenta um problema com o qual, admitamo-lo, não sabemos lidar. Não temos a certeza de como canalizar o potencial do Verdadeiro Crente para uma revolução contra a tecnologia. À data, tudo o que podemos dizer é que não será seguro recrutar nenhum Verdadeiro Crente para a revolução a menos que este esteja exclusivamente engajado na destruição da tecnologia. Se estiver igualmente empenhado noutro ideal, poderá querer usar a tecnologia como uma ferramenta na sua persecução (ver parágrafos 200, 201).

—

223. Alguns leitores poderão dizer, "esta história sobre o esquerdismo é uma data de tretas. Eu conheço o John e a Jane que são gente de esquerda e não lhes conheço todas essas tendências totalitárias". É bem verdade que muitos esquerdistas, a maioria possivelmente, são pessoas decentes que sinceramente acreditam na tolerância no que aos valores dos outros respeita, até certo ponto e que não tenciona usar métodos arbitrários para alcançar os seus objectivos sociais. As nossas observações acerca do esquerdismo não se destinam a cada esquerdista individualmente, antes a descrever o carácter geral do esquerdismo enquanto movimento. Ora o carácter geral de um movimento não é necessariamente determinado pelas proporções numéricas dos vários tipos de pessoas que nele se envolvem.

224. As pessoas que se alcandoram a lugares cimeiros nos movimentos de esquerda tendem a ser esquerdistas do tipo mais sequioso de poder, por serem os que mais se esforçam por subir na hierarquia. Uma vez tomado o controlo do movimento por estes, há muitos esquerdistas, de índole mais afável, que interiormente desaprovam muitas das acções dos líderes, mas que não conseguem arranjar ânimo para se lhes opor. NECESSITAM da sua fé no movimento e porque não podem desistir dela, alinham com os líderes. É verdade, ALGUNS esquerdistas têm a coragem de se opor às tendências totalitárias que emergem, mas geralmente perdem, porque os tipos sedentos de poder estão mais bem organizados, são mais impiedosos e maquiavélicos e tiveram o cuidado de construir uma forte base de poder para uso próprio.

225. Estes fenómenos ocorreram distintamente na Rússia e noutros países tomados por esquerdistas. Similarmente, antes do colapso do comunismo na URSS, a gente de esquerda no Ocidente raramente a criticava. Se espicaçados, admitiam que a URSS fazia muitas coisas erradas, mas depois tentavam encontrar desculpas para os comunistas e punham-se a falar sobre as falhas do Ocidente. Opuseram-se sempre à resistência

—

militar ocidental à agressão comunista. Esquerdistas de todo o mundo protestaram contra a acção militar dos EUA no Vietname, mas quando a URSS invadiu o Afeganistão, nada fizeram. Não que aprovassem as acções soviéticas; mas devido à sua fé esquerdista, não conseguiam suportar o ónus de se oporem ao comunismo. Hoje, naquelas faculdades onde "o politicamente correcto" se tornou dominante, há provavelmente muitos esquerdistas que em privado desaprovam a supressão da liberdade académica, mas alinham nela de qualquer modo.

226. Como tal, o facto de muitos esquerdistas serem moderados e relativamente tolerantes, a título individual, não impede de modo algum que o esquerdismo como um todo tenha uma tendência totalitária.

227. A nossa reflexão acerca do esquerdismo patenteia uma séria fraqueza. Está ainda longe de ser claro o que queremos dizer pela palavra "esquerdista". Não parece haver muito que possamos fazer quanto a isto. Hoje em dia, o esquerdismo está fragmentado num espectro de movimentos activistas. Contudo destes nem todos são esquerdistas, e alguns, por exemplo o ambientalismo radical, parecem incluir quer gente de esquerda quer personalidades de tipo totalmente oposto, que já deveriam saber que não se pode colaborar com os primeiros. Variedades de esquerdistas mesclam-se indistinta e gradualmente com variedades de não-esquerdistas e nós mesmos, muitas vezes, nos veríamos em palpos de aranha para decidir se um dado indivíduo é ou não um esquerdista. Na medida em que está definida de todo, a nossa concepção de esquerdismo é definida pelo arrazoado que dele fizemos neste trabalho, podemos tão só aconselhar o leitor a usar o seu próprio discernimento para decidir quem é esquerdista.

228. Todavia será útil listar alguns critérios para diagnosticar o esquerdismo. Estes não poderão ser aplicados de uma forma simplista: alguns indivíduos podem preencher alguns dos critérios sem serem esquerdistas, alguns destes poderão não cumprir nenhum dos critérios. De novo, ajuízem por vós mesmos.

—

229. O esquerdista pende para o colectivismo em larga-escala. Enfatiza o dever do indivíduo em servir a sociedade e o dever da sociedade em tomar conta do indivíduo. Tem uma atitude negativa para com o individualismo. Muitas vezes assume um tom moralista. Tende a ser a favor do controlo de armas, da educação sexual e de outros métodos educacionais psicologicamente "iluminados", da planificação social, da discriminação positiva, do multiculturalismo. É atreito a identificar-se com as vítimas. É propenso a ser contra a competição e contra a violência, mas muitas vezes encontra desculpas para os esquerdistas que a cometem. Gosta de usar os chavões comuns da esquerda, como "racismo", "sexismo", "homofobia", "capitalismo", "imperialismo", "neocolonialismo", "genocídio", "mudança social", "justiça social", "responsabilidade social". Talvez o melhor traço de diagnóstico do esquerdista seja a sua tendência para simpatizar com os seguintes movimentos: feminismo, direitos dos homossexuais, das minorias étnicas, dos deficientes, dos animais e politicamente correcto. Qualquer pessoa que simpatize fortemente com TODOS estes movimentos é quase certamente um esquerdista.[41]

230. Os esquerdistas mais perigosos, ou seja, aqueles que têm mais sede de poder, caracterizam-se muitas vezes pela arrogância ou por uma abordagem dogmática à ideologia. Contudo, os mais perigosos de todos poderão muito bem ser certos tipos hiper-socializados que evitam demonstrações de agressividade incómodas e se coíbem de anunciar o seu esquerdismo, mas que trabalham sorrateira e discretamente para promover valores colectivistas, técnicas psicológicas "iluminadas" de sociabilização infantil, a dependência do

---

41 Entenda-se, qualquer indivíduo que simpatize com estes MOVIMENTOS tal como existem hoje na nossa sociedade. Alguém que acredita que as mulheres, os homossexuais, etc. devem ter direitos iguais não é necessariamente um esquerdista. Os movimentos feministas, dos direitos dos "gays", etc. que existem na nossa sociedade revestem a particular coloração ideológica que caracteriza o esquerdismo e se uma pessoa acredita, por exemplo, que as mulheres devem ter direitos iguais daí não decorre forçosamente que tenha de simpatizar com o movimento feminista como ele existe hoje.

—

indivíduo face ao sistema e por aí adiante. Estes cripto-esquerdistas (como poderemos chamá-los) aproximam-se de certos tipos burgueses no que concerne à acção prática, mas diferem deles na psicologia, ideologia e motivação. O burguês comum tentar colocar as pessoas sob controlo do sistema de modo a proteger o seu modo de vida, ou fá-lo simplesmente porque as suas atitudes são convencionais. O cripto-esquerdista tenta colocar as pessoas sob controlo do sistema porque é um Verdadeiro Crente numa ideologia colectivista. O cripto-esquerdista diferencia-se do esquerdista médio do tipo hiper-socializado porque o seu impulso rebelde é mais fraco e a sua socialização mais conseguida. Diferencia-se do burguês comum bem socializado porque há uma profunda carência dentro dele que o obriga a devotar-se a uma causa e a submergir-se numa colectividade. E talvez que a sua, bem sublimada, vontade de poder seja mais forte do que a do burguês comum.

—

NOTA FINAL

231. Ao longo deste trabalho fizemos não só afirmações imprecisas como outras que deveriam ter sido alvo de todo o tipo de ressalvas e reservas e algumas das nossas asserções podem ser redondamente falsas. A falta de informação suficiente e a necessidade de brevidade tornou impossível uma formulação mais precisa, ou o aditar de todas as ressalvas necessárias. E claro, numa reflexão deste tipo, ficamos muitíssimo dependentes do julgamento intuitivo e este pode às vezes estar errado. Por isso não pretextamos que este artigo se avizinhe, mais do que toscamente, à verdade.

232. Ainda assim, estamos razoavelmente confiantes de que os traços gerais do quadro que aqui pintámos estão, ainda que grosseiramente, correctos. Há apenas um possível ponto fraco que necessita de ser mencionado. Retratámos o esquerdismo na sua forma moderna como um fenómeno peculiar hodierno e como um sintoma da disrupção do processo de empoderamento. Podemos ter-nos enganado, contudo. Tipos hiper-socializados que tentam satisfazer a sua vontade de poder, impondo a sua moralidade a toda a gente certamente que andam por aí há muito tempo. Todavia PENSAMOS que o papel decisivo desempenhado por sentimentos de inferioridade, de baixa auto-estima, de impotência, de identificação com as vítimas não o sendo, é uma peculiaridade do esquerdismo moderno. Esta última pode ser divisada em certa medida no esquerdismo do século XIX e na Cristandade inicial, mas até onde pudemos perceber, sintomas de baixa auto-estima, etc. não eram nem de longe tão evidentes nestes movimentos, ou em quaisquer outros, como o são no esquerdismo moderno. Conquanto não estamos em posição de poder asseverar confiantemente que tais movimentos não tenham existido antes deste. Esta é uma questão significativa, merecedora da atenção dos historiadores.